

OS TÊXTEIS JAPONESES COMEÇAM A INVADIR OS E. U. A. (NA PÁG. 3)

Diário de Lisboa

Nós e o Mundo
em

MESA
REDONDA

suplemento das sextas-feiras

Edição
da
noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO
QUINTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1970

DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
N.º 16 997 ANO 50.º PREÇO 1\$50

APOLLO-13: AMARAGEM ÀS 19 e 7 DE AMANHÃ

HOUSTON, 16 — (F. P. e R.) — A amaragem da Apollo-13 no Pacífico Sul terá lugar amanhã, às 19 e 7 (hora de Lisboa), anunciou oficialmente a N. A. S. A. Catorze minutos antes a cabina «Odiseia» entrará na atmosfera. A agência espacial havia previsto inicialmente que a Apollo-13 tocaria no mar às 19 e 13 do mesmo dia.

As coordenadas do ponto de amaragem previsto são 21 graus e 40 de latitude sul e 165 graus e 23 de longitude.

Entretanto, às 10 e 13 de hoje (hora de Lisboa) a «Apollo-13», encontrava-se a 251 391 km da Terra. A sua velocidade, por efeito da gravidade terrestre, aumenta constantemente. Era nessa altura de 5207 km/h.

A nave dirige-se para a Terra depois de ter sido accionado, com êxito, o motor que a canalizou para um corredor invisível que a conduzirá ao Oceano Pacífico.

Satisfeito, Jim Lovell, usualmente taciturno, declarou que a manobra tinha corrido melhor do que esperava. O motor que entrou em funcionamento para a manobra foi o do módulo lunar «Aquário» em consequência de não haver

energia no módulo do comando.

A missão de «contrôle» anunciou que voltara a avisar os astronautas se forem necessárias novas correcções da trajectória.

Conforme se esperava ho-

je soltou-se a válvula de segurança de um reservatório de hélio líquido do módulo lunar provocando oscilações anormais.

Ler mais notícias
nas págs. 10 e 11



É aqui que as duas avenidas se cruzarão a níveis diferentes

A Avenida dos Estados Unidos vai passar por baixo da de Roma

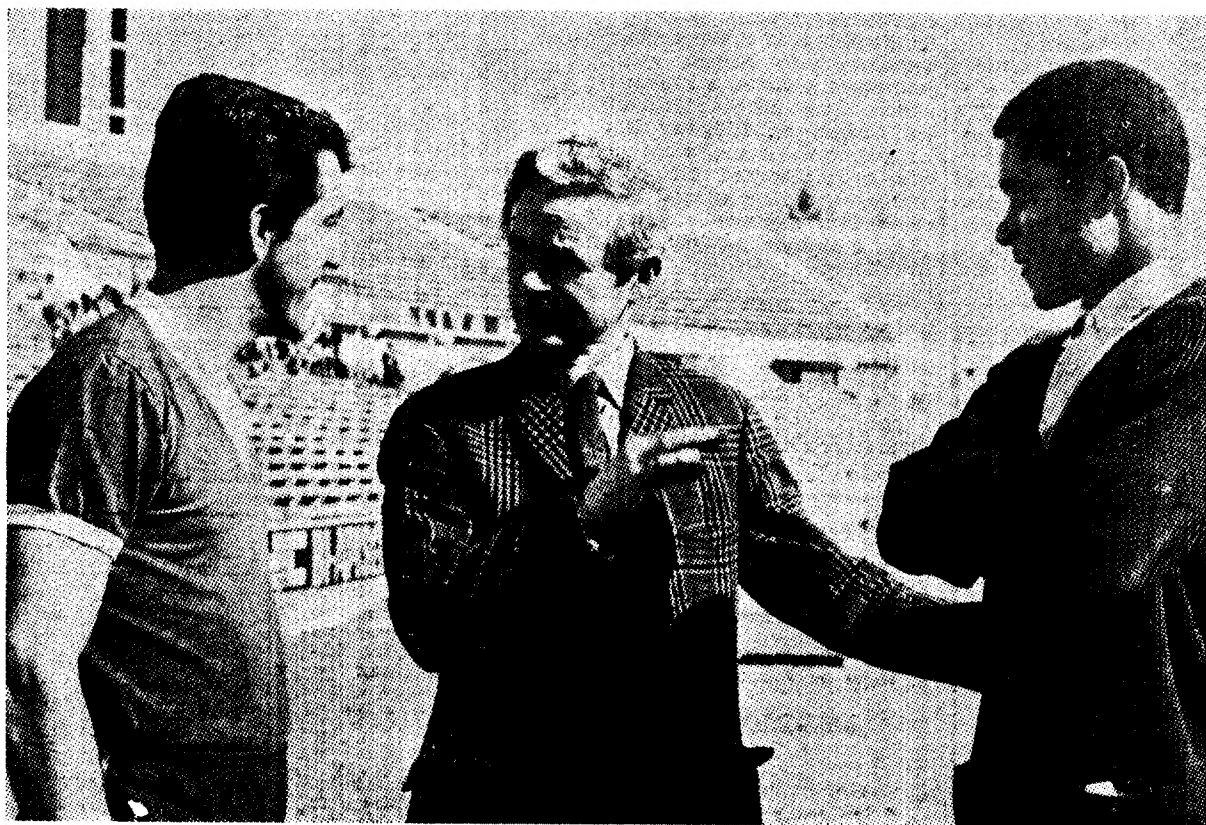
Aproveitando as escavações que, dentro de poucos meses, vão fazer-se no cruzamento da Avenida de Roma com a dos E. U. A., por motivo das obras da linha do metropolitano, será construído simultaneamente o viaduto há muito previsto e pelo qual a segunda daquelas artérias passará por baixo da primeira — foi anunciado esta manhã, na habitual reunião da Câmara Municipal de Lisboa, pelo respectivo presidente, eng.º Santos e Castro.

Nas suas palavras, a abrir o período «antes da ordem do dia», o eng.º Santos e Castro referiu-se a vários aspectos da situação geral do trânsito na cidade. Foi no âmbito destas considerações que anunciou aquele viaduto («seria indesculpável que se não aproveitasse a oportunidade e a economia das escavações que ali vão efectuar-se»), tendo ainda dito que a construção da Avenida de Telheiras entroneará já em desnível com a Avenida Marechal Carmona e que esta irá também passar em viaduto sobre o topo norte do Campo Grande, simultaneamente com o prolonga-

(Continua na 15.ª página)

ÚLTIMAS
NOTÍCIAS

LER NA 2.ª PÁGINA



DO YOU SPEAK ENGLISH?

contacto com os «craques» da Luz, que não via em acção desde 1967, quando o Benfica jogou em Wembley com o Manchester. (Ler na pág. 18 entrevista feita por Costa Pereira)

Jimmy Hagan, o novo treinador do Sport Lisboa e Benfica, entrou hoje ao serviço. Foi esta manhã apresentado aos jogadores, no Estádio da Luz. Conversou com José Augusto, falou com Eusébio, tomou (enfim)

FALSO ALARME

HOUSTON, 16 — (R.) — Uma luz avisadora a bordo da Apollo-13 deu, hoje, um novo falso alarme — o segundo nas últimas 12 horas.

A luz, ao acender-se, indicava uma possível avaria na segunda das três baterias eléctricas que estão a fornecer a corrente ao módulo lunar.

A estação de «contrôle» pediu aos astronautas que passassem a transmitir as informações telemétricas

através do emissor automático a um ritmo mais intenso, para se verificar se, realmente, havia enfraquecimento da corrente.

Tal como já tinha acontecido com a primeira bateria, ontem, à noite, verificou-se que a segunda bateria continuava com a amperagem normal, pelo que os astronautas foram informados de que não deviam fazer caso da luz avisadora, a qual deve estar avariada.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

O ministro da Educação Nacional, sr. prof. Veiga Simão, convocara para o seu gabinete, às 15 e 30 de hoje, o reitor, professores e alunos da Universidade de Coimbra. Esta reunião, porém, foi adiada para amanhã à mesma hora.



FALECEU O CONDE DA COVILHÃ

(Ler na 13.ª pág.)

36 PÁGS. — VISADO
PELA CENSURA

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

FRANCO NOGUEIRA PARTIU PARA A SUÍÇA

Partiu esta tarde para Suíça, de avião, o dr. Alberto Franco Nogueira. Segundo informações que pudemos colher, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros irá da Suíça aos Estados Unidos, onde planeia fazer diversas conferências.

Devido a esta deslocação, não é provável que o deputado Franco Nogueira volte a tempo de ainda tomar parte nos trabalhos

da Assembleia Nacional que encerram no fim do mês corrente.

BOBBIE GENTRY DIVORCIA-SE

HOLLYWOOD, 16 — (A. N. I.) — A cantora «pop» Bobbie Gentry e o dono do casino de Nevada, o milionário William Harrak, vão divorciar-se. Casaram-se,



BOBBIE GENTRY

em Reno, Nevada, em 18 de Dezembro findo e separaram-se cinco semanas depois — contou uma amiga de Gentry.

Os advogados de Harrak, que conta 58 anos e de Gentry, que tem 27, estão a tratar do arrolamento dos bens do casal.

Foi o primeiro casamento de Bobbie Gentry e o

Exposição de pintura

Na Galeira Buchholz, Rua Duque de Palmela, 4, é inaugurada amanhã, às 18 horas, uma exposição de pintura da autoria de Jorge Pinheiro.



Gravações do tempo da guerra estiveram esta madrugada, em «Tempo Zip»; transmitido através de Rádio Renascença. Motivo: os anos (68) de Fernando Pessoa. O conhecido locutor, apanhado de surpresa (fora convidado para aparecer no programa unicamente com o fim de fazer um «apontamento» com Luis Filipe Costa), não escondeu a emoção ao ouvir a sua voz de há tantos anos atrás (que pouco mudou, valha a verdade). Pessoa soprou 68 anos atrás, Maria Leonor, Silva Pinto, José do Nascimento, dá-lo: Mary, Maria Leonor, Silva Pinto, José do Nascimento, D. João da Câmara, Igrejas Caciço, etc. «Tempo Zip» e Pessoa continuam como na primeira hora: de parabéns

CONCURSOS INTERNACIONAIS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Começou hoje, em Lisboa, na F. I. L., a reunião do Conselho Organizador dos Concursos Internacionais de Formação Profissional, para jovens artifices. Para o efeito reuniram-se na capital os delegados técnicos dos países que participam nestes concursos — Alemanha Federal, Áustria, Bélgica, Coreia do Sul, Espanha, Itália, Japão, Irlanda, China Nacionalista, Suíça e Portugal, além dos componentes da secretaria internacional dos certames.

A reunião, cujos trabalhos se prolongam até amanhã, visa a definição de especialidades e pré-selecção das propostas de exercícios, apresentadas pelos países membros desta organização e de que sairá o programa para

Roberto Carlos passou por Lisboa

O popular cançonetista brasileiro Roberto Carlos passou esta manhã por Lisboa. A bordo de um avião da Varig, o cantor da «Bossa Nova» dirigiu-se a Roma e Milão, onde vai actuar. No regresso, Roberto Carlos, segundo afirmou, passará novamente por Lisboa e, então, talvez se demore mais algum tempo.

Ministro canadiano em Lisboa

Para mais um dia de estadia em Portugal, chegou a Lisboa, procedente dos Açores e Madeira, o ministro do Trabalho do Governo do Canadá, sr. Mac Kasey, que vem acompanhado da esposa.

UMA NOTA DA DIRECÇÃO GERAL DE SEGURANÇA

A Secretaria de Estado da Informação e Turismo, distribuiu a seguinte nota da Direcção-Geral de Segurança:

«O chamado Movimento Popular de Libertação de Angola (M. P. L. A.) cujas actividades criminosas se desenvolvem naquela província, infiltrou alguns elementos em determinados sectores da Metrópole.

Dos dez presos ontem entregues no Tribunal Criminal de Lisboa, alguns trabalhavam em Angola e outros prestavam-lhe apoio na Metrópole, encontrando-se entre eles um médico, um sacerdote e alguns estudantes.

Durante meses a sua acção foi estudada pelos serviços da Direcção-Geral de Segurança, tanto na Metrópole como no Ultramar, e as investigações a que se procedeu, conduziram à definição das responsabilidades agora sujeitas à apreciação judicial.

Na linha geral do Partido Comunista, do chamado Partido Socialista e outras associações ilegais que favorecem os movimentos terroristas, estão em actividade vários comités de luta anticolonial (C. L. A. C.) que a Direcção-Geral de Segurança tem referenciado, sobretudo na Universidade.

Foram detidos nestes últimos dias alguns estudantes, todos com ligações com o Partido Comunista ou com as referidas associações ilícitas, mantendo-se sob pri-

são aqueles que não podem ser postos em liberdade sem prejuízo da instrução do processo.

Dentro desta orientação foram caucionados e restituídos à liberdade os estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa: Vitorino das Neves Vieira Pereira, João Manuel Ferraz Machado da Graça e Manuel Fernando Barros de Carvalho Salazar.

Continuam presos os estudantes Jaime Gama, Maria Luísa Pires Marques Vaz de Oliveira e José Pires Marques de Oliveira, também da Universidade de Lisboa.

Prosegue a organização dos respectivos processos.»

Novo cargueiro português

STAVANGER (Noruega), 16 — Realizou-se hoje a cerimónia da entrega do navio português «Novo Redondo», de 16 000 toneladas, adquirido pela Companhia Nacional de Navegação, para reforço da carreira entre a Metrópole e o Ultramar. O novo navio da frota mercante portuguesa deve chegar a Lisboa brevemente para a sua primeira viagem aos portos das províncias portuguesas de África.

Trata-se de um cargueiro com bons porões para o transporte de mercadorias.

SUBIU O PREÇO DO GASÓLEO EM ANGOLA

LUANDA, 16 — (A. N. I.) — Aumentou o preço do gasóleo em Angola.

Entrou hoje em vigor um diploma legislativo que cria nesta província um imposto de utilização dos veículos automóveis a gasóleo e eleva de cinquenta centavos por litro os preços de venda ao público do gasóleo, para consumo interno. O referido imposto foi fixado em 3600 escudos anuais, para qualquer tipo de viatura com esse combustível.

Numa nota oficiosa distribuída à Imprensa, acerca do aumento, salienta-se:

«Não se esqueceram, entretanto, as dificuldades em que se debatem as populações radicadas nos distritos da Lunda, Moxico e Cuando-Cubango, nem as carências financeiras das autarquias administrativas que têm o encargo do fornecimento de água e energia eléctrica às diferentes localidades de Angola».

«Nesse sentido, o diploma legislativo inclui disposições em que concedem isenções, ou dão compensações, com a finalidade de manter a actual situação para quem viva naqueles distritos ou tenha o referido encargo».

MANUELA PAULINO

Manuela Paulino, locutora da R. T. P., é mãe, desde esta madrugada, de um do desportista dr. Luis Fiala, deu à luz um rapaz, com cerca de três quilos, na Clínica S. Miguel. Mãe e filho encontram-se bem.

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto

SEDE: PRAÇA DO MUNICÍPIO, 287, 5.º ESQ.
Telefone PPCA 2 89 34/5 — PORTO

CONVOCAÇÃO PARA A ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

A requerimento da Direcção e usando da competência que me confere o artigo 43 dos estatutos, convoco a Assembleia Geral deste organismo para o dia 18 do corrente, pelas 20.30 horas, no pavilhão gimnodesportivo do Estádio das Antas, nesta cidade, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Revisão do contrato colectivo de trabalho (fase arbitral);
- 2.º — Casa do Bancário — deliberação sobre uma proposta da Direcção de uma contribuição especial dos colegas destinada a novas instalações.

Se na hora marcada não comparecer número legal de sócios, funcionar a Assembleia meia hora depois, com qualquer número.

Porto e Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto, 14 de Abril de 1970

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
JOAQUIM COELHO DOS SANTOS

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL EXTRAORDINÁRIA

Ao abrigo do n.º 1.º do artigo 22.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral para reunir, em sessão extraordinária, no dia 18 do corrente, às 21 horas, no Pavilhão dos Desportos do Sport Lisboa e Benfica, Estádio da Luz, com a seguinte ordem de trabalhos:

REVISÃO DO CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO

Nos termos do § unico do artigo 19.º dos Estatutos, a Assembleia só poderá funcionar a hora marcada com a presença de, pelo menos, um quarto dos sócios do Sindicato, funcionando meia hora depois com qualquer número de sócios.

De acordo com o determinado no artigo 20.º dos Estatutos, só podem tomar parte na reunião da Assembleia Geral os sócios com mais de doze meses de inscrição, ou seja até ao n.º 14 369, inclusive.

Lisboa, 16 de Abril de 1970.

O presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) JOSÉ DE ANDRADE SOARES

Cofres de aluguer
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO



V SALÃO DE ANTIGUIDADES
ATÉ 26 DE ABRIL

FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

HORARIO:
DIAS ÚTEIS, DAS 17 AS 24 HORAS
SABADOS E DOMINGOS, DAS 15 AS 24 HORAS

ENTRADA 5\$00



OS TÊXTEIS JAPONESES COMEÇAM A INVADIR OS ESTADOS UNIDOS

WASHINGTON — Está a preparar-se um confronto económico de grande envergadura entre o Japão e os Estados Unidos. Pomo de discórdia: a questão da vaga incessante de produtos têxteis asiáticos baratos que penetra no mercado americano — questão que comporta consequências políticas para os dois países.

Como as negociações das duas partes não resultaram, a Administração Nixon está a ponderar uma legislação restritiva, indicou recentemente um funcionário governamental.

Isso representaria um endurecimento da posição da Administração Nixon, menta negociadas em detrimento das medidas legislativas. Outros funcio-

**Por
JEAN NUGENT PEARCE**

(Exclusivo «The Washington Post» - «D. L.»)

que sempre favoreceu o estabelecimento de quotas para os têxteis voluntária-

nários do governo recusaram-se a qualificar a mudança de atitude operada na «posição da Administração», fazendo supor que não tinha sido adoptada ainda nenhuma atitude unificada.

Já há mais de um ano que a Administração procura obter do Japão um acordo que limite voluntariamente as suas exportações para os E. U. A. de têxteis manufacturados de lã e seus produtos acabados as importações de têxteis de algodão já estão limitadas desta maneira).

O presidente Nixon reafirmou o que disse na campanha presidencial, a saber que a indústria têxtil americana precisa de ser aliviada das dificuldades que lhe causam essas importações japonesas que não são nem necessárias nem possíveis.

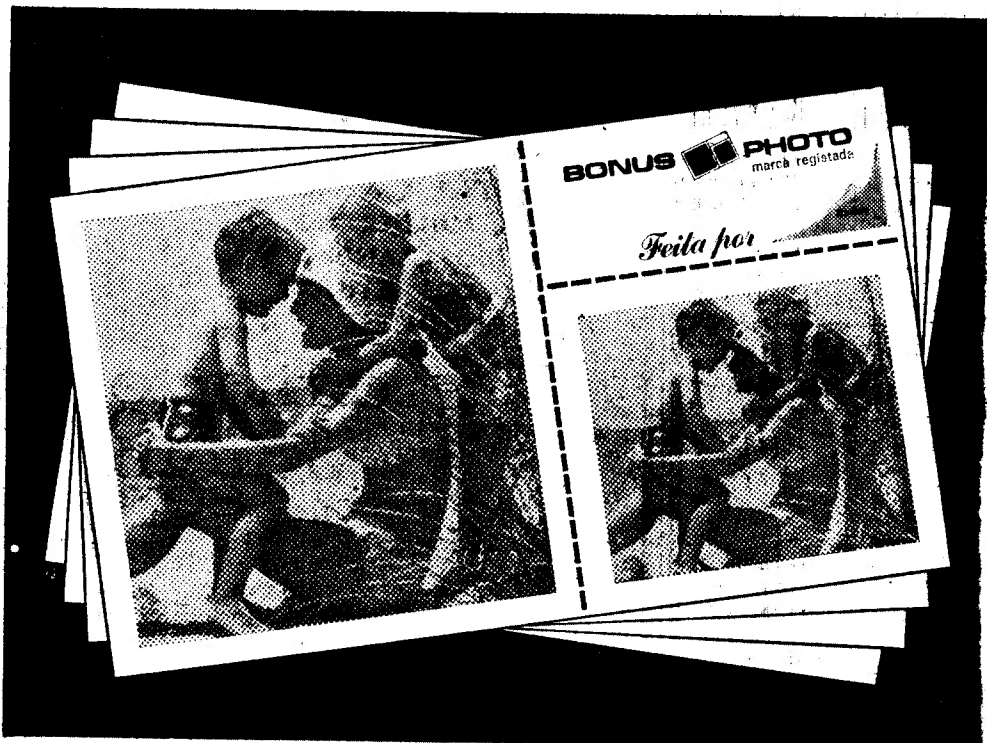
Os dois governos estão fortemente empenhados na defesa das suas indústrias têxteis, de grande importância nos dois países e que ocupam, tanto num como noutro, abundante mão-de-obra.

O funcionário governamental que participou nas negociações mas não quis que o identificassem, qualificou a resposta final do governo japonês de «arrogância fantástica». Predisse que o governo americano não faria mais propostas, acrescentando que a iniciativa caberia agora a Japão. Se os japoneses querem continuar a discussão «a porta continua aberta».

Um vento de protecção sopra agora com muita força, no Congresso. Mais de cem medidas de contingência foram propostas, recaindo sobre uma dúzia de produtos.

**RESTAURANTE
HOTEL D. FUAS
O LACERDA**

Sempre marcado vivo no seu viveiro dentro do Salão
Único no País
Tel. 46351 NAZARÉ



**Agora
a Kodak oferece-lhe
2 fotografias...
...pelo preço de 1**

com **Bonus Photo**

marca registada

Exija-a nos Revendedores Kodak



onde vir este símbolo

Kodak

Com Bonus Photo será um duplo prazer fotografar a cores. A Kodak oferece-lhe — sem qualquer aumento de preço — o dobro das fotografias do seu rolo Kodacolor-X formato 126. Terá sempre, de cada negativo, uma fotografia para o seu álbum e outra para oferecer à família e aos amigos. Bonus Photo é picotada de modo a separar-se facilmente.

Com a garantia de qualidade dos Laboratórios Kodak

**«A ESTALAGEM E A RESIDENCIAL
DE SANTA MARIA DA ARRÁBIDA»**

33 QUARTOS COM CASA DE BANHO

Informam os Ex.^{mos} Clientes e Amigos que nos dias 17 e 18 se encontram reservados todos os quartos.

TELEF. 228 927 PORTINHO DA ARRÁBIDA

FÉRIAS NO ALGARVE

AS MELHORES E MAIS ECONÓMICAS

MOTEL «PRAIA VERDE»

Confortáveis Bungalows no pinhal frente à
mais linda praia

Restaurante com requintada cozinha regional
Reservas: telefone 5004 de Vila Real de Santo António
ou 326335 de Lisboa

**Nota
do dia**

QUAL UNIVERSIDADE?

O PROF. MILLER GUERRA, na conclusão do seu anunciado aviso-prévio, disse na Assembleia Nacional que «a Nação, por tanto tempo ignorante do que é verdadeiramente a Universidade, começa a compreender que ela não consiste numa fábrica de doutores que mandam na gente, mas que é a central geradora de energia mais portentosa do seu desenvolvimento». Isto parece-nos da maior importância que se diga pois, onde tudo parece necessário transformar e reformar, o próprio conceito que o País tenha do que é e do que vale a Universidade é uma peça fundamental do processo que está a correr.

Tradicionalmente era assim esse conceito, tal como o identificou o dr. Miller Guerra: «uma fábrica de doutores que mandam na gente». Está nos livros o que era, no tempo do rotativismo monárquico, o afã com que os grandes chefes ou os grandes caciques locais faziam ano após ano a «prospecção do mercado» dos cérebros e das influências que a Universidade lançava cá para fora. Não ficou célebre a frase que a essa operação se referia ao dizer-se que o sr. José Luciano fazia em Coimbra a sua «remonta» anual? Toda a gente sabia e toda a gente o dizia.

Os próprios estudantes fizeram, ao longo dos tempos, com que se fosse prolongando essa tradição de conceito, esse mau juízo popular sobre o sentido da missão universitária. Para muita gente, a vida universitária é um regabote de festas, de cantigas e guitarradas, a estrada de Damasco conducente à obtenção de um diploma que havia de funcionar como chave (se não como gazua) para abrir todas as portas aos benefícios da vida. Claro que hoje deixou já de ser exactamente isso, porque o Sol, aliás a Terra todos os dias dá uma volta à volta do Sol. Mas ainda muita gente pensa que assim pode ou deveria ser. A verdade é que já não é.

A habilitação universitária não é mais a simples conquista de títulos e honras para conquistar posições na vida. Se quisermos ir mais além, haveremos até de dizer que ela deixou de ser um simples objectivo individual para se converter num desígnio da comunidade em que todos nos integramos. Claro que há, não deixa de haver, da parte da própria comunidade consciente, o desejo de ver elevar-se o nível cultural dos seus componentes. Mas há, para além disso, um verdadeiro imperativo, que é o que nos aponta a necessidade de dispormos de gente habilitada para as mais urgentes tarefas de encaminhar o nosso futuro.

Qual seja esse futuro, quer às ansiedades que por ele nos movem se chame progresso ou se chame desenvolvimento, havemos de ter forças para entender que ele está nas nossas mãos. Antes de mais nada, é preciso pegar no mapa das carências, avivá-las a cores diferentes sobre o mapa do País, pegar nas estatísticas, colher informações e raciocinar sobre elas. Quantos somos? Como é que vivemos, nós os de Lisboa ou nós os das pequenas aldeias que o deputado eng.º Camilo de Mendonça já pensa em apagar do mapa? Como é que se vive por aí fora, o que é que falta?

Inventariar as necessidades, medir as possibilidades, prever evoluções possíveis, todas as que forem possíveis, fazer a prospectiva das reconversões que poderemos ser forçados a empreender, porque poderemos ser forçados pelas circunstâncias do nosso interesse, até mesmo porque a História hoje se escreve apressadamente. E daí perguntar, inquietar e decidir quanto precisamos de agrónomos, veterinários, engenheiros, professores, médicos e daí, um bocadinho abaixo, quantos vice-agrónomos, subveterinários, meios engenheiros, médicos, mesmo professores que nem todos hão-de ser doutores mas todos hão-de ser precisos (e a isto voltaremos). A Universidade que se quer e de que se precisa é esta, a que for capaz de apostar no trabalho. O tempo dos palradores já não é o nosso tempo.



Crédito Universitário

BANCO DO ALENTEJO

TAKE FIVE



CONJUNTO VOCAL AUSTRALIANO

LIDIA RIBEIRO

no grande salão restaurante às 23.30h m. 17 anos

NOVO CASINO ESTORIL



SALA DE JOGOS

"SLOT MACHINES"

THE JOANIDES

originais acrobatas

BIJOU DE VIENNE

só no wonder bar

BENTYBER RANGERS



CLAUDETTE WALKER

LINDSEY DOLAN

FORMAS COM VITOR E PAUL

JIRINA'S COMBO

FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

no wonder bar à 1.00h m. 17 anos

NO CINEMA, às 17 e 21.30 horas — LONDRES É DE GRITOS — (M. 12 anos)

INDISCUTIVELMENTE

O MELHOR FILME DO ANO

TÍTULO CONFERIDO PELA ACADEMIA DE HOLLYWOOD
E PELA ACADEMIA INGLESA DE CINEMA

VENCEDOR DE 11 PRÊMIOS
INTERNACIONAIS

O COWBOY DA MEIA-NOITE

"MIDNIGHT COWBOY"

DE
JOHN SCHLESINGER
COM:

DUSTIN HOFFMAN
JON VOIGHT

3.^a

SEMANA

NO



ADULTOS



O DRAMA DE UM HOMEM INCORRUPTÍVEL E A VIDA SECRETA DE UMA MULHER NO MUNDO CLANDESTINO DOS ESTUPEFACIENTES!



a morte
não tem
sexo
(showdown)
EASTMANCOLOR



ROMA
ESTREIA
HOJE
ÀS 21.45
(ADULTOS)

JOHN MILLS
ROBERT HOFFMANN
LUCIANA PALUZZI

TEATRO DA TRINDADE
(F. N. A. T.)
TEMPORADA POPULAR DE ÓPERA
MAIO A JULHO DE 1970
COMPANHIA PORTUGUESA DE ÓPERA
DA F. N. A. T.

REPORTÓRIO

«CARMEN», de Bizet; «LA RONDINE», de Puccini; «FAUSTO», de Gounod; «CAVALLE-RIA RUSTICANA», de Mascagni; «RITA», de Donizetti e «MADAME BUTTERFLY», de Puccini.

PREÇOS POPULARES

Hoje, dia 16 e amanhã, dia 17, últimos dias para os antigos assinantes

Espectáculos para maiores de 12 anos

ESTREIA DA TEMPORADA A 1 DE MAIO
COM A ÓPERA «CARMEN», de Bizet.

**SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO**

Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos.

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro a hipotecar, ou a transferir, ou alterar o seguro: até 40 meses. Rua D. Estefânia, 81, 3.º Dt. — Telex: 40049 - 569751. Aguardo sua visita e telefonema.

Artistas jovens e talentosos constituem a companhia do Harkness Ballet de Nova York

No dia 23, o Teatro Nacional de S. Carlos abre as suas portas ao público para apresentar o Harkness Ballet de Nova York, um dos mais altos expoentes da dança e do «ballet» não só norte-americanos mas também mundiais.

Companhia constituída por um naipe de admiráveis bailarinos jovens, e tanto as suas estrelas como os seus solis

tas e o seu corpo de ballet são bem o exemplo do alto nível artístico e técnico dos bailarinos americanos de hoje. Mas se os artistas do Harkness Ballet são um dos principais motivos da categoria excepcional da companhia, também ela se tem distinguido mediante a surpreendente qualidade do seu repertório, todo ele constituído por obras assinadas pelos mais distintos e modernos dos coreógrafos.

E assim que iremos ver e apreciar dentro de dias uma série de bailados bem representativos do nosso tempo: «Madrigalesco», «Diable à Quatre», «Grand Pas Espagnol» e «La Favorita», de Ben Harkavy; «Sebastian» e «After Eden», de John Butler; «N. Y. Export. Op. Jazz», de Jerome Robbins; «Feast of Ashes» (Bodas de Sangue), de Alvin Alley; «Night Song», de Norman Walker; «Canto Índio» e «Time out of Mind», de Brian Mac Donald; e «Monument for a Dead Boy», de Rudi van Dantzig.

O aniversário de Chaplin no «Primeiro Acto»

No prosseguimento das actividades programadas para este mês, vai o «Primeiro Acto» Clube de Teatro comemorar hoje, às 21 e 30, o aniversário de Chaplin, promovendo uma sessão de cinema em que se exibirão alguns dos seus filmes.

Amanhã realizar-se-á uma sessão de trabalho subordinada ao tema «Espaço Teatral»; no dia 24 haverá um espectáculo de canções com o padre Fanhais, Rui Mingas e Francisco Maia; a 25, sessão de trabalho sobre «Clubes de Teatro».

Todas as sessões realizam-se às 21 e 30, no «Primeiro Acto», Rua Eduardo Augusto Pedroso, 16-A, em Alges.

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos

**10.ª SEMANA
DE ÊXITO**

DA

A RELÍQUIA
DE QUEIROZ

TODAS AS NOITES
AS 21.45 HORAS

Sábados e Domingos
também às 16 h.

Na tarde de sábado e nos
2 espectáculos de domingo,
os jovens dos 17 aos 24 anos
têm 50% de desconto
(Maiores de 17 anos)

Produção de IGREJAS CAEIRO

DOMINGO, AS 11 HORAS

DA MANHÃ

6.º CONCERTO em DIALOGO

J. M. P. (6 anos)

SEGUNDA-FEIRA

DIA 20, AS 21.30 H.

RECITAL

P. RAMÓN OUE

«MI CRISTO ROTO

DE CASA EN CASA»

com a colaboração de

D. Vicente da Câmara

a favor do

CENTRO SOCIAL

DA MUSGUEIRA

(Bilhetes à venda)

(6 ANOS)

**CASA DA
COMÉDIA**
R. S. Francisco
Borja, 22
Marçães
Tel. 677299

apresenta hoje, amanhã
e depois às 18.30 h.
de Felice Boschma
sábado e domingo às 16 h.
MARIONETAS

(maiores de 6 anos)

com o patrocínio da IMAVE
a Casa da Comédia é subsidiada
pelo Fundo de Teatro

CAPITÓLIO

Telef. 320379

As 21.45 horas

(Maiores de 17 anos)

A CELESTINA

Um espectáculo de rara classe
e de sensacional interesse
com AMÉLIA REY COLAÇO

Sábado e Domingo

— Tarde às 16 horas

DINERS CLUB PORTUGUÊS
em colaboração com o

BANCO DO ALENTEJO

Um crédito sempre aberto para todas as suas despesas



**MARIA
VITÓRIA**

(ADULTOS)

UM ESPECTÁCULO
DE
GIUSEPPE BASTOS
E
VASCO MORGADO

A GRANDE ATRACÇÃO
SABRINA

NO «COMPÈRE»
OCTÁVIO DE MATOS

JOSÉ VIANA
na
«Criada Nova»

• HOJE, ÀS 20.45 E 23 HORAS
2 SESSÕES • ESPECTÁCULOS DE HOMENAGEM AOS AUTORES DA SENSACIONAL REVISTA

• **O PRATO DO DIA!...** •

ORIGINAL DE ANÍBAL NAZARÉ E JOSÉ VIANA,
COM MÚSICA DE JOÃO NOBRE E CARLOS DIAS
• O TRIUNFO TOTAL DE UMA MAGNIFICA COMPANHIA,
COM:

• JOSÉ VIANA • AIDA BAPTISTA
• BARROSO • DORA LEAL
• VICTOR MENDES • MARIANO FRANCO • CARLOS MIGUEL • DINA MARIA • CRISTINA CASSOLA • E DE NOVO NESTE TEATRO
• ANITA GUERREIRO

• DOMINGO, «MATINÉE», ÀS 16 HORAS •

ANITA GUERREIRO
no «Bairro onde eu moro»

VASCO MORGADO APRESENTA

AR CONDI (ONAD)
**TEATRO
VILLARET**
(ADULTOS)
o mais moderno e confortável de Lisboa

**5.º MÊS
A FAZER RIR**

HOJE, ÀS 21 E ÀS 23 HORAS



ARTUR SEMEDO
é o Sr. Garcês, um doidinho
por solas na comédia

**OVISSON
VOADOR**

COM

RAUL SOLNADO

IO APOLONI, FERNANDA BORSATTI, YOLA, GEORGINA CORDEIRO, MARIA e ainda ARTUR SEMEDO, VASCO DE LIMA COUTO, DAVID SILVA, ROLANDO ALVES e a colaboração de MARIA PAULA

Dias 21 e 22 de Abril, às 18.30 h.
(Adultos)

• **RECITAL
PATXI ANDION**

com a colaboração de

Ruy Mingas e José Barata Moura

(Bilhetes à venda)

50% de desconto para estudantes



JOSÉ MIGUEL
apresenta a revista

PEGA DE CARAS

com IVONE, TONI,
NICOLAU, F. BAPTISTA,
Óscar Acúrcio, Linda Silva,
Clarisse Belo e Maria Eva,
é frente de um grande elenco.
DOMINGO «MATINÉE»



Escolha
o ambiente em que quer viver...

... ou trabalhar. A Sopal e o Banco Totta & Açores criaram, pela primeira vez em Portugal, o sistema moderno e prático que torna possível a decoração e o equipamento da sua casa ou do seu escritório. O pagamento dos seus serviços

é feito através de fracções mensais, sem qualquer agravamento de preços. A Sopal resolve o problema da decoração consigo. O Banco Totta & Açores resolve para que o pagamento não seja problema.

UTILIZE O NOSSO «PLANO DE VENDAS A PRESTAÇÕES»
EM COLABORAÇÃO COM O

BANCO TOTTA & AÇORES

S

SOPAL DECORA/REVESTE/EQUIPA
Rua Ivens, 58-64 • Tel. 37 01 66/7/8/9
LISBOA

A SOPAL
Rua Ivens, 58-64

Queiram enviar-me o vosso folheto explicativo sobre Decoração, Revestimentos e Equipamento.

Nome

Morada

DEPOIS DA «DESFOLHADA»

A primeira noite da «Canção de Madrugar»

«Esta letra traz muita coisa por detrás de cada palavra.» Foi assim que José Carlos Ary dos Santos abriu o primeiro ensaio da canção mais credenciada do Festival da Televisão deste ano. Presentes à «premiere» íntima, além do citado autor, o compositor Nuno Nazaré Fernandes e sua mulher, France (recém-vinda do país do mesmo nome), o intérprete, Hugo Maia Loureiro e, por amigável «tração», o jornalista.

Continuando a sua exaustiva explicação do espírito da letra ao intérprete, disse o poeta: «Cantar não é só musicalizar. É preciso que cada um entenda, com gravidade, o papel que desempenha através de cada palavra. Cantar é, de certo modo, oralizar a poesia. E cantar uma «Canção de Madrugar» pode, de alguma maneira, acordá-la. Madrugar é amanhecer. Amanhecer é viver: voltar os olhos para a luz de um dia novo e aceitá-lo (no esquema da canção), quem sabe se primeiro através dos ouvidos e dos olhos, dos músculos e da pele, logo no coração, na alma e quicá na consciência.»

Após estas palavras iniciais, começou o ensaio. Nuno Nazaré Fernandes pegou da viola e deu os primeiros acordes. Hugo Maia Loureiro, armado de gravador (estudara antes) «abalancou-se» à música, forte, expressiva, viva, contramontada. Amplitude interrompida por Ary dos Santos (cada frase era um crivo de reparo, um cuidado de mensagem), mostrou que seria capaz no entender geral, de chegar rapidamente

ao exacto ponto de comunicação requerido.

Pareceu-nos que, efectivamente, as explicações dadas pelo autor da letra lhe virão a servir de muito. Os nossos canconetistas, em geral, são autómatos, despejam palavras cujo significado não procuram entender. A preocupação de Nuno Nazaré Fernandes e, em especial, de José Carlos Ary dos Santos é dar, aos seus intérpretes, uma noção de responsabilidade. E, por isso, exigem-lhes (com certa violência, por vezes, valha a verdade) a compreensão do que dizem.

O ensaio (que terminou de madrugada) foi, todo ele, uma tarefa de responsabilização. Nós, que assistimos, passo a passo, minuto a minuto, à transformação de um intérprete inicialmente assaz mecânico no instrumento vivo de um difícil, mas conseguido, complexo musical-literário, ficámos, pelo menos, convencidos do dom da comunicação.

«Havia uma canção para Simone»

Fim do ensaio abordámos, particularmente, cada um dos três responsáveis por «Canção de Madrugar». Perguntámos a Nuno Nazaré Fernandes como «mascara» a melodia. Respondeu:

— Nasceu por distânciação. E por amor. E por vontade.

— Porque escolheu José Carlos Ary dos Santos para autor da letra?

— Naturalmente...

— Pensa que «Canção de Madrugar» vai vencer?

— Não se trata de um festival?

— Conhece as outras canções?

— Conheço a minha... — Porque foi escolhido, para a interpretar, o Hugo Maia Loureiro?

— Terá a resposta no dia 22 de Maio, seja qual for o resultado...

Mudando um pouco o rumo da conversa, falámos de Simone. Quisemos saber se, no caso de a conhecida artista se encontrar em condições, seria ela a escolhida para interpretar a canção. Respondeu:

— Dado o carácter de «Canção de Madrugar», ela só poderia ser interpretada por um homem. Aliás, havia uma canção reservada para Simone, que considero tão boa ou melhor que esta («Terras de Garcia Lorca», igualmente com letra de Ary dos Santos), a qual... por razões de critério selectivo... não foi escolhida. Será, no entanto, lançada logo que Simone possa cantá-la...

«Amanheço todos os dias»

A Ary dos Santos perguntámos: «Entende que Canção de Madrugar poderá vir a ter o mesmo êxito popular que «Desfolhada?» Respondeu:

— Decerto. Acredito na poesia.

— Mas sente a mesma confiança?

— Para um poeta, a confiança decorre apenas da Esperança. Que mais quer que lhe diga? Que espero? Seria ridículo. Que desespero? Seria descabido. A ver vamos...

— Mas não pensa que vai ganhar?

— Sempre adorei jogar ao berlinde. Não sei porque, a sua pergunta (ou a minha resposta) faz-me lembrar um grande poeta e amigo distante: Mário Cesariny de Vasconcelos.



Nuno Nazaré Fernandes, José Carlos Ary dos Santos e Hugo Maia Loureiro: três nomes jovens para «Canção de madrugar»

— Porque «Canção de Madrugar»?

— Porque, apesar de tudo, amaneço todos os dias.

«Acredito em nós»

Finalmente, Hugo Maia Loureiro, Revelado por «Zip-Zip», o jovem canconetista, que ama a terra, os tractores, algum judo e é quase regente agrícola, diz-nos na pujança de um talento ainda não estragado:

— Acredito na minha canção. Aliás, acreditar faz parte da minha maneira de ser. Conheço superficialmente as concorrentes. Mas acredito no Nuno. Acredito no Ary. E — passe a imodéstia — acredito em mim.

«A Publicidade e o Jazz»

A partir das 21 e 30, promove esta noite o Clube Português dos Publicitários mais uma das suas habituais reuniões das quintas-feiras, com uma sessão fotográfica e colóquio subordinado ao tema «A Publicidade e o Jazz».

A análise da ligação entre a publicidade e o jazz são tão frequentes entre nós, as implicações e afinidades entre os dois ramos distintos de actividade profissional tão comentadas, que a sessão desta noite no Clube Português dos Publicitários é, segundo os promotores, uma iniciativa da maior actualidade.

Intervirão, como convidados especiais nas discussões e debates sobre o assunto, José Duarte, Luís Vilas-Boas, Manuel Jorge Veloso, Paulo Gil, Raul Calado, Raul Vaz, Bernardo, Rui Cardoso e Jorge Costa Pinto.

A
RANK XEROX LIMITED
tem o prazer de comunicar que realisa no Hotel Ritz Lisboa nos dias 5, 6 e 7 de Maio, uma exposição de equipamento de cópia e duplicação para demonstração, feita por técnicos especializados, de modernos processos de racionalização documental, adequados a qualquer tipo de empresa.

RANK XEROX

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Também V. Exa. poderá obter um bom rendimento com um salão de lavandaria «self-service»

Miele

É a fórmula do futuro: um número considerável de pessoas entenderam-no assim e hoje obtêm já bons benefícios. Uma pessoa só, pode encarregar-se duma instalação, mesmo importante; não é necessário nenhum conhecimento técnico.

MIELE, o especialista das máquinas para salões de lavandaria «self-service», calculará o número de aparelhos necessários no seu caso pessoal e o rendimento respectivo.

As máquinas de lavar roupa «self-service» MIELE funcionam com selectores de moedas incorporados. São totalmente automáticas. A cliente escolhe pessoalmente o programa de lavagem mediante um selector de comando único.

Agente Oficial:

SEBES

CONSULTÓRIO TÉCNICO E COMERCIAL, LDA.

Av. do Brasil, 200, r/c. — Tel. 722071/2 — LISBOA-5

MINISTÉRIO DO EXERCITO

DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE 69/DSM

Faz-se publico que na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 1890, 3.º, em Lisboa, se encontram abertos os Concursos Públicos seguintes:

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
12/70-PAE69	Sobremarchantes p/ viaturas Land Rover 88 e 109	3% do valor das propostas	18 MAI 70	18.30 H.
13/70-PAE69	Sobremarchantes p/ viaturas Jeep 1/4 Ton. MB	3% do valor das propostas	24 MAI 70	18.30 H.

Os respectivos Cadernos de Encargos podem ser consultados todos os dias úteis, das 14 às 18 horas e até às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das licitações.

Lisboa, 13 de Abril de 1970.

© Presidente da COMPAE 69/DSM,
Luís Borges-Ramos
Ten. Cor. Eng.º SM

SER EMPRESÁRIO IMPLICA UMA VISÃO TAMBÉM SOCIAL

—afirmou o secretário do Trabalho
na assinatura do contrato da Intar

«Maior produtividade acarreta muitas vezes trabalhar mais, mas pressupõe sempre trabalhar melhor» — afirmou ontem, numa das dependências da Empresa Industrial de Tabacos-Intar, em Cabo Ruivo, o secretário de Estado do Trabalho e Previdência, dr. Silva Pinto, que ali se deslocou para assistir à assinatura de um contrato colectivo de trabalho entre aquela empresa e o respectivo pessoal, representado pelos vários sindicatos a que pertence.

O dr. Silva Pinto era acompanhado pelo pessoal técnico do seu gabinete que teve interferência na elaboração do contrato. A Intar era representada pelos srs. prof. dr. Fernando Emygdio da Silva e eng.º José Frederico Ulrich, respectivamente, presidente e vice-presidente do conselho de administração, e os administradores marçães de Mendia e engs. António Burnay Bello e Diogo Sottomayor. Presentes, também, os representantes dos sindicatos que assinaram o contrato, pessoal superior e operários da fábrica.

Após a assinatura do contrato, falou o sr. Rogério Mendes Romão, presidente do Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Lisboa, em representação dos sindicatos, que manifestou o regozijo da classe trabalhadora pela realização daquele acto, cujas negociações decorreram sempre com harmonia e compreensão de parte a parte.

Falou, depois, o eng.º José Frederico Ulrich. Começou por acentuar o regozijo que aquele acto representava para todos quantos trabalham na Intar e constituem uma verdadeira família. Recordou que as negociações para a realização do acordo decorreram, sempre, no melhor espírito de harmonia e entendimento com os representantes de quinze sindicatos. Disse que o acordo traz, incontestavelmente, vantagens para os operários, as principais das quais enumerou, acentuando que apesar de ser assinado naquele momento, o conselho de administração havia resolvido que ele tivesse efeito retroactivo, desde 1 de Janeiro de 1970.

Palavras do dr. Silva Pinto

Por último, usou da palavra o dr. Silva Pinto que fez algumas considerações sobre contratos de trabalho. Afirmou entender que é vantajoso que, através de acordos colectivos de trabalho, mesmo em sectores onde a existência de grémios propicia a fácil celebração de contratos colectivos, a grande empresa possa ter para o seu pessoal um acordo colectivo que dela faça um pólo salarial, incluindo salários indirectos, respeitando-se ao mesmo tempo a sua vida própria como célula fundamental do desenvolvimento socioeconómico. Na verdade, a regula-

mentação da situação dos colaboradores da grande empresa através de múltiplas convenções colectivas, cuja economia difere por vezes acentuadamente, traz frequentemente dificuldades e pode acarretar até tensões sociais no âmbito dos respectivos quadros. Acrescentou que o Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra estuda a seu pedido este assunto, quer sob o ponto de vista das vantagens que o sistema poderia vir a trazer na prática, quer ainda quanto à viabilidade do seu lançamento no actual contexto legal.

Mais adiante, o dr. Silva Pinto enumerou os principais benefícios previstos no acordo agora homologado, salientando:

«Ser empresário nos tempos de hoje implica uma visão económica mas também social. Os problemas humanos da empresa são pelo menos tão importantes como o apuro tecnológico e o conhecimento das realidades económicas. Quando ouço dizer (e continuo a ouvi-lo infelizmente com alguma frequência) a empresários com responsabilidades na nossa economia que a par das razões que pelo exercício do meu cargo lhes recordo, outras há de «natureza industrial» que importa não esquecer, permito-me lembrar-lhes (com a convicção de estar seguro do que digo e o á-vontade decorrente de ter mantido contacto estreito com a maioria durante alguns anos) que são exactamente razões industriais as que obrigam o empresário moderno a pensar e a agir em termos sociais.

«Devemos empenharmo-nos todos nós os que nos quadros da Administração Pública ou no sector privado — entidades patronais ou profissionais — temos por missão contribuir para o desenvolvimento do País, numa vasta e esboçada campanha de produtividade. Imponho um grupo de técnicos de preparar os necessários textos para a próxima realização de umas «Jornadas de Produtividade do Trabalho» que o Ministério pretende levar a efeito, com o apoio das Corporações e eventualmente de outros departamentos oficiais, já que a finalidade de tais jornadas se insere claramente nos objectivos do Plano de Fomento em curso e envolve matérias de carácter económico. Mas o acréscimo de produtividade do trabalho implica não só que ao pessoal das empresas se garantam — não me cansarei de o salientar — as indispensáveis condições de retribuição e prestação de serviços, como o estabelecimento de programas devidamente estudados por parte de quem orienta as referidas empresas. Maior produtividade acarreta muitas vezes trabalhar mais, mas pressupõe sempre trabalhar melhor.»

No final da cerimónia, foi descerrada uma lápida e a assinatura da assinatura do con-

trato, após o que o dr. Silva Pinto inaugurou as instalações da Cooperativa da Intar, visitando a dependência do respectivo supermercado.

Alterações de contratos sindicais ligados à industrialização da pesca

Sob a presidência do dr. António Duarte Silva, presidente da Corporação da Pesca e Conservas, reuniu-se a direcção do organismo, estando presentes os vogais Francisco de Jesus Salvador, José de Oliveira Marques, José Maria Pinto Soares e António Aires Ferreira. Participou nos trabalhos o secretário-geral, dr. Jerónimo Osório de Castro.

A direcção ocupou-se de diversos assuntos da sua competência e, em especial, no que respeita à pesca da sardinha e à indústria das conservas de peixe. Neste particular, foi apreciada a posição em que se encontra o estudo para acordo de fornecimento de sardinha àquela indústria transformadora.

Também foi apreciada a posição em que se encon-

tram as propostas de alteração de contratos colectivos de trabalho entre o Sindicato Nacional dos Maquinistas, Motoristas e Ajudantes Marítimos e Fluviais do Distrito do Porto e o Grémio dos Armadores da Pesca da Sardinha e suas delegações de Matosinhos, Porto, Aveiro e Figueira da Foz; Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca e o Grémio dos Armadores de Navios da Pesca do Bacalhau; e de estabelecimentos de contratos colectivos de trabalho entre o Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito do Porto e o Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte; e Sindicato Nacional dos Profissionais de Escritório do Distrito de Setúbal e o Grémio dos Industriais de Conservas de Peixe de Setúbal.

Missões Religiosas — tema da próxima Semana do Ultramar

Prosseguindo na sua iniciativa de todos os anos, a Sociedade de Geografia vai promover, a partir de 4 de Maio, a realização da Semana do Ultramar, subordinada ao tema «Missões Religiosas».

Na sessão inaugural, a realizar naquela data e à qual preside o Chefe do Estado, será oradora a religiosa irmã Teresa Margarida Granado, directora do Instituto Supe-

rior do Serviço Social de Coimbra que versará ao tema «A missão da Igreja de hoje». A sessão de encerramento realizar-se-á em Tomar, organizada pela respectiva Câmara Municipal. Será orador, o padre dr. Joaquim António de Aguiar, director do Colégio Universitário Pio XII, que falará sobre «Realidades e Perspectivas das Missões Católicas».

Com o objectivo de proporcionar aos colaboradores da Semana do Ultramar elementos sobre a acção missionária de Portugal no Mundo, a Sociedade de Geografia edita um trabalho de investigação da autoria do sr. Albano Mendes Pedro, consultor missionário e membro da Sociedade Portuguesa de Missões Católicas Ultramarinas.

NOVAS PERSPECTIVAS PARA TODOS OS COMERCIANTES

SOTTOMAYOR
BANKAMERICARD

João Silva
ASSINATURA

JOÃO SILVA
VALIDO ATÉ 00/00 BAC
938 123 456 789

são milhares de clientes
que pagam sempre a pronto.

Nas vendas efectuadas com o cartão **SOTTOMAYOR**, o comerciante recebe tudo a pronto pagamento. O Banco Pinto & Sotomayor paga as facturas de todas as compras realizadas pelos possuidores do seu cartão **SOTTOMAYOR**.

Participe no serviço do cartão **SOTTOMAYOR**.



BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
Oferece uma Solução Melhor

Administração
de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

ECOS

SERÁ possível que, como se lê em jornais americanos desvinculados do statu quo, dentro de uma geração, a ciência, os métodos de educação e o comportamento social tenham evoluído tanto que os pais já não perguntem aos filhos, quando estes voltam das escolas: «Que livro andas a ler?» mas «Que moléculas empregas para abrires novas bibliotecas no interior do teu sistema nervoso?»

A CONTECEU-ME folhear, numa hora de cansaço e desfastio, uma revista francesa razoavelmente frívola e desmiolada, «Jours de France» (a «Elle» sempre tem outro nível) onde algumas páginas são consagradas ao Algarve. Que tristeza! Só captaram dessa nossa Hêlada mais real do que a própria Hêlada — como dizia o Teixeira Gomes — dessa faixa ma-

ritima semeada de rochedos oníricos, dessa tão original e tão bela orla fantástica da Europa, expressões de novo-riquismo, coisas sofisticadas; nem o povo nem o mito, nem o estético nem o social: só a espuma azeda do inautêntico.

A alimentação deficiente e as más condições de higiene são factores favoráveis à evolução da primo-infeção tuberculosa em organismos de crianças já debilitadas. Tal evolução dá-se sob formas clínicas graves, que por vezes acarretam sérias complicações, com a tuberculose ósteo-articular e sobretudo a meningite tuberculosa. Daí a imperiosa necessidade de entre nós se multiplicar desde já o número e o funcionamento dos Preventórios, que importam tanto ou mais do que os sanatórios.

O caso da criança abandonada no Barreiro

O tribunal do Barreiro pronunciou Beatriz do Nascimento, por uso de falsa identidade e abandono de uma criança e Lino Tristão de

Aguiar, por cumplicidade e incitação. Trata-se da mãe e do pai da recém-nascida Maria Manuela do Rosário que, como há tempo noticiámos, fora abandonada no Hospital do Barreiro. A mãe, solteira, já com outra filha, é cunhada do Lino que está também à espera de outro filho da sua mulher. Ambos são residentes na Torre da Marinha, Seixal, e encontram-se agora na cadeia do Montijo por não terem apresentado a caução arbitrada (20 000\$).

A criança mantém-se sob custódia do Tribunal de Menores, havendo um casal do Barreiro que pretende adoptá-la.

«NOTÍCIAS AFRICA DO SUL»

Comemorando o 19.º aniversário da revista «Notícias África do Sul», realizou-se hoje, num hotel da capital, um almoço de confraternização com representantes dos órgãos informativos. Ao director e director-adjunto daquela publicação — srs. M. Van Rooyen e Manuel de Omeles —, e a quantos ali trabalhavam, apresentamos as nossas felicitações.

Conta Infantil BANCO DO ALENTEJO



ESTA É A SUA VIAGEM
— A —
EXPOSIÇÃO UNIVERSAL
— DE —
O S A K A

Lugares disponíveis
para as praias de:

12/6 30 950\$00
26/6 34 000\$00



Consulte-nos
ZEP A
AGÊNCIA
DE VIAGENS
Rua Copelo,
22 / Lisboa
Tel. 970191

PARA COMPRAR
OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
**BARBOSA, ESTEVES
& C.ª, LD.ª**

293 — Rua da Prata — 295

CHOCOLATES TÁCIDES



BRILHANTES

De qualquer tamanho e
preços compramos: Paga-
mos muito bem.

**GRANDE OURIVARIA
DA MODA**
RUA DA PRATA, 257

AUTONOMIA UNIVER

— defende o deputado Manuel J

«Como Miller Guerra, também eu advogo e voto pela autogestão universitária, pelo provimento por eleição dos cargos académicos, pela participação do corpo docente nos Conselhos Escolares, pela actualização da orgânica e do ensino, numa palavra: por uma salutar e fecunda autonomia» — afirmou hoje, na Assembleia Nacional, o dr. Manuel José Homem de Mello, um dos cinco deputados inscritos para usar da palavra na segunda parte da Ordem do Dia, sobre o aviso-prévio a respeito da Reforma da Universidade.

Aquele deputado apoiou num discurso de 4 mil pala-

bras, as ideias expostas pelo deputado Miller Guerra, mas deteve-se longamente na análise de alguns aspectos da «chamada agitação estudantil», que considera um fenómeno generalizado que veio a assumir «aspectos de decisiva relevância pouco tempo após o termo do último conflito».

«O homem deixou-se ultrapassar pelo génio do próprio homem. Daí que as camadas demográficas mais jovens, com acesso ao conhecimento e à cultura em número que ninguém fora capaz de prever, sintam o problema, imputando a quantos desempregados e comandando tão desmesurado desfasamento» — sa-

lientou o dr. Homem de Mello, depois de fazer a comparação do progresso registado pela Ciência «desde Pitágoras a Galileu, de Lavoisier a Einstein», com a «modéstia da evolução que se verificou na arte de governar os povos e de procurar estabelecer uma justiça social relativamente aceitável».

Recordou que em 1939 havia pouco mais de 300 milhões de jovens em idade escolar e que aos 519 milhões de 1960, superirão no ano 2000, «um bilião de 128 milhões em idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos».

«Membro da comunidade internacional, vivendo as suas vicissitudes, suportando

idênticos
País não
de conse
do nano
esboçar
do, por
tidas p
tendem
que a c
Por
política
política
ção da
condição
não há
que des
formar
local u
longe
fronteir

E, re
«Que
apesar
aqui s
por es
a agita
conduz
entre
das a
se o
exemp
ser da
do qu
combi
te e
Paláci

FIM DE TARDE EM S.BENTO

★ Com a presença de 99 deputados, prosseguiu ontem os seus trabalhos a Assembleia Nacional, figurando na ordem do dia dois assuntos: a continuação da discussão na generalidade das Contas Públicas de 1968 e o prosseguimento do debate do aviso-prévio do deputado Miller Guerra sobre a reforma da Universidade.

★ Certamente por isso e ao contrário do que vem sendo hábito, o número de parlamentares inscritos para a ordem do dia foi muito superior ao número de inscrições para o período antes da ordem: nove e quatro respectivamente.

★ Antes da ordem, o deputado Sá Viana Rebello aludiu a alguns problemas de Angola, citando alguns exemplos comprovativos de situações diferentes nas províncias ultramarinas e na Metrópole, referindo-se a certa altura, com estranheza, à obrigatoriedade que as autarquias locais das províncias ultramarinas têm de contribuir para o Instituto Ultramarino com um por cento das suas receitas, quando é certo que desconhecem a actividade de tal instituição «e da qual não tiram qualquer regalia».

★ O deputado Baptista da Silva ocupou-se da segurança nas auto-estradas, acentuando a certa altura: «Auto-estradas, sim, mas com rentabilidade que esteja assegurada. Dependem da colocação de barreiras de protecção nas falhas contrárias, para evitar acidentes. Essa solução custaria agora 18 mil contos, para os 60 quilómetros de auto-estrada existentes. E pediu que não se construa mais um quilómetro de auto-estrada sem que disponha de perfil transversal ou de equipamento que garanta o melhor índice de segurança».

★ Voltou ao problema das madeiras o deputado brigantino Camilo de Mendonça, que disse a certa altura, «Ainda não compreendi bem, certamente por insuficiência minha, as razões porque estando o acento tónico das graves deficiências de funcionamento dos circuitos económicos do sector florestal na desorganização, atomismo e dispersão da oferta perante a concentração comercial e, particularmente, industrial a terapêutica, contrariando o diagnóstico, começa, pelo reforço, até ao extremo do monopólio, da unidade do sector industrial. Porquê? Porque motivo havia o Governo, conhecedor desta situação, de começar por aprovar, e, por parte de alguns governantes, de apoiar... a organização unitária do sector industrial, da meia dúzia de industriais, quando constituiria tarefa simples, rápida e secundária, enquanto o sector agrícola continuava no mesmo estado de desespero e pulverização que o tornava presa fácil, do abuso capitalista e a sua organização não constituía empresa fácil, nem rápida? Porque estranho motivo? A qualquer parecerá que era pela organização do sector da produção florestal que teria e deveria começar-se...»

★ Mais adiante, disse ainda aquele parlamentar: «Pois bem, quando rainha a «Madeira» firmando prego, como se fora Governo, já que poder sempre o tem sido... reagiu a lavoura, reagiu o País ferido nos seus interesses mas também na sua sensibilidade. E terminou: «É tempo de agir. Reclama-o a consciência do País, exige-o a difícil situação da lavoura, im-

põe-no a necessidade de incentivar uma política de florestação. É tempo de agir, de agir e de fazer justiça».

★ Na ordem do dia, ao apreciar as Contas Públicas, disse o deputado Sousa Pedro, referindo-se ao Ultramar: «Não nos podemos dar por satisfeitos com o que se fez ou está fazendo. Na economia ultramarina há deficiências que podem ser eliminadas — o parecer das Contas Públicas a elas alude com frequência — «Há toda uma política de promoção humana ainda a desenvolver; e, se me permite uma opinião pessoal, eu diria que é exactamente, para este aspecto da promoção social das populações indígenas que devíamos dirigir o melhor das nossas atenções. Para mim, é este o fio da meada do emaranhado problema ultramarino».

★ Penso que, na provincia de Moçambique, se deverão aumentar os esforços para que o sector da Educação disponha de mais largos recursos, não se permitindo que os contributos que lhe são dirigidos, como os das Camaras, sejam atribuídos a outros fins» — declarou por sua vez a deputada Custódia Lopes, ao analisar as Contas Públicas.

★ A primeira «natural divergência de opiniões», confessada, sobre o aviso-prévio acerca da reforma da Universidade veio do deputado Veiga de Macedo, presidente da comissão parlamentar de Educação Nacional. Depois de citar «um panfleto em que dois ilustres intelectuais, autores de notável trabalho sobre a Universidade» são acusados de «instrumentos do grande capital», afirmou aquele deputado:

«O que alguns querem, isso sim, é abalar e postergar os valores cimeiros da nossa cultura, como a concepção cristã da vida, a ideia da Pátria, a estabilidade da família, as estruturas naturais da sociedade e os institutos jurídicos destinados a salvaguardar a livre iniciativa e a superar os diferendos pessoais e sociais. É neste ponto que importa fixar a atenção para impedir que, a propósito das questões universitárias, se ponham em perigo ou em almoeda os valores fulcrais da nossa civilização e da nossa cultura».

★ Apesar das restrições, reservas, cautelas e prevenções postas à reforma da Universidade pelo deputado Veiga de Macedo, o prof. Miller Guerra, deputado avisante, apressou-se a ir cumprimentá-lo, desportivamente.

★ O deputado Agostinho Cardoso depois de considerar oportuno o aviso-prévio do prof. Miller Guerra fez várias sugestões tendentes à democratização do ensino universitário; a deputada Raquel Ribeiro considerou fundamental essa democratização, acentuando que a selecção dos alunos deverá fazer-se entre os mais aptos e não entre os de melhor situação económica, como agora sucede; o deputado Avila de Azevedo considerou a reforma universitária «indisponível e inadiável». Por fim, e ainda sobre a reforma da Universidade, o deputado Alberto Alarcão referiu-se, em especial, ao caso do Instituto Superior de Agronomia, fazendo numerosas sugestões para a reorganização do ensino naquela escola superior.

★ A sessão terminou tarde — cerca das 21 horas — já com pouco mais de vinte deputados presentes.

Pasta Medicinal Couto

Evita e trata
doenças da boca

PORQUE É ME

VERSITÁRIA

el José Homem de Mello

idênticos ejetos, o nosso País não poderia furtar-se às consequências resultantes do panorama que acaba de esboçar — acrescentou. Quando, por isso, algumas vezes, tidas por responsáveis, pretendem fazer-nos acreditar que a agitação universitária em Portugal é uma consequência directa do statu quo político e representa a rebelião da juventude contra o condicionamento português, não há a menor dúvida de que desejam, apenas, transformar em mera especulação local um fenómeno que de longe ultranassa quaisquer fronteiras»

E, mais adiante:

«Que admirável confronto, apesar de tudo, entre o que aqui se passa e o que vai por esse mundo fora: entre a agitação de Nanterre (que conduz a França ao caos); entre a violência repressiva das autoridades, seja qual for o país onde as desordens se manifestem e o altíssimo exemplo que acaba de nos ser dado pelo Chefe do Estado que respondeu à agitação coimbrã com a reconfortante e tocante cerimónia do Palácio de Belém!»

Afirmando que o Governo e as autoridades universitárias devem esclarecer os estudantes de que o «estado de espírito reformista» não pode confundir-se com «separação das reivindicações nem com a politização das atitudes», o deputado Homem de Mello afirmou que «estas palavras tinham que ser ditas e por alguém que pudesse apresentar determinado saldo positivo na que toca a respeito pela opinião alheia e identificação com o clima de desejável abertura e evolução pacífica que vai sendo tempo de instaurar na terra portuguesa».

Acresce ao problema do acesso à Universidade, o deputado Homem de Mello afirmou que a limitação do tal acesso é «absolutamente inviolável» e que «seria criminosa, na medida em que a capacidade de sobrevivência e de triunfo das comunidades, afeitas nas décadas que se aproximam, bem mais pela percentagem quantitativa e qualitativa dos diplomados que possuem, do que pelas reservas de armamentos que tenham sido capazes de reunir».

Por fim, depois de se ter referido largamente à necessidade da actualização do ensino, «quer na forma quer no conteúdo», disse que as reformas em perspectiva não se devem fazer para pôr termo à agitação, mas «por serem justas, convenientes e indispensáveis».

PERES CLARO: Reforma durante as «férias grandes»

Ainda na ordem do dia falaram os deputados D. Simpliciano Torres, que estabeleceu a comparação da Universidade de Luanda com as metropolitanas — comparação favorável a favor daquela — e dr. Peres Claro, que pede que se ponha cobro «ao coro de lamentações de que é preciso fazer isto e aquilo», sugerindo que os trabalhos da reforma se façam duran-

te as férias grandes, até Setembro. «quando outra equipa pegar no trabalho concluído para o publicar a tempo de poderem as novas reformas entrar em vigor no início do ano lectivo»

SALAZAR LEITE: Ensino de Medicina Tropical

Por seu turno o prof. Salazar Leite, deputado pelo círculo de Cabo Verde, defendeu o alargamento do ensino dos problemas de Medicina Tropical, a todos os estudantes de Medicina e a criação na Escola Superior da Saúde Pública e Medicina Tropical, de uma carreira de investigação sobre esses problemas.



A mesa que orientou os trabalhos, presidida pelo dr. Manuel Alvim, da Lintas

CONSTITUÍDA A COMISSÃO ORGANIZADORA DO SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE PUBLICIDADE

Cerca de 200 publicitários deram, ontem, um passo decisivo para a cons-

tituição do Sindicato Nacional dos Profissionais de Publicidade, ao elegerem

a comissão destinada a prosseguir os trabalhos nesse sentido. A reunião,

promovida pela comissão provisória pró-sindicato, efectuou-se no cinema da F. L. L., e prolongou-se quase até às duas da madrugada, tendo-se debatido diversos problemas de interesse para a classe, que deve reunir hoje cerca de quatro mil pessoas, a laborar nos seus diversos sectores.

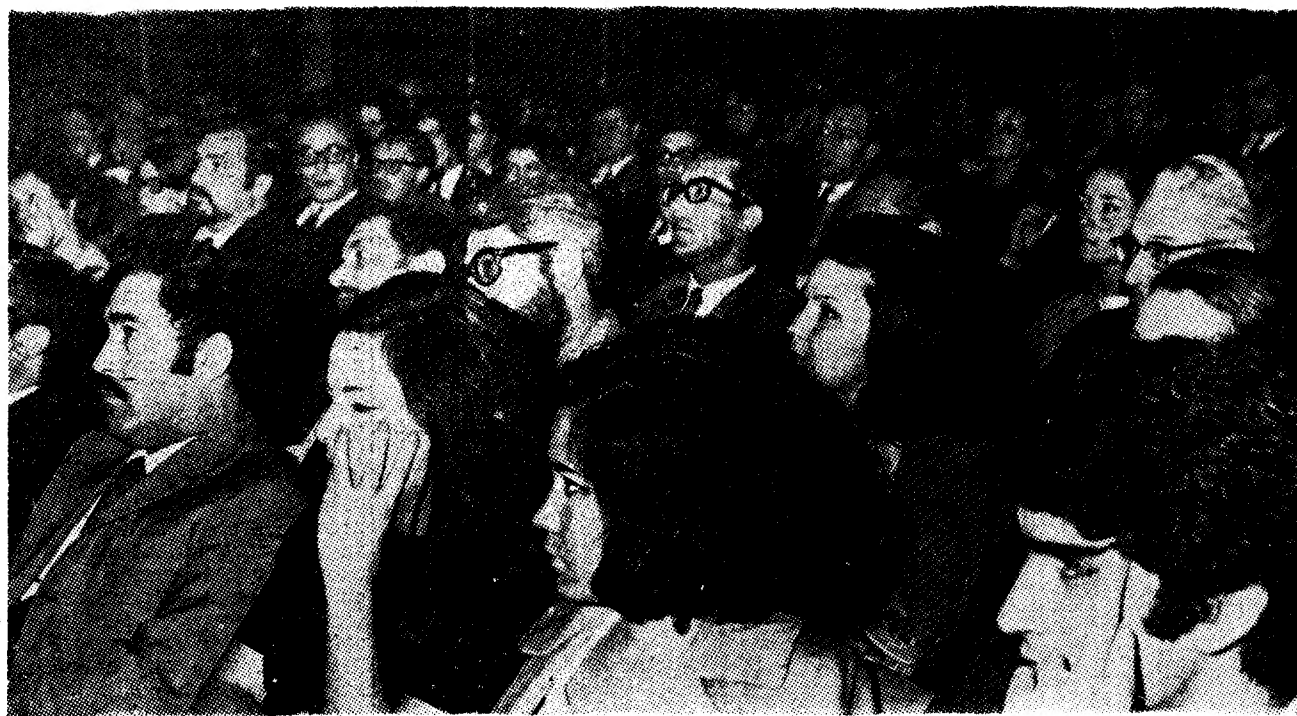
Na mesa tomaram lugar os elementos da comissão: dr. Manuel Alvim (da Lintas), que presidiu, dr. A Magalhães dos Santos (Ciesa), Carlos Rocha (Marca), José Romão (Lintas), dr.ª Maria Eugénia Retorta (Lintas), Rui Cruz (Movierecord), Rui Gonçalves (Marca) e V. Borges dos Santos (Lintas).

O presidente da mesa começou por fazer uma exposição sobre a forma como nasceu a ideia de formar o sindicato, e as razões que determinam a necessidade do mesmo. Falou do papel do sindicato a criar, acentuando que o mesmo, para ser válido, como se impõe, tem de partir da base. Aludiu, ainda, às diversas reuniões preparatórias havidas e aos trâmites legais já seguidos e a seguir, salientando os contactos já realizados com um elemento do Ministério das Corporações e os esclarecimentos por este prestados.

O dr. Manuel Alvim leu, ainda, a primeira das duas circulares que foram enviadas pela comissão pró-sindicato a todos os publicitários a que foi possível fazê-lo, e em certo passo da qual se sublinha:

«Como sabe, as actividades publicitárias começaram também já a ser objecto de um

(Continua na 13.ª página)



Entre as duas centenas de participantes (cinco por cento do total da classe) viam-se muitas senhoras

Precisamos de um chefe de departamento de arte final!

SENTE-SE CAPAZ DE DIRIGIR O DEPARTAMENTO DE ARTE FINAL DE UMA JOVEM AGÊNCIA DE PUBLICIDADE, DE SERVIÇO COMPLETO, EM FRANCA EXPANSÃO E COM CLIENTES DE RESPONSABILIDADE INTERNACIONAL?

TERÁ DE NOS DAR:

- Experiência profissional de alguns anos.
- Profundos conhecimentos das técnicas de artes gráficas e publicitárias.
- Capacidade directiva e boa relação humana.

RETRIBUIREMOS:

- Situação estável e realização pessoal.
- Possibilidades de promoção.
- Excelente ambiente de trabalho.

Escreva-nos indicando «curriculum», idade, situação na profissão e ordenado pretendido. Guardaremos sigilo. Resposta a este jornal ao n.º 483.

J. NUNES CORRÊA & C.ª L.ª

ALFAIATES DESDE 1856

RUA AUGUSTA, 250 — LISBOA

Têm o prazer de comunicar a todos os seus Ex.ªs Clientes e Amigos que se encontra ao seu serviço, desde 1 do corrente, o conhecido e competente Contramestre

ANTÓNIO PESTANA

ANTÓNIO PESTANA CONTRAMESTRE DE ALFAIATE

Comunica a todos os seus Ex.ªs Clientes que se encontra desde 1 do corrente ao serviço da conhecida e conceituada Alfaiataria

J. NUNES CORRÊA & C.ª L.ª

RUA AUGUSTA, 250 — LISBOA

onde espera continuar a merecer o favor das vossas ordens.

ABREU EXCURSÕES

UMA ORGANIZAÇÃO COM 130 ANOS
LISBOA - Avenida Liberdade, 160
PORTO - Avenida dos Aliados, 207
COIMBRA - Rua da Seta, 2

Em autotúlimon de luxo
EUROPA MARAVILHOSA
ESPAÑA, FRANÇA, ITÁLIA, ÁUSTRIA, SUÍÇA,
ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA e INGLATERRA.
Partidas todos os Sábados.

TULIPAS - ESPAÑA, FRANÇA, BÉLGICA e
HOLANDA. De 4 a 21/4.

PRIMAVERA - ESPAÑA, FRANÇA, LUXEMBURGO, ALEMANHA, HOLANDA, BÉLGICA e INGLATERRA. De 10/5 a 1/4.

ANDALUZIA - ESPAÑA. De 16 a 25/9.

JÓIAS

Antigas e modernas Compra cobrindo todas as ofertas
OURIVESARIA PIMENTA
Rua Augusta, 253
Telef. 32 45 64

Actualidade internacional

APOLO-13

A oferta de assistência russa chama a atenção dos observadores políticos

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — O presidente Nixon responderá, pessoalmente, às muitas ofertas de assistência à tripulação da Apollo-13 que recebeu de toda a parte, anuncia-se na Casa Branca. A solidariedade internacional que acaba assim de se manifestar foi saudada com reconhecimento nos meios responsáveis da capital, onde reina tensa atmosfera de expectativa.

As ofertas de colabora-

ção dos aliados dos Estados Unidos são naturais, mas a da U. R. S. S., particularmente instante, suscita interesse evidente entre os observadores políticos, embora não suscite nenhum comentário nos meios autorizados. Dever-se-á ver nesta oferta uma simples aplicação do acordo concluído em 1967, sob a égide das Nações Unidas, para socorrer os navegadores do espaço em perigo ou um sinal de desanuviamen-

to no momento em que começa em Viena a conferência para a limitação dos armamentos estratégicos?

A principal preocupação do presidente neste momento é a sorte dos astronautas. Por isso, anulou a alocação pela televisão que devia pronunciar hoje sobre nova retirada de tropas do Vietnam e desistiu de falar ontem, à noite, numa reunião em Washington dos dirigentes do Partido Republicano.

PROCESSO UTILIZADO PARA O REGRESSO

HOUSTON, 16 — (F. P.) — Numa conferência de Imprensa, à noite passada, no centro espacial, Gerald Griffen, director do voo, explicou qual era o processo utilizado para o regresso da Apollo-13.

Seis horas antes do regresso, as primeiras camadas densas da atmosfera James Lovell, John Swigert e Fred Haise instalaram-se definitivamente na cabina «Odiseia», abandonando o módulo lunar «Aquário», que lhes tem servido, desde segunda-feira à noite, de posto de comando operacional e de nave de salvamento, explicou Griffen. E continuou: «três horas e meia antes do regresso à atmosfera será largado o módulo de serviço e uma hora e meia antes desse regresso é abandonado o Aquário que, como o módulo de serviço, se dissipará nas camadas densas da atmosfera. Os três cosmonautas passarão algumas horas somente na cabina da «Odiseia», a única que dispõe de escudo térmico para passar «o muro do calor».

A amargem continua marcada para sexta-feira, às 13 e 07 (19 e 07 horas de Lisboa), no Pacífico.

HORAS DE ANGÚSTIA

NOVA YORK, 16 — (F. P.) — Profundamente impressionada com o drama da «Apollo-13», a América aguarda angustiosamente que James Lovell, Fred Hai-

se e John Swigert se salvem.

Os 200 milhões de americanos, já indiferentes às proezas do dr. Wernher Von Braun, pouca atenção tinham dado a princípio à missão «Apollo-13». O americano médio, esquecendo subitamente o Vietnam e os seus horrores, só se interessa agora pelos três naufragos no espaço. A TV fez sentir a toda a nação que uma expedição lunar é e continua a ser uma aventura aterradora pelos muitos condicionamentos que não podem ser dominados pelos computadores.

O presidente Nixon não larga o seu aparelho de televisão para acompanhar de hora a hora o dramático acontecimento. Ontem à noite, o seu gabinete estava transformado num verdadeiro quartel-general. O chefe do executivo anulou todas as recepções para se reunir com os seus conselheiros. Consta que a sua ideia é deslocar-se ao Pacífico, a fim de assistir ao regresso dos astronautas, regresso problemático que preocupa aos mais altos graus a Casa Branca onde, todavia, ninguém perdeu a esperança de que os cientistas da N. A. S. A. saberão tirá-los de dificuldades.

Cinquenta e três crianças entre as pessoas soterradas por um alude nos Alpes

ST. GERVAIS, 16 — (R.) — Uma massa de neve, pedras e árvores desarraigadas abateu-se sobre um sanatório infantil, cerca da meia-noite, soterrando 77 pessoas.

A polícia anunciou que já foram retirados quatro corpos, dois dos quais de crianças.

Encontram-se no local vários «bulldozers» e limpa-neves que, com a ajuda de cães, facilitam os serviços das brigadas de salvamento. Já foram retirados também sete feridos.

Encontram-se ainda por localizar 66 pessoas, 53 crianças e 13 adultos, apanhados pela avalanche enquanto dormiam.

A massa de neve e pedras tinha uma frente de cerca de 200 metros.

DOIS MESES DEPOIS DE VAL-D'ISÈRE

LONDRES, 16 — (R.) — A catastrófica avalanche ocorrida hoje nos Alpes Franceses soterrando três edifícios e um sanatório surge com um intervalo de

A explosão de um tanque de oxigénio

— possível causa da avaria

HOUSTON, 16. — (R.) — Alguns membros de uma equipa oficial que investiga o acidente ocorrido na cápsula Apollo-13, são de opinião que ele foi provocado pela explosão de um tanque de oxigénio, revelaram hoje círculos bem informados.

A equipa de inquérito, chefiada pelo major-general Samuel Phillips, investigou os dados transmitidos automaticamente pela aparelhagem de bordo, e, após um exame preliminar, alguns dos investigadores presumem que o «barulho de explosão» ouvido pelos astronautas na segunda-feira à noite, seria de um dos tanques de oxigénio do módulo de serviço a rebentar.

O ruído foi seguido por uma perda geral de energia e uma grave fuga de oxigénio que obrigou James Lovell, Fred Haise e Jack Swigert a abandonar a sua missão e a retrocederem urgentemente para Terra.

Presume-se que a explosão abriu um rombo na parte lateral do módulo de serviço, na secção inferior da cápsula, onde se encontra o motor principal e outra aparelhagem daquele módulo.

Este rombo seria a causa das partículas que se escapavam da zona do módulo de serviço, avistadas pelas astronautas através da vigia.

Thomas Mattingly com rubéola

HOUSTON, 16 — (A.N.I.) — O astronauta Thomas Mattingly começou a apresentar sintomas de rubéola — o que levou a ser substituído na tripulação da Apollo-13.

Um informador da N. A. S. A. revelou que está a subir a contagem de células linfáticas

AUSTIN 1300

Equilíbrio rigoroso das qualidades mais desejadas:

- *elegância sóbria,
- *segurança,
- *conforto integral.



DISTRIBUIDORES GERAIS: J.J. GONÇALVES SUCRS. S. A. R. L.
Lisboa • Porto • Évora • Braga • Santarém • Matosinhos • Ag. em todos os distritos

STANDS: EM LISBOA: — R. ALEX. HERCULANO, N.º 4 — AV. DA REPÚBLICA, N.º 36-A — R. TOMÁS RIBEIRO, N.º 50-A



Jaime Fernando
Pacheco Conceição

MISSA DO 7.º DIA

Sua mulher, filha, genro e demais família participam que será rezada missa do 7.º dia por sua intenção na igreja de Nossa Senhora de Fátima às 11.30 h. do dia 17 de Abril.

APOLO-13: A DEPURAÇÃO DO AR É O PROBLEMA MAIS CRÍTICO

HOUSTON, 16 — (F. P.) — O problema seguramente mais crítico para a tripulação da Apollo-13 e para o centro espacial de Houston é o da depuração do ar viciado.

O módulo lunar — tendo agora a seu cargo este gigante inerte em que se tornou a cabina principal — contém, aquando do lançamento, 37 horas de hidróxido de lítio, o redutor de gás carbónico dos habitáculos espaciais.

Ora, o passeio de pesadelo de Apollo-13 deve durar ainda 48 horas.

«Odisséia», a cabina-mãe, dispunha, à partida, de 168 horas de lítio, portanto, muito mais do que era preciso, mas encontra-se nos depósitos cortados de qualquer comunicação com o habitáculo da astronave. Trata-se da pior consequência da avaria das pilhas de combustível que, desde segunda-feira, fez da «Odisséia» uma concha morta, não servindo senão para os astronautas ali repousar. Se, há mais de um dia e meio, os três homens respiram e puderam inscrever-se numa trajetória fora da qual não podia haver qualquer possibilidade de salvação, devem isso unicamente ao pequeno módulo lunar «Aquário», que dispõe apenas de dois lugares.

O problema número um para já é, portanto: de que maneira resolver a questão da depuração do ar no duo «Aquário-Odisséia»?

Os vigilantes do voo passaram horas, ontem, a discutir o problema do hidróxido de lítio com a tripulação da Apollo. O «sol» explicou, designadamente, como construir uma espécie de caixa improvisada que permitiria utilizar no «Lem», as preciosas placas de lítio, inúteis a bordo da cabina de três lugares. Trata-se de aumentar a capacidade do receptáculo de hidróxido de lítio do «Lem» para lhe poder inserir as placas mais volumosas de indispensável depurador proveniente da «Odisséia». É preciso, segundo o dispositivo imaginado por Houston, confeccionar uma capula de cartão por cima do contentor de hidróxido de lítio do módulo lunar, ligar a tubagem de um ventilador aos dispositivos assim alargados para ali receber as placas de hidró-

xido de lítio retiradas da cabina-mãe, envolver o conjunto dentro de um saco de plástico, ligar as junções com adesivo e esperar

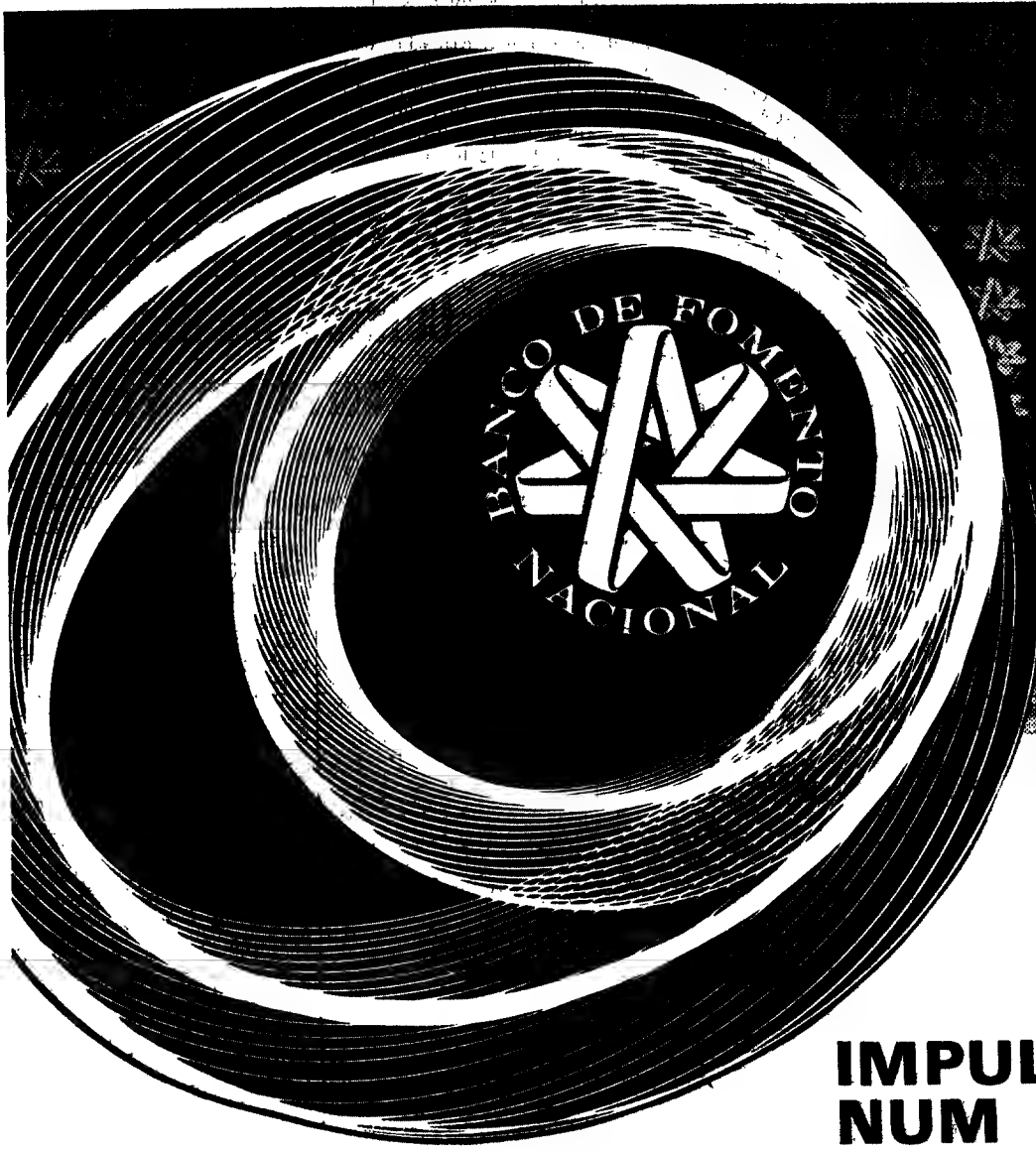
que este improvisado dê resultado... E caso não dê, a N. A. S. A. aconselha a tripulação a «lavar» de vez em quando o habitáculo

com sopros de oxigénio puro, gás que não falta a bordo sem que isso signifique que a tripulação o possa desperdiçar.

Nixon adiou a sua comunicação sobre o Vietnam

WASHINGTON, 16 — (A. N. I.) — O presidente Nixon adiou, para a próxima semana, a comunicação que devia fazer hoje ao país sobre a guerra do Vietnam, a fim de permitir às emissoras de Televisão e de Rádio a reportagem ininterrupta da viagem de regresso da Apollo-13.

O presidente dos Estados Unidos agradeceu também as ofertas de assistência na recuperação dos três astronautas apresentadas pela U. R. S. S., Grã-Bretanha, França e pela República da África do Sul, considerando-as «verdadeiros exemplos de cooperação internacional».



IMPULSO DECISIVO NUM HORIZONTE MAIS AMPLO!

Associe-se connosco no impulso para a expansão sócio-económica do país.

Empregue o seu capital na construção de maior riqueza e bem-estar gerais.

CONSULTE OS NOSSOS SERVIÇOS:

LISBOA
Rua Mouzinho da Silveira, 26
PORTO
Avenida dos Aliados, 58

O BANCO DE FOMENTO proporciona-lhe:

Rendimento de 4,5% ao ano, isento de impostos.
Segurança total.
Colocação eficaz do seu dinheiro.
Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



CATALINA
MUNDET DE GUBERT

PARTICIPAÇÃO
E MISSA 30.º DIA

Sua família cumpre o dever de participar o seu falecimento no passado dia 17 de Março e que amanhã, dia 17, às 12 horas, na Igreja de Santa Isabel, será celebrada missa pelo seu eterno descanso.

F. N. A. M.

Actualidade internacional

Washington reduz as restrições de investimentos em Espanha

WASHINGTON, 16 — (F. P.) — Os Estados Unidos decidiram reduzir as restrições dos investimentos americanos em Espanha, anunciou um comunicado comum publicado ontem depois de uma visita oficial a Washington do ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros, Gregorio Lopez Bravo.

Esta decisão, que se segue às diligências repetidas dos espanhóis dos Negócios Estrangeiros, é uma concessão entre outras feitas pela administração de Nixon à Espanha para obter a recondução, para além de Setembro próximo, da concessão de quatro bases militares utilizadas pelas Forças Armadas americanas em território espanhol.

Uma concessão maior de Washington, confirmada pelo comunicado, é a sua aceitação das exigências espanholas para que as re-

lações entre os dois países sejam de agora em diante reguladas por um acordo geral em que os assuntos militares fariam parte do conjunto.

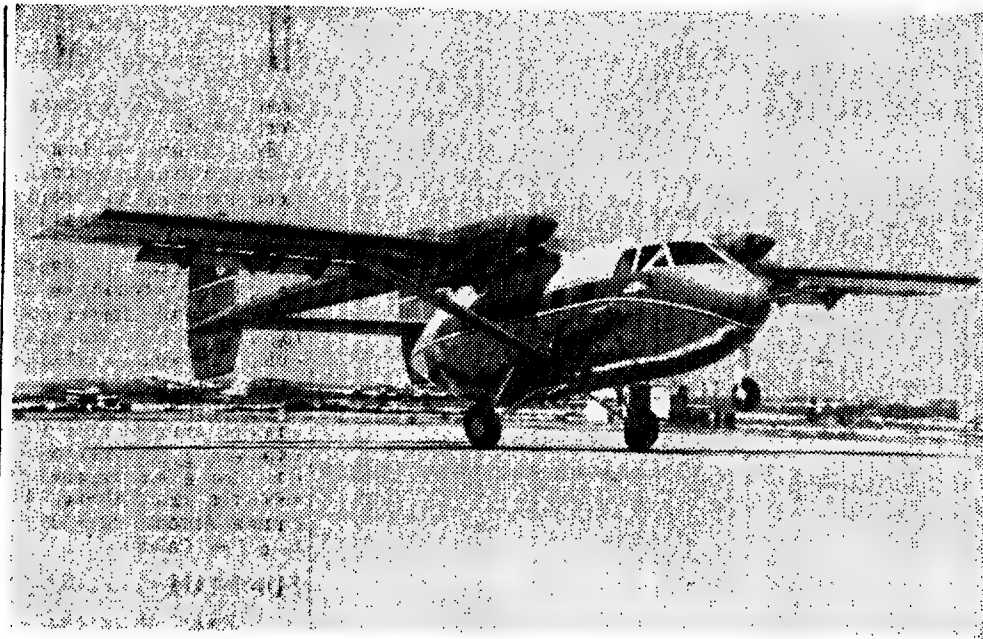
Este novo acordo cobriria os próximos cinco anos e poderia ser assinado em fins de Maio, por ocasião de uma visita que o secretário de Estado, William P. Rogers, deve fazer a Madrid depois da reunião ministerial da N. A. T. O. em Roma, indica-se de fonte americana.

O comunicado, publicado dois dias depois das conversações de Lopez Bravo com altos funcionários do Governo americano que se seguiram a uma primeira visita do ministro espanhol a Washington em Março passado, afirma que «o assunto principal das discussões foi o futuro das relações entre a Espanha e os Esta-

dos Unidos após a expiração, em Setembro de 1970, do acordo defensivo em vigor».

As negociações entre os dois países prosseguem ao nível dos funcionários para acelerar a preparação do acordo que assegurara aos Estados Unidos um novo período de cinco anos da utilização da base aeronaval de Rota, perto de Cadix, pelos submarinos atómicos «polaris», e de três bases aéreas no interior do território espanhol.

Das três bases aéreas de que dispõem em Espanha, as Forças Armadas dos Estados Unidos estariam especialmente nas de Torrejón, a uma dezena de quilómetros de Madrid, e de Saragoça. A de Moron, perto de Sevilha, seria definitivamente abandonada pelos americanos num prazo mais ou menos curto.



O ARAVA, primeiro avião de construção israelita, foi apresentado no aeródromo de Lod, na presença da sr. Golda Meir, primeiro-ministro de Israel. O aparelho, de dois motores, precisa de pouco espaço para decolar e aterrar e tem capacidade para 20 passageiros ou duas toneladas de carga.

Estados Unidos: manifestações contra a guerra no Vietnam

NOVA YORK, 16 — (R.) — Registaram-se desordens entre manifestantes rivais durante um comício contra

a guerra no Vietnam, que se realizou ontem nesta cidade. Foi um de vários que se realizaram em todos os Estados Unidos.

Em Cleveland foram presas quatro pessoas por conduta desordeira quando 300 manifestantes protestaram contra a guerra.

Em Des Moines, Iowa, foram detidas sete pessoas durante uma manifestação defronte do palácio do Governo.

Cerca de 50 pessoas concentraram-se em frente da repartição de receita interna em Filadélfia, pedindo aos contribuintes para não pagarem «impostos de guerra».

Ontem foi o último dia do prazo para os americanos apresentarem as declarações do imposto de rendimentos.

Alguns manifestantes protestaram contra a autorização dos impostos federais sobre rendimentos para financiar a guerra no Vietnam.

Recomeçam hoje as conversações sobre limitação de armamentos

VIENA, 16 — (R.) — Os Estados Unidos e a União Soviética iniciam hoje negociações demoradas e difíceis sobre limitação de armas estratégicas.

O presidente Nixon enviara uma mensagem à sessão inaugural da SALT, segundo revelaram funcionários americanos nesta capital.

A mensagem será lida por Gerard Smith, o principal negociador americano e director da agência de desarmamento e de fiscalização de armas dos Estados Unidos.

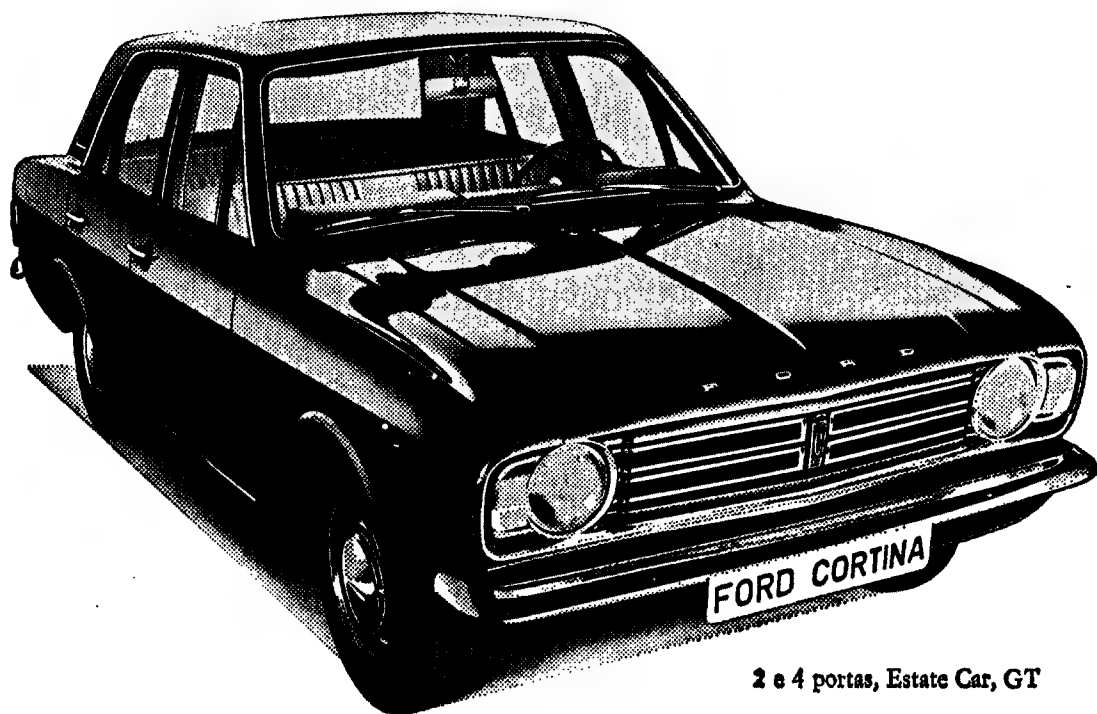
Smith e o principal delegado soviético, Vladimir Semynov, farão declarações preliminares na cerimónia inaugural da conferência, no palácio Belvedere.

Os delegados serão saudados pelo ministro austríaco dos Negócios Estrangeiros, dr. Kurt Waldheim.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

Quando V. vê o seu Cortina a vencer um rali
- não julge que o roubaram
é outro igual ao seu!



2 e 4 portas, Estate Car, GT

V. abre o jornal de todos os dias e vê, de súbito, que o seu carro de todos os dias venceu um rali difícil!

Mas... será exactamente o seu carro?

A resposta é sim quando o seu carro é um Cortina — e a vitória é Cortina.

O seu carro vai aos ralis conquistar experiência, segurança, endurance.

E vitórias! Já vai em 500!

A Ford entra em ralis por sua causa. A seu favor. Para que o seu Cortina seja cada vez mais forte, mais seguro, mais maneável. Para que sinta cada vez

mais orgulho nele.

O seu Cortina, o seu Cortina amplo, e confortável, e poderoso de todos os dias — é muito mais de que um modelo de série.

Neste momento, estamos a prepará-lo para 501.^a vitória. E para a 502.^a. E para a 503.^a. E assim sucessivamente...

Ford à frente



A sua disposição nos Concessionários Ford

EM LISBOA:

J. MENDES COELHO, LDA. Rua Alexandre Herculano, 6-A-Telef. 4 61 47

AUTO BOAVISTA, LDA. Rua da Boavista, 81-B-Telef. 66 91 41

AUTO RALI, S.A.R.L. Av. Almirante Reis, 130-A-Telef. 4 18 32 — Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 37 - Cascais

União Fabril do Azoto, S.A. R. L.

Rua Rosa Araújo, 2-5.º

DIVIDENDO DO EXERCÍCIO DE 1969

CUPÃO N.º 3

Avisam-se os Senhores Accionistas que, a partir do próximo dia 20 de Abril corrente, se encontra a pagamento o dividendo em referência, votado na Assembleia Geral Ordinária de 25 de Março de 1970, à razão de 20\$00 por acção, cativo de impostos.

As importâncias líquidas a pagar, por acção, são as seguintes:

Acções nominativas	17\$31,48
Acções ao portador	13\$25,048
Acções ao portador registadas	17\$75,48

O pagamento efectuar-se-á nos seguintes Estabelecimentos de Crédito:

- Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência
- Banco Agrícola e Industrial Viseense
- Banco do Alentejo
- Banco de Angola
- Banco Borges & Irmão
- Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
- Banco de Fomento Nacional
- Banco Fonsecas & Burnay
- Banco Nacional Ultramarino
- Banco Pinto & Sotto Mayor
- Banco Português do Atlântico
- Banco Totta & Açores
- Crédito Franco-Português
- Crédito Predial Português

e ainda na sede desta Empresa, todos os dias úteis, das 9,30 às 12 horas e das 14,30 às 16 horas, excepto aos sábados.

Lisboa, 16 de Abril de 1970.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Necrologia

FALECIMENTOS

Conde da Covilhã

Na sua residência em Lisboa, e após longo período de doença, faleceu esta madrugada o Conde da Covilhã, sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros, uma das mais destacadas figuras da vida social, industrial e bancária portuguesa. Aos seus últimos momentos assistiram, entre outros familiares, a Condessa da Covilhã, sr.ª D. Maria Emília Fernandes Borges do Quental Calheiros, sua filha, sr.ª D. Maria Manuela do Quental Calheiros Gentil Quina, seu filho, sr. José Carlos Rebsamen do Quental Calheiros, seu irmão, dr. José Calheiros, e seu genro, sr. dr. Miguel Gentil Quina.

Filho do 2.º Conde da Covilhã, José Mendes Veiga do Quental Calheiros, e de D. Mary Anahory, o sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros, 3.º Conde da Covilhã, nasceu em Oliveira do Hospital a 19 de Novembro de 1899.

Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, a esta cidade ficaria sempre ligado ao longo da sua vida, como frequentemente teve oportunidade de manifestar. As suas qualidades intelectuais, a sua determinação e lucidez cedo se revelariam, traduzindo-se numa obra que cobre diversos sectores da vida nacional.

Um dos empreendimentos de maior vulto a que o seu nome desde logo ficou ligado com grande notoriedade foi, em 1937, a transformação que operou da Casa Bancária Borge & Irmão no Banco Borges & Irmão, de que, desde então, assumiria a presidência do conselho de administração. A interessada atenção que, ao longo da sua vida, o sr. Conde da Covilhã sempre prestou às realidades económicas do País e, particularmente, da região nortenha, revelar-se-ia, expressivamente, pelo apoio prestado pelo Banco Borges & Irmão a grandes indústrias do Norte, como pelo estímulo e o amparo a pequenos e médios empreendimentos.

Na sua obra avulta, igualmente, como uma das suas grandes realizações, a Manufatura Nacional de Borracha (Mabor), pioneira no nosso país da indústria de pneumáticos, e que tendo iniciado a laboração em 1946, ocupa lugar de relevo na economia portuguesa e na indústria europeia de pneus e camaras-de-ar. Na fase de arranque deste empreendimento, deu mostras o sr. Conde da Covilhã das suas qualidades de decisão e da sua forte vontade que lhe permitiram vencer obstáculos de muita monta que seriam suficientes para fazer desistir outro menos preparado. Na concretização de uma actualização preocupada de promover a complementaridade das indústrias, o sr. Conde da Covilhã estabeleceu, depois, a Indústria Têxtil do Ave destinada à produção dos tecidos especiais que se utilizam no fabrico dos pneus, e que, até aí importados, passaram a evitar a saída de divisas e, até a ter apreciável venda no estrangeiro.

Igualmente no domínio do turismo, onde o sr. Conde da Covilhã cedo reconheceu uma das mais promissoras actividades nacionais, a sua acção teve incidências muito positivas, particularmente no lançamento de infra-estruturas indispensáveis para o desenvolvimento dessa indus-

tria. Cabe aqui uma especial referência ao que a Beira Baixa e o País lhe ficaram a dever na valorização turística, embelezamento, apetrechamento hoteleiro e promoção humana de Monfortinho, transformando num local agradável e acolhedor uma região antes inóspita e desértica.

Do apoio prestado pelo sr. Conde da Covilhã resultou também a criação da Icesa-Indústrias de Construção e Empreendimentos, que muito contribuiu para o avanço da construção civil. O conjunto urbano de St.º António dos Cavaleiros é uma das grandes realizações desta empresa.

A diversidade das firmas associadas ao Banco Borges & Irmão, que superiormente orientou, traduz bem a largueza da acção do sr. Conde da Covilhã que, desde o ramo dos seguros, com a Companhia de Seguros Atlas, até à Sociedade dos Vinhos Borges, inspirou e dinamizou empreendimentos que alcançaram os primeiros lugares nos seus sectores e se afirmaram como iniciativas de verdadeiro alcance nacional, com larga projecção no estrangeiro.

Não se limitou, porém, ao território metropolitano a acção do sr. Conde da Covilhã que igualmente se fez sentir no Ultramar. Foi esta acção essencialmente orientada pelo objectivo de promover o progresso dos territórios africanos e auxiliar a unificação do espaço económico nacional. Entre os empreendimentos ultramarinos que apoiou e que já hoje constituem consideráveis factores do desenvolvimento económico de Angola e Moçambique, destaca-se o Banco de Crédito Comercial e Industrial, afiliado do Banco Borges & Irmão. Muito relevo assume, igualmente, a Mabor Angolana.

Obra de assinalável envergadura deixou igualmente o sr. Conde da Covilhã no Brasil, onde residiu alguns anos, particularmente traduzida em considerável concurso à construção naval e na fundação do Banco Borges, com sede no Rio de Janeiro.

Embora tendo sido submetido nos últimos anos a várias intervenções cirúrgicas, sempre o sr. Conde da Covilhã acompanhou o desenvolvimento do Banco Borges & Irmão e das empresas suas afiliadas. Isso deve-se tanto à força de animo e amadurecida serenidade que sempre marcou a sua actividade, como à sua capacidade de escolher e formar colaboradores. E já na última década, partilhou o sr. Conde da Covilhã com o seu genro, sr. dr. Miguel Gentil Quina, a responsabilidade da superior gestão do grupo de empresas a que preside o Banco Borges & Irmão.

O corpo do conde da Covilhã foi esta manhã trasladado para a Basílica da Estrela, onde amanhã, pelas 9 horas será rezada missa de corpo presente. O funeral, a cargo da Agência Magno, seguirá, às 10 horas para jazigo de família no Cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde serão rezados responsos pelas 15 e 30.

Norberto António da Conceição de Mateus e Cunha

Por sua expressa vontade, só agora, passados 15 dias, é dada a notícia da morte de Norberto António da Conceição de Mateus e Cunha, jor-

nalista e antigo cronista da Festa Brava.

Era natural de Lisboa, e a sua vocação jornalística ficou expressa nas colaborações em várias revistas e jornais da época.

Em execução de disposição de última vontade, os seus restos mortais foram cobertos com a bandeira monárquica e o corpo sepultado em campa rasa.

Tendo sido acarinhado por muitos amigos, quis deixar expressa a gratidão por todos eles e em especial aos senhores drs. Afonso Marchueta, António Almeida Costa e José Calado.

FUNERAIS

**Eng.º agrónomo
Alvaro Trigo de Abreu**

PORTO, 16 — Da Igreja da Lapa, para o cemitério de Barcel (Mirandela) realizou-se, esta manhã, o funeral do sr. eng.º agrónomo Alvaro Trigo de Abreu, ontem falecido, após longa enfermidade.

O extinto exerceu altos cargos no Ministério da Economia, tendo sido inspector-chefe da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas, director da Brigada Técnica dos Serviços Agrícolas de Mirandela, presidente da Casa do Douro e delegado do Governo junto daquela instituição, bem como director da Estação Agrária do Porto. Foi, também, membro da Câmara Corporativa.

Era casado com a sr.ª D. Berta de Jesus Castelo, pai da sr.ª eng.ª química D. Maria Cândida Trigo de Abreu Negreiros Vaz, casada com o sr. dr. João Negreiros Vaz, e do sr. eng.º agrónomo Armando Trigo de Abreu, e irmão das sr.ªs D. Maria Isabel Trigo de Negreiros Cabral Sampaio e D. Cândida Olímpia Trigo de Negreiros Rodrigues, e do sr. dr. Joaquim Trigo de Negreiros, conselheiro-presidente do Supremo Tribunal Administrativo.

SINDICATO DOS PUBLICITÁRIOS

(Continuação da pág. central)

e nquadramento corporativo. Com efeito, constituiu-se recentemente o Grémio Nacional das Actividades Publicitárias, no qual se encontram filiadas dezenas de empresas. Tanto significa que a Publicidade tem vindo a ganhar em Portugal foros de grande actividade económica, integrada como está no amplo processo de comercialização dos bens e serviços.

Sabe-se, na verdade, que a concepção, planeamento e execução da Publicidade se dedicam já hoje, entre nós, alguns milhares de profissionais; que o volume das verbas afectas à Publicidade é cada vez mais significativo; que a importância crescente da Publicidade no quadro da nossa economia tem vindo a ser reconhecida pelo Governo, como o provam, entre outros factos, a constituição do referido Grémio Nacional das Actividades Publicitárias, e a integração da publicidade no elenco de cursos do futuro Ensino Politécnico.

Ora, sabido tudo isso, cabe perguntar — e muito pertinentemente: Para quando um Sindicato Nacional dos Profissionais da Publicidade?

As actividades e vantagens do Sindicato

E, logo em seguida, enumeram-se algumas das suas possíveis actividades e vantagens, postas, também, depois, em relevo num projecto de documento (lido mais tarde) a enviar ao Ministério das Corporações, acompanhado de assinaturas (e já há cerca de 350), e solicitando a criação do Sindicato.

Actividades e vantagens que, entre outras, serão:

«Estudo do conceito de profissional de publicidade (com delimitação de sua extensão, etc.); definição das diferentes categorias de profissionais de publicidade; definição do regime de concessão de carteiras profissionais; celebração de um contrato colectivo de trabalho; criação, no ensino oficial, de estudos superiores de publicidade; criação, no ensino particular, de cursos de especialização profissional».

Quem constituirá o organismo da classe?

Foi anunciado, depois, que tinham sido recebidas, devidamente preenchidas, 162 fichas das que acompanhavam a referida circular, 37 das quais contendo sugestões sobre alguns aspectos de organização e trabalhos do futuro Sindicato. E, feita, ainda, a apresentação, por um dos elementos que constituíram a comissão provisória, entrou-se, depois, no debate.

Falou, primeiro, Raul Calado, que, depois de explicar o aparecimento inicial de duas comissões, que se devem apenas ao facto de mútua manifestação de desconhecimento, manifestou o seu regozijo por ser a primeira vez que tantos publicitários se reuniram, não para almoçar ou passear, mas, antes, para defender os seus interesses — e propôs um voto de louvor à comissão. Salientou que a constituição do Sindicato já estava muito atrasada, até por já haver o Grémio, e entrou em outro aspecto, que haveria de levantar muita celeuma: há uma grande confusão — disse — e ainda não se sabe quem são os profissionais de publicidade (por

exemplo, os homens das relações públicas e do «marketing» estão, ou não, incluídos?), o que seria indispensável para eleger a comissão. E requer, assim, que, antes, se fizessem as reuniões necessárias para esclarecer o assunto.

Sobre este requerimento, o dr. Manuel Alvim afirmou que a reunião tinha como objectivo eleger a referida comissão, o que constituía o primeiro e mais importante passo; depois, aquele convocaria as reuniões que fossem necessárias para tratar esse e outros assuntos, debater os estatutos a apresentar superiormente, etc. Estabeleceu-se, então, diálogo e polémica, gerando-se certa confusão e desarrumação (falta de experiência sindical...) que a mesa não conseguiu obstar.

O mesmo Raul Calado pediu diversas vezes a palavra, houve outras pessoas a interromper ou intervir, e a mesa voltou a acentuar que a reunião se destinava, antes de tudo, a eleger a comissão (e a autorização era para isso...) que era o essencial — e, se se começasse primeiro a discutir os outros assuntos, acabaria por nunca mais se fazer nada. Declinou, também, que a exacta delimitação do que seria o que integraria o sindicato devia ficar para discutir mais tarde, e que isto mesmo tinha sido a opinião do representante do Ministério das Corporações ouvido sobre o assunto.

A constituição da comissão efectiva

A discussão (confusa) ain-

da continuou, até que finalmente foi posta à votação uma proposta no sentido de se passar à discussão e votação dos nomes que constituiriam a comissão efectiva — proposta que foi aprovada por larguíssima maioria.

Neste ponto, foi apresentada pela comissão provisória uma lista, que resultou de diversas consultas prévias, e depois de algumas intervenções foi pedido a todos os presentes que estivessem interessados em colaborar na mesma que se inscrevessem, a fim de poderem também ser votados.

Houve um intervalo para ver se apareciam mais nomes, seguiu-se mais um pequeno período de discussão, e por fim foram aprovados para constituir a comissão promotora do Sindicato Nacional dos Profissionais de Publicidade:

Madalena Frago (Morrisson), Maria Alice Leitão (Cinevoz), dr.ª Maria Eugénia Reborta (Lintas), António Nunes de Almeida (M. M. Hora), António Pardete Fonseca (Publitope), Bez elga Branco (Suíço-Português), César Cunha Belém (Joma), Ernesto de Carvalho (I. A. S.), dr. Francisco Agares (Penta), José Romão (Lintas), Luís Filipe Brito Monteiro (Sonarte), dr. Magalhães Santos (Ciesas), dr. Manuel Alvim (Lintas), dr. Orlando Ré (Exito), Pedro Sepúlveda R. Fonseca (Latina), Rui António Cruz (Moviecord), Tomás Branquinho da Fonseca (Cinevoz), Carlos Carvalho (Latina) e António Boavida Amaro (Carris — secção de Publicidade).

**SENSACIONAL
CONCURSO**

Vapedrone

Para assinalar a recente inauguração da melhor e mais moderna loja de electrodomésticos de Lisboa — A **"Vapedrone 3"**

Peça um boletim numa das 3 lojas Vapedrone, na Rua da Vitória, 54; ou Rua dos Fanqueiros, 17, ou ainda na Av. Almirante Reis, 82-A. Escreva uma quadra utilizando as 2 palavras que estão expostas na montra da Av. Almirante Reis, 82-A, e envie-a para uma das 3 Lojas Vapedrone, até sábado 18 de Abril.

As três melhores quadras serão premiadas respectivamente com:

**1 — GRAVADOR
1 — RÁDIO
1 — GIRA-DISCOS**

PRÉMIOS TELEFUNKEN



Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã)

Maria Emília Fernandes Borges do Quental Calheiros (Condessa da Covilhã), Maria Manuela Borges do Quental Calheiros Gentil Quina, Miguel Gentil Quina e filhos, José Carlos Reb-samen do Quental Calheiros, Maria Manuela Sant'Ana Marques do Quental Calheiros e filhos, Clotilde do Quental Calheiros e filhas, Margarida Calheiros Ferreira, marido e filhos, Maria Luiza Calheiros Lobo de Andrade, marido e filhas, José Borges de Albuquerque Calheiros, Maria da Assunção Fernandes Borges, participam que, confortado com os sacramentos da Santa Madre Igreja, faleceu o seu marido, pai, sogro, avô, irmão, cunhado, tio e genro e informam que o funeral, após Missa de corpo presente celebrada às 9 horas, de amanhã, sairá da Basílica da Estrela, cerca das 10 horas, para jazigo de família no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde serão rezados responsos pelas 15.30 horas.



Conde da Covilhã

Os corpos gerentes e o pessoal do Banco de Crédito Comercial e Industrial S.A., participam o falecimento do sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã), fundador ilustre e muito querido Vice-Presidente da instituição e anunciam que o seu funeral, precedido de Missa de corpo presente, às 9 horas, sairá amanhã da Basílica da Estrela, pelas 10 horas, para jazigo de família no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde serão rezados responsos, pelas 15.30 horas.



Conde da Covilhã

Os corpos gerentes e o pessoal do Banco Borges & Irmão S.A., participam o falecimento do seu ilustre e muito querido Presidente do Conselho de Administração, sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã) e anunciam que o seu funeral, precedido de Missa de corpo presente, às 9 horas, sairá amanhã da Basílica da Estrela, pelas 10 horas, para jazigo de família no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde serão rezados responsos pelas 15.30 horas.



Conde da Covilhã

Os corpos gerentes e o pessoal da Mabon — Manufactura Nacional de Borracha S.A., e empresas associadas, cumprem o doloroso dever de participar a morte do sr. Conde da Covilhã, dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros, seu muito querido e ilustre Presidente do Conselho de Administração e fundador e informam que o seu funeral, precedido de Missa de corpo presente, às 9 horas, sairá amanhã da Basílica da Estrela, pelas 10 horas, para jazigo de família no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde serão rezados responsos pelas 15.30 horas.



Conde da Covilhã

Os corpos gerentes e o pessoal da Atlas — Companhia de Seguros, S.A., participam o falecimento do seu muito querido e ilustre Presidente do Conselho de Administração, sr. dr. Júlio Anahory do Quental Calheiros (Conde da Covilhã) e comunicam que o seu funeral, precedido de Missa de corpo presente, às 9 horas de amanhã, na Basílica da Estrela, seguirá, pelas 10 horas, para jazigo de família no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, onde serão rezados responsos pelas 15.30 horas.

Diário de Lisboa

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Ind. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal



PLANO DE REGA DO ALENTEJO

O Presidente da República visitou hoje os aproveitamentos de Odivelas e Alto Sado

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS — Em Portugal continental, o céu estava pouco nublado ou limpo, o vento trazo por influência de uma vasta zona de altas pressões que se estende da Europa Central até à região das Canárias, praticamente estacionária.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 7°; Faro, 20°; Funchal, Porto, 7°; Penhas Douradas, 6°; Lisboa, 9°; Portalegre, 22°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Porto, 15°; Penhas Douradas, 4°; Coimbra, 3°; Portalegre, 21°; Lisboa, 8°; Faro, 24°; Funchal, 17°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 21°; na água do mar: 15°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo, vento fraco de Nordeste e neblina matinal.



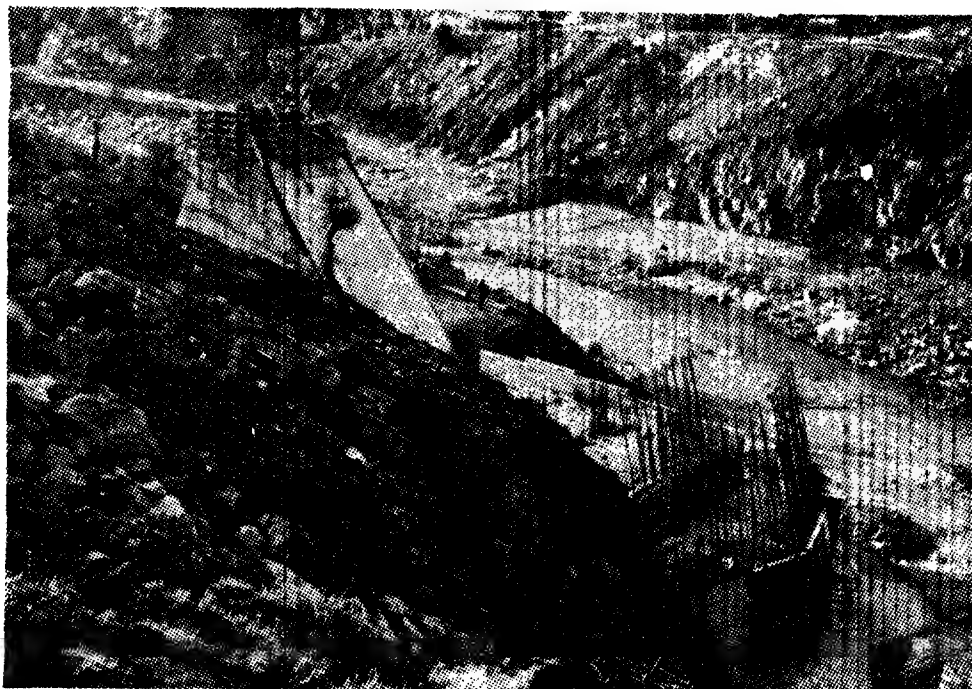
Amoroso
Nascer às 6 e 59
Ocaso às 20 e 04



DIAS 21, 28, 5, 13

MARES:

PREIA-MAR — Hoje: 0 e 45 (3,2 m); 18 e 24 (3,2 m); Dia 17: 1 e 36 (3,4 m); 14 e 08 (3,4 m); Dia 18: 2 e 17 (3,6 m); 14 e 41 (3,6 m).
BAIXA-MAR — Hoje: 7 (1,7 m); 19 e 08 (1,8 m); Dia 17: 7 e 40 (1,5 m); 19 e 48 (1,6 m); Dia 18: 8 e 12 (1,3 m); 20 e 20 (1,3 m).



Aspecto dos trabalhos da futura barragem de Odivelas, hoje visitada pelo Chefe do Estado

FERREIRA DO ALENTEJO, 16 — As obras de construção dos aproveitamentos hidroagrícolas de Odivelas e do Alto Sado foram hoje visitadas pelo sr. Presidente da República que amanhã se deslocará ao local onde está a ser erguida a barragem de Alqueva no rio Guadiana.

Os referidos aproveitamentos integram-se na segunda fase do Plano de Rega do Alentejo e, uma vez concluídos, beneficiarão mais de 7400 hectares de terreno. Recorda-se que a primeira fase do Plano, com os aproveitamentos de Mira, Roxo, Cala e Divor, beneficiou cerca de 25 mil hectares.

Integram ainda a segunda fase do mesmo plano os aproveitamentos do Crato e do Guadiana. Encontra-se em elaboração

adiantada o projecto do primeiro, que permitirá regar cerca de 4000 hectares, e concluiu-se o do segundo, órgão fundamental que será origem da água que beneficiará parte muito importante da área de 170 mil hectares abrangida no total, pelo Plano de Rega

O sr. almirante Américo Thomaz deixou a Portagem da Ponte Salazar às 9 e 30 a caminho da barragem de Odivelas. Acompanhavam-no os srs. engs. Ruy Sanches, ministro das Obras Públicas, tenente-coronel Soares Cunha, Vasco Leônidas, respectivamente secretários de Estado das Obras Públicas e da Agricultura; eng. Mário Alves Fernandes, chefe do gabinete do ministro das Obras Públicas, comandante Guilherme Tomaz, da Casa Militar do Chefe do Estado, além de funcionários superiores e técnicos dos ministérios das Obras Públicas e da Economia.

O cortejo automóvel, precedido por batedores da P. V. T., seguiu em direcção à Alcaçer do Sal e Torralva, chegando ao aproveitamento hidroagrícola de Odivelas às 11 e 30, depois de percorridos 140 quilómetros. No limite do concelho, aguardavam o Chefe do Estado o bispo de Beja, D. Manuel dos Santos Rocha, dr. Vieira da Silva, governador civil daquele distrito; presidentes das câmaras municipais de Ferreira do Alentejo, Aljustrel e de Ourique.

Nos estaleiros da barragem, aguardavam o Chefe do Estado e os membros do Governo os eng.ºs Armando Palma Carlos e José Beja Neves, respectivamente director-geral dos Serviços Hidráulicos e director dos Serviços de Aproveitamentos Hidráulicos; eng.º Faria Ferreira, chefe da Divisão dos Projectos da respectiva Direcção-Geral; eng.ºs agrónomos Rosado Gusmão, presidente da Junta Hidráulica Agrícola e Cabido Garcia, da referida Junta, e outros funcionários da Secretaria do Estado da Agricultura, além do engenheiro residente, eng.º Ilídio Neves. Neste

aproveitamento hidroagrícola de Odivelas, foram observados, em primeiro lugar, os trabalhos de construção da barragem; esta, de betão, e do tipo abóbada múltipla, terá cerca de 48 metros de altura máxima acima do leito da ribeira e 523 metros de de-

senvolvimento no coroamento. Encontra-se efectuada a quase totalidade das escavações previstas para abertura das fundações ao longo de todo o comprimento da barragem e colocados cerca de 12000 metros cúbicos de betão. Aproxima-se de 300 o número total de trabalhadores presentemente em actividade no estaleiro.

O sr. Almirante Américo Thomaz, com a sua visita, descerrou os trabalhos e a construção da barragem.

Em seguida à barragem, e no percurso para Ferreira do Alentejo, foram visitados trabalhos relativos à rede de rega, cuja construção se encontra em pleno desenvolvimento, cumprindo-se pontualmente os programas previstos. Nestes trabalhos se empregam presentemente cerca de 500 trabalhadores.

O Chefe do Estado no Alto Sado

Ao princípio da tarde, o sr. Presidente da República chegou a Ferreira do Alentejo onde visitou o edifício que será a sede da Associação de Regantes e Beneficiários de Odivelas.

Após o almoço, a comitiva seguiu para o Alto Sa-

do, com passagem por Aljustrel e Messejana.

Nas obras do Alto Sado, o sr. almirante Américo Thomaz foi recebido pelo engenheiro residente Campos de Carvalho. Como nas obras de Odivelas, o eng.º Palma Carlos fez uma exposição, perante gráficos, e descreveu a posição actual dos trabalhos e o valor da obra que deverá estar concluída no próximo ano.

Nesta grande obra do Alto Sado, observou-se primeiramente, o estaleiro de construção da barragem do Monte da Rocha que será de terra e terá cerca de 47,5 metros de altura máxima e 638 metros de desenvolvimento no coroamento.

No percurso para Serpa foram ainda visitadas as obras em curso da rede de rega do aproveitamento do Alto Sado, cuja construção se desenvolve também em várias frentes, sem atrasos relativamente ao respectivo programa, empregando, no total, cerca de quatro centenas de trabalhadores.

O sr. Presidente da República com a sua comitiva saiu da barragem ao fim da tarde em direcção à Pousada de Serpa, onde janta e pernoita.

VI RALLYE ÀS ANTAS

SUPLEMENTO ESPECIAL NO

motor

QUE SAIU HOJE

NESTE NÚMERO:

- O «CASO A. C. P. — FEDERAÇÃO» JÁ PASSOU AS VOSSAS FRONTEIRAS (Philippe Tousaint, do serviço de reportagem no estrangeiro)
- REPORTAGEM DOS «1000 KM DE BRANDS HATCH» E TREINOS DAS «24 HORAS DE LE MANS» (Philippe Toussaint)
- APENAS MAIS UNS «CROMADOS»... NO REGULAMENTO DO CAMPEONATO NACIONAL DE VELOCIDADE (Francisco Romãozinho)
- COMEÇA DOMINGO O RALLYE DO SÉCULO
- REPORTAGEM DO I RALLYE B. F. B. (Maria do Céu)
- II RALLYE DA SOCIEDADE GERAL (F. N. A. T.)
- PÁGINA DE MOTONÁUTICA
- REPORTAGEM AO III MOTOCROSS DE ALMADA (Maria do Céu)

As habituais secções e um completo noticiário do Mundo Automóvel

24 PÁGINAS

PREÇO 2\$50

«OSAKA = 70»

VIAGENS AO ORIENTE

Temos alguns lugares disponíveis para as viagens suplementares (acompanhadas) a partir de Lisboa em:

- 9, 15 e 16 de Maio
- 3 de Junho
- 20 de Junho
- 10 de Julho
- 10 e 22 de Agosto

NÚMERO DE LUGARES MUITO LIMITADO

PARTIDA GARANTIDA

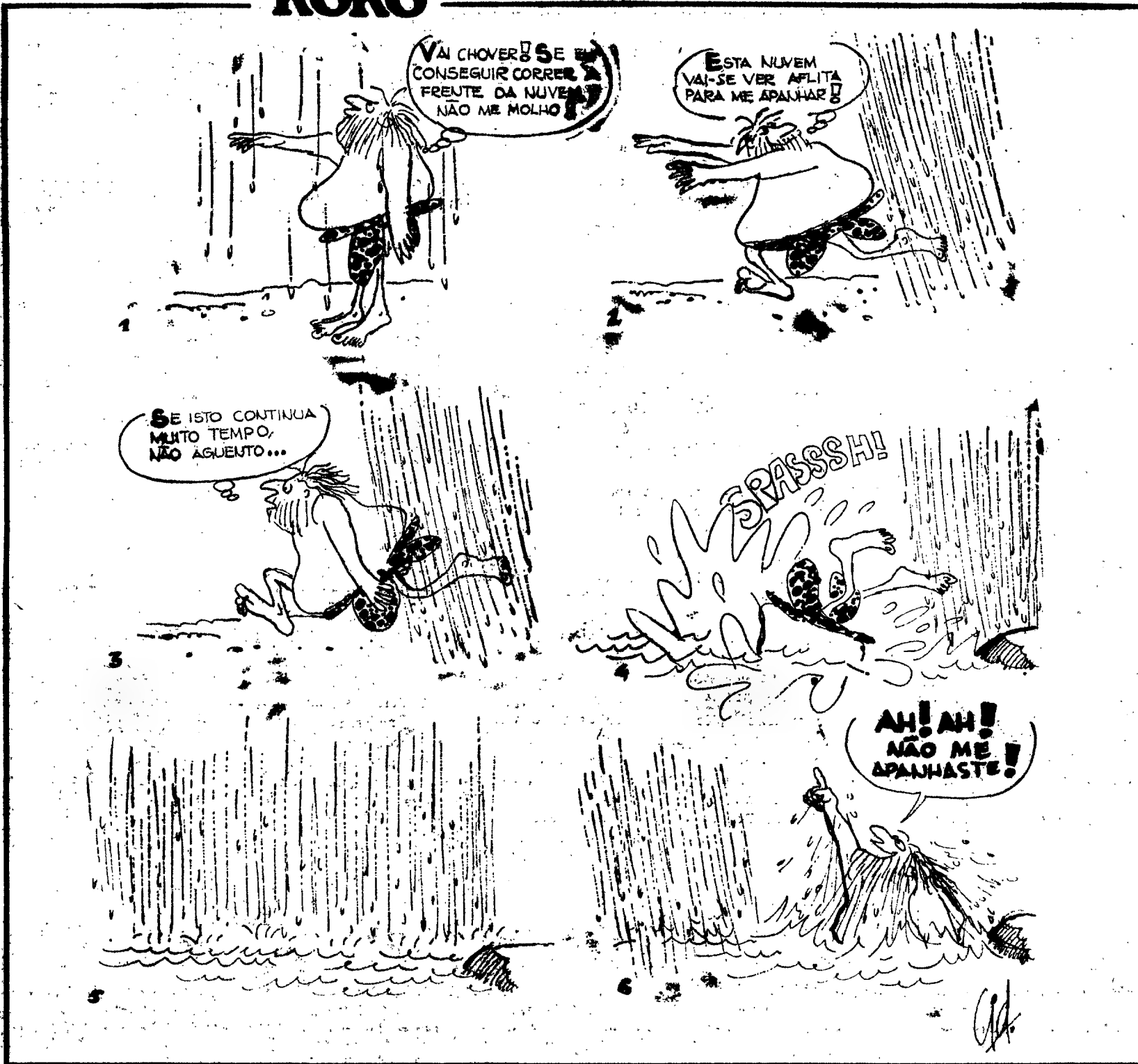
Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235 — LISBOA-2 — Tel. 53 61 21



koko



2.º

caderno

«BARMEN» DE PORTUGAL

Foi outorgada a escritura do Clube de Barmen de Portugal, associação cultural cuja sede funcionará, provisoriamente, na Rua Braamcamp, n.º 22 A (Snack-Bar Caprília).

Figuram como outorgantes e ficarão a constituir a comissão directiva provisória os srs. Aníbal Vieira de Brito (Hotel Fénix), José dos Santos Belém (Paris-Orly), Rui Macielra (Cubata-Setúbal), António Fernandes dos Santos (Bar Bolina), Bento Joaquim Arias (Hotel Excelsior), Carlos Pais (Hotel de Lagos), Felício Baptista Nogueira e Carlos Pinto Lobão (Hotel Ritz), José Gomes e Reinaldo Ferreira Gomes (Hotel Cidadela), Alfredo Fernandes dos Santos (Hotel Baía) e Bruno da Silva Paiva (Hotel Reno).

Os estudantes vão agora ser submetidos à aprovação da ministério da Educação Nacional e, seguidamente, a comissão directiva tratará da organização do clube, admissão de sócios, montagem da sede social e, no prazo de seis meses da data da homologação, convocação da assembleia geral para eleição dos corpos gerentes estatutários.

Os sócios admitidos até à realização da primeira assembleia geral serão considerados sócios fundadores.

Na sede provisória realizar-se-ão encontros todas as sextas-feiras, às 16 horas, para contacto entre os profissionais, informações acerca do desenvolver das diligências e estudo de sugestões quanto a futuros empreendimentos.

Curso do Centro de Formação Profissional das Artes Gráficas

A presente semana marca o início dos primeiros cursos organizados por este Centro.

Criado, equipado e mantido através das comparticipações do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, dos Grémios dos Gráficos e dos Industriais de Litografia e Rotogravura e da Federação dos Tipógrafos e Litógrafos, destina-se este organismo a corresponder, na medida das suas possibilidades, às crescentes necessidades de qualificação dos profissionais gráficos.

Na passada segunda-feira teve a sua sessão de abertura

o 1.º Curso Intensivo de Especialização (grau C) para Linotipistas, o qual se destina a dar, aos candidatos já inscritos nos próximos exames de aptidão profissional, aquela preparação teórica e tecnológica cuja falta geralmente se fazia sentir. Tem a duração de nove semanas. Recebidas e confirmadas 33 inscrições, foi necessário desdobrar este curso em dois turnos, funcionando das 14 e 30 às 16 e das 18 e 30 às 20.

Posteriormente iniciou-se o 1.º Curso de Reciclagem Básica para Fotógrafos de reprodução gráfica, destinado a actualizar e aprofundar conhecimentos de profissionais já altamente qualificados. Será preenchido fundamentalmente com Noções de Física e Química Aplicada, de Tecnologia Profissional e de Novas Técnicas e terá a duração de três semanas, funcionando das 16 e 30 às 20. Enviada circular às empresas interessadas, foram recebidas inscrições ultrapassando o limite previsto — 12 participantes — pelo que está a ser encarada a possibilidade de desdobramento em novo turno, a ter lugar após a conclusão do primeiro.

Jantar da Câmara de Comércio Luso-Britânica

No âmbito do programa da visita ao nosso País de uma missão da Câmara do Comércio de Londres, a Câmara de Comércio Luso-Britânica oferece um jantar amanhã, às 20 e 30, no Royal British Clube. É convidado de honra o dr. Xavier Pintado, secretário de Estado do Comércio.

TELEVISORES

APROVEITE A CAMPANHA DE TROCAS

O SEU TELEVISOR USADO VALE DE

1.500\$00 A 5.000\$00 (MESMO AVARIADO)

SE O TROCAR NA JOVICA TEM 2 ANOS DE GARANTIA

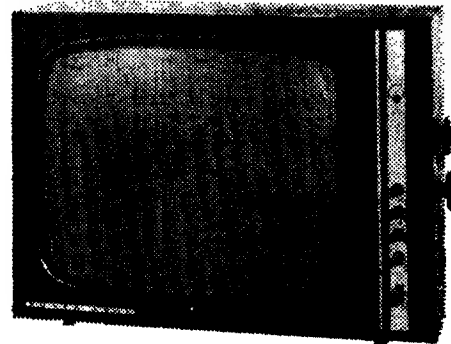
OFERTA DA ANTENA PARA OS 2 PROGRAMAS DESDE 99\$00 MENSAIS —

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

Sede: Av. 5 de Outubro, 53-C.—LISBOA—Tels. 47769-535010

Fillais: CACEM — SINTRA — OASCAIS — VENDA NOVA



DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

O NOVO TREINADOR DO BENFICA

HAGAN: «TUDO VAI DAR CERTO»

— «Mister? Oh, no, please...»

Jimmy Hagan protestou assim quando, naturalmente o tratel por «mister». Explique-lhe que, para além do facto de ser inglês, ele é treinador de futebol, e em Portugal há o hábito de chamar por «mister» os treinadores, seja qual for a sua nacionalidade. É um hábito dos bons velhos tempos...

Hagan pediu-me que o tratasse simplesmente por Jimmy, recordou partidas em que tomei parte como guarda-redes do Benfica. Pergunta-me pelos meus companheiros. Pelo Coluna, pelo Torres, o Jaime Graça, o Simões, o Eusébio,

por **COSTA PEREIRA**

o Germano. Lembra-se também do José Augusto, mas sabe que ele está agora a dirigir a equipa do Benfica.

Explico-lhe que só o Germano e eu não estamos já no activo. Os outros continuam e no primeiro plano.

O novo treinador benfiquista mostra certa estranheza por nos termos retirado «tão cedo». E diz: «Eu joguei até aos quarenta anos — e não era guarda-redes...»

★

Jimmy Hagan, 18 vezes «internacional», esteve no Jamar em 1947 quando a selecção de Inglaterra venceu a portuguesa por 10-0. Mas não temos, dele, essa «razão de queixa»: nessa altura ele era apenas suplente...

É um homem calmo, objectivo, que demonstra conhecer o chão que pisa. Conhece a equipa que vai dirigir: «Gostei francamente do Benfica há dois anos quando perdeu em Londres com o Manchester United, na fase da Taça dos Campeões. Perdeu por 4-1, mas esse resultado é falso, pois ao fim dos 90 minutos havia 1-1. O prolongamento foi fatal

para os portugueses, que pediam, antes, ter resolvido o jogo a seu favor, especialmente em dois remates de Eusébio á queima-roupa, que encontraram o corpo do «keeper».

★

Métodos de treino? O perigo de pedir aos futebolistas portugueses um sistema de jogo de grande desgaste físico, á maneira britânica?

Hagan está tranquilo: «Com tempo e paciência os jogadores irão compreendendo e apoiando os meus métodos de treino. Não é coisa que se faça da noite para o dia. Sei que os futebolistas profissionais do Benfica irão colaborar num trabalho que não é meu, é nosso, e tudo vai dar certo. Mas não tenho ainda planos definitivos. Quere ver, primeiro...»

E disse-me depois: «Penso que um jogador profissional deve trabalhar tanto como o seu treinador. Eu trabalho muito...»

Estágios? Sim, mas sem exageros:

«Os jogadores de futebol têm uma vida profissional curta e por isso têm de se preocupar em ganhar dinheiro. Têm de saber cuidar de si próprios. Um treinador não é um polícia, não pode andar sempre a vigiá-los, a prendê-los pela mão. Não tenho a mais pequena dúvida sobre o sentido de profissionalismo dos jogadores do Benfica e estou confiante. Eles e eu vamos ser uma equipa.»

Hagan, o primeiro inglês no Benfica depois dos tempos longínquos de Ted Smith, é um homem confiante. Sorri quando lhe falam dos problemas de certa interioridade física dos futebolistas portugueses em relação áqueles que ele está habituado a orientar. Como se não fosse novidade para eles, Tommy Docherty está em dificuldade no Porto e a equipa do Porto está em dificuldade com Docherty? Hagan mantém-se imperturbável. E sorri, confiante em si próprio e nos jogadores do Benfica: «Seremos uma equipa.»

Tomou posse o novo seleccionador nacional de futebol

Tomou ontem posse o novo seleccionador nacional de futebol, Gomes da Silva. Acto luzido, que se efectuou na sala de congressos da F. P. F. Compuseram pessoas em realce nos sectores futebolísticos, como, por exemplo, o dr. Matos Correia, presidente do referido organismo, dr. Osvaldo Branco, tesoureiro, dr. José Fajardo, Afonso de Lacerda, professor Marques de Matos, o presidente do Conselho Técnico, Carlos Ramalho, dr. Silva Rocha e vários dirigentes da A. F. L.

Discursaram o antigo seleccionador, dr. José Maria Antunes, que fez um balanço das dificuldades de que se revestiu o seu trabalho e desejou as maiores felicidades ao seu sucessor; Gomes da Silva, que deu nota do seu desejo de realizar trabalho profícuo e dr. Matos Correia, que disse confiar plenamente na acção do novo seleccionador nacional. Também falou Justino Pinheiro Machado, antigo presidente da F. P. F.

A equipa técnica da selecção é constituída por Gomes da Silva, Armando Ferreira, colaborador e responsável pela equipa de «Esperanças», treinadores José Maria Pedroto e José Augusto, colaborador e responsável pelo «Esperanças», massagista Manuel Marques e Hamilton Pena e médicos drs. Silva Rocha e Carlos Costa.

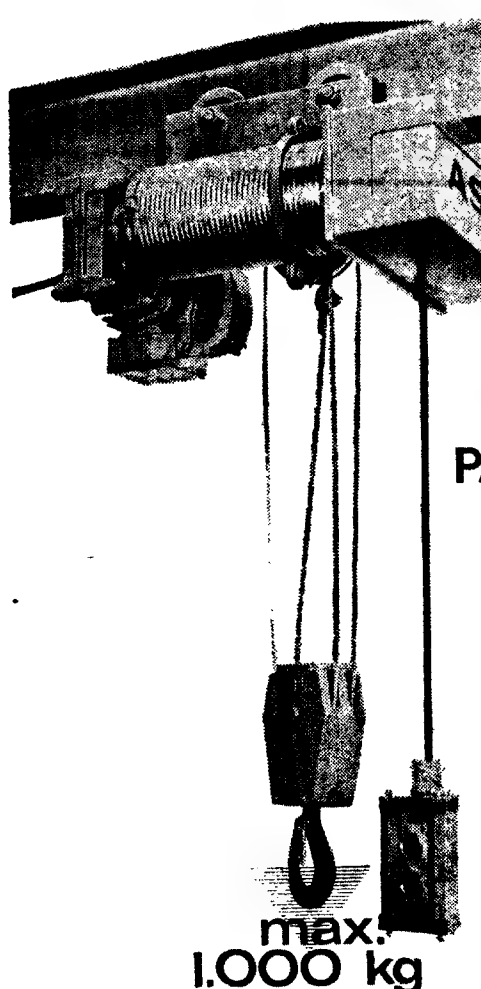
O DESPORTO AMADOR NO BELENENSES

O Belenenses inaugurou ontem, na sua Secretaria, o mostruário de taças conquistadas pelo desporto amador.

Em luzida sessão, tomaram posse os seccionistas das seguintes modalidades amadoras: andebol, atletismo (feminino e masculino), basquetebol, campismo, futebol juvenil, ginástica (masculino e fe-

minino), halterofilismo, hóquei (em campo e em patins), ténis, ténis de mesa, luta, natação, raguebi, tiro e xadrez.

Falou o presidente da Direcção do clube, eng. Chaves Rosa e o indefectível belenense Acácio Rosa pronunciou-se também emotivo discurso, em que realçou a vitalidade e o ecletismo da popular agremiação do Restelo.



NOVO DIFERENCIAL DE CARACTERÍSTICAS REVOLUCIONÁRIAS PARA CARGAS LEVES

Tipo TIF

Um novo diferencial para indústria, comércio, agricultura e artesanato, que possui:

- todas as vantagens dos diferenciais clássicos
- um guia de cabo eficiente
- posições de fim de curso reguláveis
- um robusto motor assíncrono, trifásico de rotor em curto-circuito, com um freio electromagnético de disco
- motor manobrado por contactores
- botoneira suspensa para manobra
- rolamentos de rolos livres de lubrificação em todos os apoios
- fácil manutenção

max. 1.000 kg

Consulte-nos para: motores, contactores e arrancadores, interruptores, corta-circuitos, relés, T. I., pára-raios, transformadores de potência, grupos electrogénios, accionamentos de velocidade variável, quadros eléctricos, etc.



ASEA

ASEA ELÉCTRICA, LDA.
Estrada do Prior Velho, -
Tel. 251 11 01 (5 linhas) - SACAVEM
Rua do Campe Alegre, 144
Tel. 672 39 - PORTO

SESSÃO MOVIMENTADA NO RENASCER DO BOXE

• Vitor Sousa (Amadora), um pugilista em evidência

O retorno do pugilismo á actividade marcou um triunfo para os seus adeptos. O público aconteceu em grande número incentivando com o seu apoio a coragem dos dirigentes clubistas e federativos que, sem qualquer auxílio, se decidiram a reavivar a modalidade.

A «taça Pierre Charles» como digna homenagem a um dedicado servidor do pugilismo, vai ser uma justa consagração.

Os combates tiveram bom nível técnico, emoção e movimento. O público vibrou intensamente e teve a sorte de assistir ao regresso de Vitor de Sousa (Amadora), que fez o melhor combate da noite. E isto após três anos de serviço militar no Ultramar. Voltaram, também, a ver Carlos Almeida, o antigo campeão nacional, actualmente a combater em Espanha e Jorge Monteiro, o «estilista» do Bairro de Inglaterra, que tem lutado em França como profissional.

Além de Vitor de Sousa, distinguiram-se os «experientes» Fernando Andrade, Orlando Silva, Francisco Realinho e Luís Neto.

Os combates, todos em 3 assaltos de 3 minutos tiveram as seguintes decisões:

Meio-médios ligeiros — Manuel Bessa (Rio de Janeiro) venceu aos pontos José Patrício (E. Alvareda) revelando clara superioridade técnica.

Fernando Andrade (Rio de Janeiro) bateu aos pontos

João Nunes (Sporting) fazendo valer a sua maior experiência.

Ligeiros — Orlando Silva (Sporting) após um combate tecnicamente com muitos motivos de agrado, ganhou aos pontos a Vitor Marques (Rio de Janeiro).

Pluma — Francisco Realinho, internacional, mais experiente, só dificilmente dominou o seu companheiro de clube, António Rebelo que perdeu por pontos.

Mosca — O combate Aníbal Silva (Sporting) e Artur Carapinha (Amadora) não passou do primeiro assalto, pois um choque de cabeças originou um acidente que fez o médico impedir a continuação do combate. Carapinha sofreu ferida incisa na pálpebra e Aníbal Silva um ferimento fundo no repeto nasal.

Meio-médios — António Romano (Sporting) pela sua

Halterofilismo TAÇA «FRANCISCO ARDISSON»

No próximo dia 25 do corrente, com início ás 18 e ás 21 horas, realizar-se-ão as duas sessões da competição denominada Taça «Francisco Ardisson».

As provas decorrerão nas instalações do Luso do Barreiro.

apatia quase ia perdendo o combate. Valeu-lhe a falta de preparação do adversário, Vitor Pires (Rio de Janeiro) que esteve á beira do «K. O.», vindo a perder por pontos.

Ligeiro — Victor Sousa (E. Amadora) demonstrou não ter perdido qualidades, mau grado o afastamento dos ringues. Venceu claramente Farinhas Galveia (Sporting) aos pontos. Cabe aqui citar o gesto do treinador do Sporting, Ricardo Ferraz, o qual, vendo que Galveias saía do ringue sem cumprimentar o adversário o obrigou a reentrar no quadrângulo para cumprir os seus deveres de cortesia desportiva.

Éis uma atitude que define o educador que todos os treinadores devem ser.

Meio médio ligeiro — Luís Neto (Rio de Janeiro) após dois assaltos em que dominou Ramon Carvalho (Amadora), por este estar mais interessado em fazer «desplantes» do que em combater, acabou o terceiro assalto com muita dificuldade, merecendo embora a vitória pontual.

Os combates foram arbitrados e bem por Raul Reis, Fernando Mendes, Quintas Ferreira e Pedro Silva que actuaram também como juizes.

A competição prossegue no próximo dia 23, no mesmo local e á mesma hora.

P. A.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

A POPULARIDADE DE JOÃO ROQUE CONFIRMADA NO ESTÁDIO ALVALADE

João Roque — valoroso ciclista «internacional» — foi ontem à noite homenageado, no decorrer de um festival desportivo realizado, no Estádio Alvalade, por iniciativa do clube que representa — o Sporting.

Dez mil (ou mais) admiradores do brioso atleta, vindos muitos deles (talvez a maioria) da região de T. Vedras, na qual João Roque nasceu e se fez homem e desportista, deram à homenagem o enquadramento apropriado.

Foi no intervalo do desafio de futebol entre as equipas do Sporting (reserva) e do Torriense (honra) que se efectuou a cerimónia. Nessa altura, após desfile das equipas de ciclismo que, graciosamente, se deslocaram a Lisboa, a fim de participarem no festival, o dr. Pereira da Silva, vice-presidente do clube «leonino», fez o elogio do desportista e do homem. Realçou, quanto ao primeiro, o invejável «palmarés» que o credencia como um dos mais notáveis estradistas portugueses; quanto ao segundo, salientou a nobreza de carácter, a lealdade, a amizade e a qualidade do cidadão. Em síntese: João Roque, um exemplo a seguir.

A Associação de Ciclismo do Sul concedeu a João Roque um significativo louvor; e o Sporting concedeu-lhe a não menos significativa prenda — medalha de dedicação do clube.

Outras lembranças foram entregues ao popular velocipedista — da Ambar (directão e corredores), do Sangalhos, do Torriense, do Sporting de Torres Vedras e de outros clubes regionais — Atlético da Malveira, C. D. Lousa, Pinheiro de Loures, Mem Martins e Alverca. E para além destes, teve prendas de uma admiradora, de diversos admiradores, dos seus companheiros de clube. Enfim: João Roque te-

ve a plena confirmação de que a sua popularidade não é mera legenda — uma viva e consoladora realidade.

Resta registar a programação desportiva do serão: a abrir duas provas de atletismo — salto em comprimento e 3000 metros. Vencedores, respectivamente, Pericles Pinto (7.10 metros) e José Lourenço (8 m. 30.4 s.), ambos do Sporting.

Seguiram-se três provas de ciclismo. A primeira, para populares, venceu Emídio Ferreira (Alverca).

A segunda, com a intervenção de profissionais, foi de eliminação. Concorreram equipas da Ambar, F. C. Porto, Sangalhos e Sporting. Venceu Emiliano Dionísio (Sporting). Nas posições imediatas ficaram Leonel Miranda (Sporting) e Cosme de Oliveira (F. C. Porto).

A terceira competição, entre amadores-juniões (duas equipas do Sporting) foi ganha por José António Pedro.

Disputou-se, então, o desafio de futebol. As equipas alinharam:

SPORTING — Carvalho (Rui), Celestino, Bastos, Armando (Dani) e Manaca; Alexandre Baptista (Barão) e Pedras (Orlando); Chico, Lourenço (Manuel Duarte), Juvenal e Oliveira Duarte (Panhufa).

TORRIENSE — Jordão (Daniel); Narciso II, Bernardes, Sá Quintas e Alfredo; Mário e Mendes (Pedro); Jatim (Arnaldo), Rodrigues, Nineu e Narciso I.

Árbitro: Joaquim Campos. Resultado: 1-0. Golo obtido por Celestino, a passe de Chico, aos 30 m. da segunda parte.

Os «leões» tiveram predominio territorial durante os noventa minutos. Mas só concretizaram uma vez... As

suas adversidades mais evidentes foram a excelente organização defensiva (calma, sem precipitações, lucida) do Torriense; a presença espectacular dos dois guarda-redes (Jordão e Daniel), cujas ovações que lhes foram dispensadas pelo publico tiveram o cunho da justiça; e, finalmente, os maus remates dos jogadores que os desferiram.

Saliente-se: Manaca, um «senhor jogador»...

Encerrou-se o festival com um «criterium» de 30 voltas, com lançamentos de 5 em 5 voltas. Concorreram ciclistas da Ambar, F. C. Porto, Sangalhos e Sporting. Dos «leões» além de João Roque, alinhou Joaquim Agostinho. Vencedor: Emiliano Dionísio (Sporting), com 29 pontos.

RUNA: TRICAMPEÃO SEM GINÁSIO PARA TREINAR

Tínhamos ouvido contar, mas julgávamos ser exagero. E fomos a Runa: ver para crer. Vimos, acreditamos e pasmamos. Um clube criado num meio rural, onde o desporto conhecido era o chiniquinho e a «sueca», começou há seis anos a interessar-se pela luta greco-romana. Deve-se essa iniciativa a Rui Luís Margaça.

Logo nesse primeiro ano o Runa ganhou todos os campeonatos individuais e de há três anos a esta parte é campeão nacional por equipas.

Tal «palmarés» é conseguido nas mais precárias condições de trabalho, o Grupo Desportivo de Runa, desenvolvendo uma acção social notável, não tem ginásio! Para treinarem, os lutadores de Runa utilizam um barracão velho, cujas janelas

quase sem vidros e tapadas por chapas de contraplacado, pregadas aos caixilhos. O sobrado do velho edifício é de táguas apodrecidas, aqua e além «remendadas» por pranchas mais novas. As paredes têm o reboco a cair ou fazendo «barriga»...

Mais: o tapete tem seis anos de utilização e está remendado devido ao muito uso que teve. Adquiriu a dureza da madeira e, por isso, os lutadores mais jovens não lutam sobre ele. As cordas (para exercícios de fortalecimento dos pulsos, deltoides e dorsais) são um «calabre» grosso preso a uma trave de suporte do alpendre, do lado de trás do velho edifício.

No entanto, o Runa tem um gáina. Construiu-o a imaginação e o sacrifício dos diligentes runenses. Vimos.

portanto, as condições pérrimas de trabalho dos lutadores do Runa, o clube que mais «internacionais» da modalidade conta nas suas fileiras.

Vejamos agora o material humano

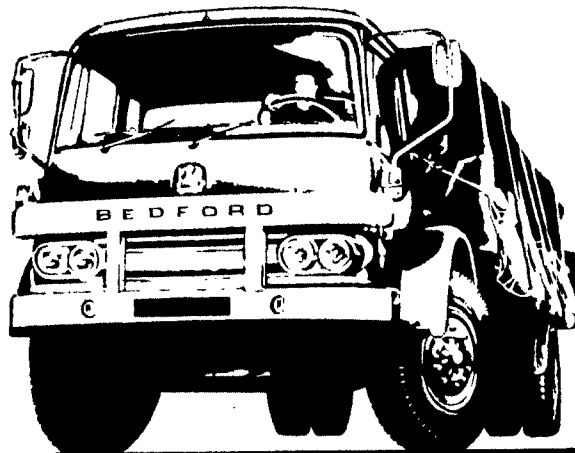
A emigração...

Sobre o assunto escutamos Rui Margaça que nos disse:

— A emigração tem «sangrado» bem os nossos efectivos. Ultimamente, os treinadores de seniores eram o António Galantinho e o Adriano Morais, pois eu não posso vir a Runa com a necessária frequência. Em Runa trabalhamos segundo os métodos seguidos na Alemanha e na Roménia. De

(Continua na página seguinte)

BEDFORD
UM AUTÊNTICO CAMPEÃO DE PESADOS



Pelo baixo custo e alto rendimento, durabilidade, extensão da gama de modelos, economia de consumo e manutenção. Pela vastíssima rede nacional e internacional de concessionários, com assistência especializada, BEDFORD é um campeão!

BEDFORD, O CAMIÃO MAIS VENDIDO NO MUNDO E TAMBÉM CAMPEÃO DE PESADOS EM PORTUGAL.



BEDFORD

UM PRODUTO DA GENERAL MOTORS



MARK OF EXCELLENCE

PRIMAVERA EM MADRID

FESTAS DE SANTO ISIDRO

EXCURSÕES A MADRID DURANTE OS MESES DE ABRIL E MAIO, PELOS COMBOIOS

Lisboa Expresso TER

ou

Lusitânia-Expresso

Peça folheto descritivo nas estações



SERVIÇO DE PROMOÇÃO DO TRÁFEGO - Publicidade

DESPORTO DESPORTO DESPORTO

HOJE À NOITE

ASSEMBLEIA — Do Futebol Clube do Porto, no Pavilhão do Estádio das Antas, às 20 e 30.

BADMINTON — Primeira jornada do II Torneio de Pares-Veteranos, organizado pelo Clube de Badminton de Lisboa, na Escola Nuno Gonçalves, às 21 e 45.

TÊNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa de Seniores: I Divisão: Ligas Sporting, Avila-C. Católico, Paço de Arcos-Belenenses e G. I. P. A.-Benfica.

II Divisão: Armadorense-Combatentes, Amoreiras-Incidente, Arte e Sport-Ate-

neu e Mirantense Rodrigues Cordeiro.

III Divisão: Acad. Amadora-Atlético do Cecém, Recorridação de Apolo-Estrela da Amadora, Arroios-Aguias e Desportivo Operário-Os Económicos.

Promoção: Série A — Madre de Deus-F. C. Lisboa, Casa Pia-Desp. da Graça e Be-

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

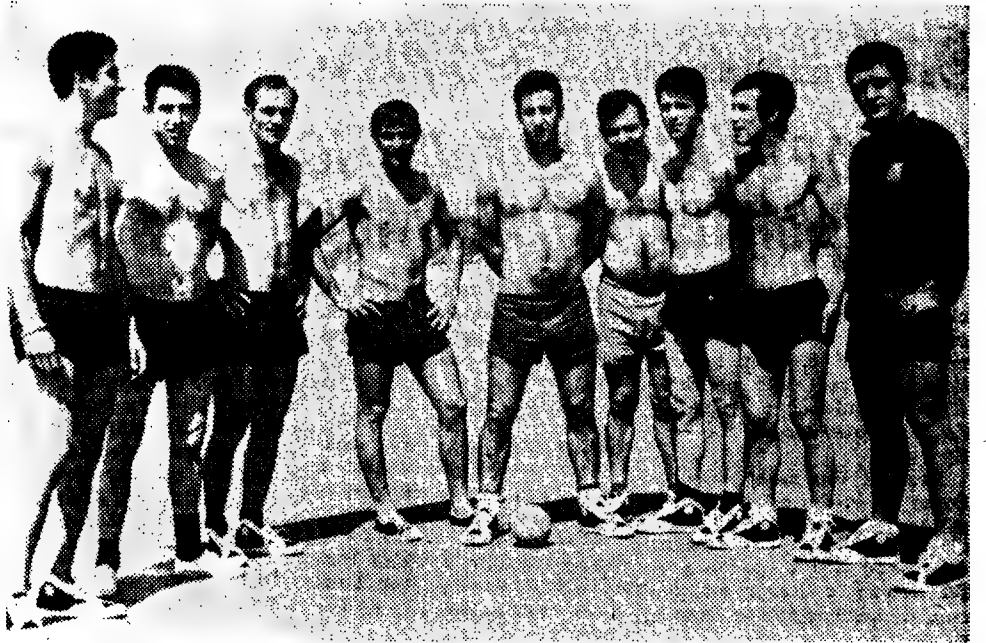
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

la Vista-Lusitano Clube. Série R: Fontainhas-Oelras, Andorinhas Tercena, Castelo-Mercês e Academia Verdi-Desp. do Carmo.

Os encontros realizam-se nas mesas dos primeiros, às 21 e 30.

VOLEIBOL — Campeonato Nacional Feminino: C. D. U. L.-Benfica, às 19 e 30, no Estádio Universitário; e Sporting de Braga-Vitória de Guimarães, às 21 e 30, na Escola Técnica.

Campeonato de Lisboa de Seniores: Benfica-Moscavide, às 21, na Escola Nuno Gonçalves.



«Abril em Portugal». Os hoquistas portugueses, antes da partida para o «Mundial» na Argentina, exemplificam esse título-legenda do Turismo nacional, beneficiando, simultaneamente, dos prazeres da praia em pleno Abril

RUNA: vida difícil

(Continuação da pág. anterior)

harmonia com isso, os lutadores «trabalham» todos para a equipa. O trabalho individual é feito por cada um deles de per si.

— Mas apesar das dificuldades o Runa vai ganhar ainda este ano o «Nacional», não vai? atalhamos.

Rui Margaça sorriu e declarou:

— Parece-me que sim, mas deve ser a última vez. O Runa devido aos factores que já apontei não tem hipótese de renovar os seus quadros, dizimados pela emigração. Também por absoluta carência de auxílio oficial não podemos preparar os mais jovens. Imagine que pedimos há mais de um ano, um tapete

de espuma de borracha a fim de os «miúdos» poderem treinar sem o risco de poderem vir a sofrer desvios da espinha. Pois, até hoje, nem novas nem mandados. Assim não podemos preparar os substitutos dos que saem e o nosso esforço acabará por morrer...

Balneário a 500 metros do barracão

Prossegue Rui Margaça:

— O Runa apresentou este ano treze lutadores na categoria de «iniciados». Não temos balneários neste barracão e só este ano fomos autorizados a utilizar os das equipas de futebol. Isso não impede que os lutadores tenham, após o treino, de percorrer cerca de quinhentos metros até ao balneário, com a roupa na mão. Imagine-se tal situação em pleno Inverno...

Acrescenta:

— Mas ninguém desanima. Aparecem sempre para treinar. Calcule que o Fernando Pereira Júnior, que é o treinador dos juvenis, tem duas classes: uma dos 9 aos 13 anos e outra dos 13 aos 15, com um total de vinte e cinco praticantes.

Fazem mais de 20 km para treinar

São jovens de Runa, Dois Portos e povoações vizinhas. Alguns são os pais que os trazem aos treinos, percorrendo mais de vinte quilómetros. Só tenho pena de, por causa do tapete, não lhes poder ser dado um treino mais completo.

Oriundo de um meio rural o Runa é um clube de amadores. Tanto dirigentes como lutadores pagam as suas deslocações, o que não deixa de ser uma verba avultada pois o Runa desloca-se amidi a Lisboa.

O sonho do Runa é fácil de realizar: deseja um ginásio. Pretende somente que lhe seja dada a possibilidade material de construir, no terreno que possui, um ginásio, com duchas, vestiários e aparelhamento indispensável à preparação dos seus lutadores.

«DIÁRIO DE LISBOA»

Do Campolide Atlético Clube recebemos um amável ofício, informando da aprovação, em assembleia geral, dum voto de saudação e agradecimento ao nosso jornal.

Os nossos agradecimentos.

Acontecimentos DE ONTEM

BASQUETEBOL

Bodas de Ouro do Luso

Englobado no programa comemorativo do cinquentário do Luso do Barreiro, realizou-se, ontem, um encontro de basquetebol entre a equipa da colectividade em festa e o Seixal F. C.

Dirigiram o encontro os árbitros: Ventura Costa e Nelson São João (Setúbal).

As equipas alinharam e marcaram:

LUSO — Cravinho (17), Albano (9), Hélio (14), Rogério (9), Baptista (6), Ramalho (8), Jorge (4) e Lino.

SEIXAL — Costa (4), Lopes (8), Parreira, Gomes (2), Delfim (17), Santos, Jorge (10), Madeira e Lino (6).

Ao intervalo: 23-22, favorável ao Luso.

Movimento

no Estádio Nacional

Perto de 10 000 praticantes — exactamente 9317 — utilizaram, no pretérito mês de Março, as instalações do Estádio Nacional, tendo o maior numero pertencido ao ténis (3789), seguido do futebol (2608) e do atletismo (1405).

Os restantes dividiram-se pelo raguebi (350), tiro (394), ginástica automobilística (60), tiro ao arco (33) e iniciação desportiva (678).

O dia de maior frequência, com 934 praticantes, foi em 1 de Março (domingo).

TAP - presença de Portugal nas Rotas do Mundo

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

O BAIRRO DE CASAS PARA POBRES

MURTOSA, 16 — É com grande regozijo que se anuncia estar definitivamente arrematado o problema do terreno na praia da Torreira, para ali se edificar o bairro de casas para pobres.

Indo de encontro ao ardente desejo dos ilustres murtoseiros e benemeritos, D. Maria do Carmo Vieira Barbosa e Antonio da Cruz Barbosa, fundadores e organizadores dessa valiosa obra, a Câmara Municipal, da presidência do sr. dr. Manuel Leite de Almeida Baptista, acaba de oferecer o terreno para tal fim e fixar com o seu técnico urbanista a localização do futuro bairro. Merecem todos, gratos lou-

VENDA DE EUCALIPTOS PARA ITÁLIA

Da Corporação da Lavoura
recebemos esta nota:

«A Corporação da Lavoura informou em devido tempo que o diferendo com a indústria de celulose fora arbitrado pela Secretaria de Estado do Comércio, fixando o preço do eucalipto em 252\$50 por estere na fábrica. Porque aquele preço ficou injustificadamente aquém do nível reclamado pela lavoura e possível de praticar na exportação, a Corporação da Lavoura concluiu um vultoso contrato de venda de eucalipto com o celulose italiana. O que rapidamente pôde ser conseguido, ao preço de esc. 293\$50 F. O. B. por estere.

Aquele preço deverão corresponder, reduzidos os encargos de exportação, 265\$00 líquidos no cais de embarque.

O preço final para a fábrica ficará porém a cerca de 450\$00 por estere, ou seja, praticamente, o dobro daquele que a nossa indústria de clarava poder pagar, o que é bem significativo.

Entretanto, reuniram-se na sede da Corporação da Lavoura as organizações regionais mais interessadas no sector florestal para apreciar a constituição de uma sociedade comercial destinada a promover a comercialização de produtos florestais, de forma a poder efectivar não só este contrato como realizar outros e assegurar a entrega de madeiras aos preços que forem acordados ou arbitrados para fornecimento às diferentes indústrias.

Aprovados, em princípio, os estatutos da «Cofloresta» vai a mesma ser rapidamente organizada, com o apoio do Ministério da Economia, depois de aprovados pelos diferentes organismos regionais da lavoura.»

vores pela resolução deste magno problema daquela praia e que é da mais extraordinária importância para o seu bom nome e higiene.

Espera-se que, dentro de um mês, sejam lançados os alicerces desta obra e, assim, que os pobres da Torreira, dentro em pouco, possam ser alojados em casas decentes, aseadas e amplas onde caibam todas as pessoas de cada família, em condições dignas e próprias.

CENÁCULO POÉTICO

«MARQUESA DE VALVERDE»

Por iniciativa do Cenáculo Poético «Marquesa de Valverde», profere esta noite, às 21 e 30, na Casa do Algarve, na Rua Capelo, 5-2, «Dt.», uma conferência subordinada ao tema «Neo Romantismo Ilustrado». O capitão aviador Ivo Cerqueira, os declamadores Maria Elizabete, Lusy Saya, Berta Corado e Carlos Daniel dirão poesias.

**Ciclo de Técnicas
Psicossociológicas
promovido pelo INII**

O Instituto Nacional de Investigação Industrial vai promover durante o corrente ano, destinado a dirigentes e quadros superiores das empresas e de outras organizações, a realização de um ciclo de aperfeiçoamento em Técnicas Psicosociológicas.

Este ciclo consta de três seminários e terá início em 29 do corrente, com um seminário de «Sensibilização à Dinâmica dos Grupos», cujo objectivo é levar os participantes a tomar consciência dos problemas postos pelo trabalho em grupo e permitir-lhes compreender a dinâmica dos grupos e dos processos de mudança.

O segundo seminário é dedicado às «Técnicas de Entrevista», e o terceiro às «Técnicas de Leitura Rápida».

Estes seminários são orientados, respectivamente, por M. Magny e Jean Dubois, psicossociólogos e professores do «Institut National de Gestion Prévisionnelle et de Contrôle de Gestion», e pelo dr. Corrêa Henriques, consultor da NORMA. Os interessados poderão dirigir-se, para mais informações, ao Grupo de Formação e Aperfeiçoamento do INII — Rua Buenos Aires, 28-1. — Lisboa-2 — Telefone 677007/8/9.

**SONHA
COM UMA CABELEIRA FARTA?
RETENHA UM NOME:
PERSONAL NOCTURNO**

Personal Nocturno é uma loção capilar concentrada, à base de hormonas, vitaminas, anti-bacterianos e anti-micóticos, capaz, como nenhum outro produto, de lhe restituir o cabelo através de renovação sistemática dos tecidos. Decida-se por uma solução eficaz, já comprovada pela experiência de milhares de pessoas.

Complete também a sua higiene matinal com **Personal Diurno**.

Representantes: Aymami Peig, Lda.

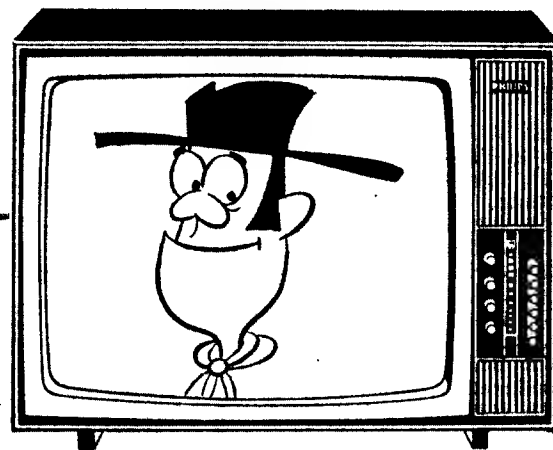
Depositarlo no Norte: Tuharão Mendes & Pinheiro, Lda

Rua Santa Teresa, 14 — Porto

Distribuidor Centro e Sul — J. C. Crespo, Lda.
R. da Madalena 197, r/c — Lisboa

**chegou
o momento
de renovar
o seu prazer de ver TV**

**ATÉ 30 DE ABRIL
A PHILIPS OFERECE-LHE
A OPORTUNIDADE
DE TROCAR
EM CONDIÇÕES
EXCEPCIONAIS
O SEU VELHO TELEVISOR
DE QUALQUER MARCA
POR UM DOS**



7 magníficos da série 70

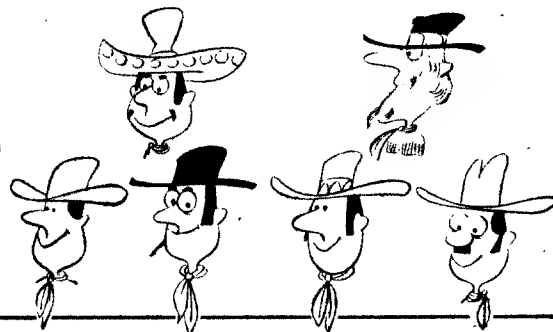
DE ÉCRAN SUPERQUADRADO



PHILIPS

**OS NOVOS TELE-RECEPTORES PHILIPS
MOSTRAM TUDO O QUE OS ANTIGOS ESCONDEM**

OS AGENTES PHILIPS ESPERAM POR SI



***Curso para graduados
na Secção de Matemática***

Começaram esta tarde, na secção de Matemática da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, as lições do «Curso de graduados sobre espaços de Hilbert e problemas da fronteira» a cargo do prof. F. R. Dias Agudo e integrado no III Plano de Fomento.

O curso obedece ao seguinte plano:

1. — Alguns aspectos do estado actual da teoria das equações com derivadas parciais; equações de 1.^a ordem e equações de ordem superior; 2. — Referências ao teorema de Cauchy-Kowalewski, suas limitações; 3. — Classificação das equações de ordem superior à primeira e forma normais; problemas bem postos para cada um dos tipos; 4. — Propriedades mais importantes dos espaços de Hilbert com interesse para a teoria das equações diferenciais; teorema da representação de F. Riesz e sua generalização «Lax-Milgram»; operadores simétricos e auto-adjuntos; operadores completamente contínuos; 5. — Derivadas generalizadas (fortes e fracas); 6. — O problema generalizado de Dirichlet para equações elípticas; existência e unicidade da solução.

À Exma. Classe Médica
e

entidades oficiais interessadas

A Sociedade Farmacêutica Abecassis, S. A. R. L., esclarece que tem abastecido regularmente o mercado de MYAM-BUTOL, produto original dos Laboratórios LEDERLE, e que tem cumprido integralmente com as condições de fornecimento estabelecidas nos concursos que lhe foram adjudicados.

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Amatas, Ilhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Acorleça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvão e em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

ELEIÇÃO DA «MAJA DE PORTUGAL»

• CONVITE PARA AS FINALISTAS: A TV, O TEATRO E O DISCO FICAM AO SEU ALCANCE

Tudo se conjuga para que a eleição da «Maja de Portugal — 1970», a efectuar no próximo dia 24, na «Galeria Real» (em Sintra) se venha a revestir do maior interesse, constituindo uma jornada de belo cunho social, a exemplo do que sucedeu o ano transacto, quando, através do nosso jornal, Maria Emilia Rodrigues Pinto obteve o título de «Maja de Portugal — 1969».

Voltamos a inserir a lista das candidatas admitidas à final:

- AMÁLIA MOREIRA FERNANDES (24 anos) de Lisboa
- CECÍLIA DA SILVA CALDEIRA (19) da Figueira da Foz
- CLEMENCIA QUINTAS FERNANDES (20) de Braga
- FERNANDA MORGADO (22) da Costa da Caparica
- GRACIETE DA SILVA CALDEIRA (19) da Figueira da Foz
- ISABEL NUNES MOURA (24) de Lisboa
- LINA MARIA CASTRO ALVES DE SOUSA (23) do Porto
- MARIA ALMIRA BRAGA BARROSO (19) de Vila Nova de Famalicão
- MARIA DA CONCEIÇÃO VASQUES ESTRELA (23) de Oihão.
- MARIA DA GRAÇA SÁ COUTINHO CORREIA DE BARROS (21) do Porto
- MARIA JOSÉ MOURA CANELOS (23) do Porto
- MARIA JOSÉ PEREIRA MOTA (19) do Porto
- MARIA DE LURDES GONZAGA RODRIGUES (18) de Lisboa
- MARIA DE LURDES LATOEIRO MENDONÇA (19) de Santarém
- MARIA MANUELA RIBEIRO DE CASTRO (24) do Porto
- MARIA ODETTE CORREIA ANTUNES (26) da Amadora
- MARIA DA PIEDADE FAZENDA (22) de Castelo Branco
- MARIA DO ROSÁRIO SOARES RIBEIRO (27) de Montemor-o-Novo
- MARIA DE S. JOSÉ SERÓDIO MELRO (21) de Lisboa
- VIRGÍNIA FERNANDA CORREIA DOROTEIA (24) de Lisboa

Como suplentes estão escolhidas as seguintes jovens:

- ALICE TELES (25) do Porto
- ANA MARIA DA SILVA VIANA (26) de Coimbra
- GISELA LARRIÈRE CARDOSO (20) de Lisboa
- MARIA DA CONCEIÇÃO FERNANDES DIAS PEREIRA (19) de Lisboa
- MARIA HORTENSE COSTA PIMENTA (22) de Torres Vedras
- MARIA ISAUARA (19) de Santiago de Cacém
- MARIA MADALENA DE ALMEIDA CLARO (23) da Amadora
- MARIA RAQUEL OLIVEIRA (25) de Lisboa

O «cocktail», durante o qual os 130 convidados do «Diário de Lisboa» e da Ibéria (Lineas Aéreas de España) vão julgar e proferir o seu veredicto (a que corresponde a eleição da «Maja de Portugal-1970»), realiza-se no ambiente requintado da «Galeria Real» (em Sintra), em deslumbrantes instalações que estão a ser adaptadas especialmente para o efeito pelos srs. Manolo Lopez Sousa, João Regaleira, Luís Dias e Francisco Correia, de molde a que a reunião atinja foros de notoriedade.

Antes, porém, na própria sexta-feira, dia 24, às 13 horas, todas as jovens finalistas devem reunir-se nos salões do Hotel Príncipe, em Lisboa, para um almoço durante o qual haverá uma troca de impressões com vista ao desfile eleitoral. Seguem, depois, para Sintra, num autocarro da empresa «Claras Turismo». E, após a eleição, a «Maja de Portugal» e as suas «damas de honor» são homenageadas com um jantar na «Varanda do Chanceler».

Escusado salientar que todas as concorrentes que se deslocam da província ficarão, durante esse dia, hospedadas no Hotel Príncipe.

Para o desfile das vinte finalistas o traje é de «cocktail», recomendando-se que as jovens candidatas ao título de «Maja de Portugal» se apresentem de mini-sala.

A imposição da mantilha e da «peineta» à vencedora será feita pela sr.^a de António Besada, director da Ibéria em Portugal.

Mais informações de última hora: o produtor Vasco Morgado convida as finalistas a efectuarem testes teatrais, facultando-lhes, de imediato, o acesso a uma carreira que pode ser a aspiração maior de algumas das jovens. E a «Movieplay» apresta-se a gravar a voz de qualquer das vinte finalistas, na

hipótese das jovens pretenderem enveredar pelo campo da canção.

Ainda o programa «Yô-Yô» (através de Francisco Nicholson, um dos seus produtores) faculta provas de TV às quatro finalistas que revelem maior fotogenia e melhor desenvoltura no desfile de Sintra. No caso dos seus testes serem favoráveis, passam a ser contratadas de «Yô-Yô», ingressando (portanto) no «cast» daquele programa da R. T. P.

Lembremos, também, que a «Maja de Portugal» partirá para Espanha no dia 15 de Maio. Na companhia de representantes de outros 29 países, dará um belo e deslumbrante passeio (Madrid, Sevilha, Jerez de la Frontera, Alcalá, Fuendetodos e Saragoça). E será, exactamente, em Saragoça (no Palácio de La Lonja) que desfilará no baile de gala para coroação da «Maja Internacional», a 25 desse mesmo mês.

A exemplo do ano anterior, Portugal estará representado no júri internacional pelo nosso camarada de redacção Neves de Sousa.



AVARIAS AO MICROFONE

Este pequeno aparelho — desenhado por engenheiros ingleses — serve para determinar, pelos ruídos, algumas avarias possíveis num automóvel. O aparelho é composto por duas unidades, ambas à vista na gravura: um gerador de som (dentro do carro) e um sistema de microfone e auscultadores. O operador aponta o microfone para o local que deseja inspecionar e, em poucos minutos, pode detectar uma avaria que, pelos métodos normais, levaria três dias a descobrir.

ora diga-nos...

— Costuma correr?

Correr: há sempre um eléctrico prestes a perder-se... Mas também é preciso correr com certos importunos!



• Disse-nos Fernando Boaventura Santos, pasteleiro:

— Corro atrás de um eléctrico quando vejo que vou perder. Correr por desporto, não. Cansa...

• Palavras de António

Martins Fernandes, aluno liceal (3.^a ano):
— Quando estou apressado...
— Isso acontece todos os dias?
— De vez em quando.



• Por último, disse-nos Manuel Joaquim Ro-



drigues, empregado numa casa de pasto:

— Costumo correr, sim.

— Por gosto?

— Por alegria.

— Bela resposta, sim senhor!

KONI



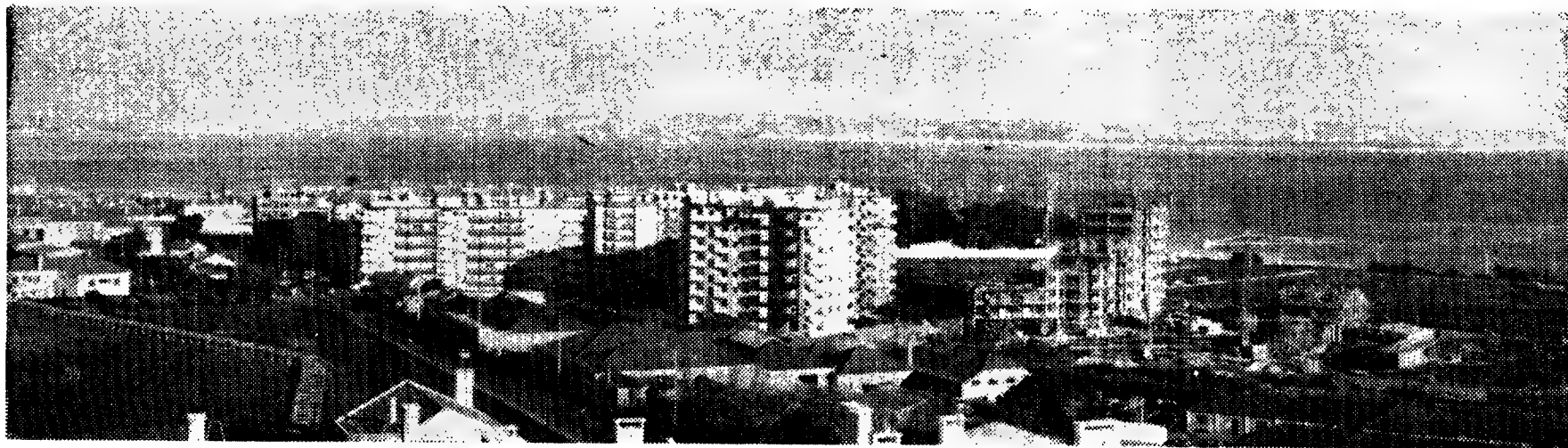
a chave da segurança

De um molho de chaves vulgares, destaca-se a mais importante. KONI é realmente importante para si. A sua segurança encontrou a chave certa.

Representante:

SOGERIM · SOCIEDADE GERAL DE IMPORTAÇÃO, LDA.
Av. António Augusto de Aguiar, 23-ABC · Lisboa
Telef. 560156

Em Paço de Arcos encontra a sua solução



2000 PROPRIEDADES
PARA VENDA EM CONSTRUÇÃO

Apenas a 100 metros da praia
e próximo da estação de
caminho de ferro

J. Pimenta, S.A.R.L., oferece-lhe a possibilidade de multiplicar as suas economias ou a felicidade de viver num ambiente confortável

NOTA: As propriedades que vendemos são inteiramente construídas pela nossa organização com materiais de primeira qualidade por pessoal especializado ao nosso serviço. Os caixilhos das janelas são de alumínio anodizado, de grande duração, e as paredes interiores revestidas de papel lavável.



NA NOSSA DELEGAÇÃO EM LISBOA Pr. Marquês de Pombal, 15

- Apartamentos Mobilados em exposição, para habitação própria ou para rendimento
- Artesanato e Mobiliário em venda directa, com grande variedade, bem como utensílios para o lar.
- Materiais de Construção do mais pequeno parafuso à maior banheira passando por tintas, ferragens, ferramentas, conjuntos de loiças sanitárias, artigos de decoração, etc.
- Azulejos nacionais e estrangeiros, destacando-se lindos padrões de azulejos japoneses de invulgar qualidade e os da nossa fábrica Nova Cerâmica da Madalena, Lda.

J. PIMENTA, S. A. R. L.

INFORMAÇÕES E APARTAMENTOS EM EXPOSIÇÃO: Praça Marquês de Pombal, n.º 15-1.º — Telefones 45843 e 47843 * QUELUZ — Rua D. Maria I, 30 — Telefones 952021-22 * AMADORA-REBOLEIRA — Telefone 933670 * PAÇO DE ARCOS (Espargal) — Telefone 2433511

LISBOA DIA E NOITE

OS CONJUNTOS DA COSTA DO SOL

Dois conjuntos actuam presentemente nas «boites» da Costa do Sol. No Mónaco, o agrupamento é constituído por Araújo Peredra (piano), Jaime Nascimento (guitarra eléctrica) e Tino (viola-baixo e vocalista). Por sua vez, na Choupana, actua um trio: Chuz Iseta (piano), Cerqueira (bateria) e Nelson (viola-baixo e vocalista).

«POEMA PARA LISBOA» NUM GRANDE ESPECTÁCULO DA E.N.

A Emissora Nacional realiza um grande espectáculo no São Luiz, no próximo dia 28, nele fazendo incluir «Poema para Lisboa», melodia de Joaquim Luís Gomes com versos de Fernando Pessoa, «Poema para Lisboa» será apresentado em três fases: canção, interven-

ções corais e apontamento de «ballet», com interpretações de Cidália Meireles, coro misto da E.N., «ballet» de Fernando Lima, conjunto de guitarras de António Luís Gomes e a Orquestra Ligier da E.N., dirigida pelo maestro Joaquim Luís Gomes.

MAFALDA SOFIA: 10 programas no Brasil

Mafalda Sofia partiu já para o Brasil, contratada para uma série de dez programas destinados à TV Tupi, de São Paulo. Mafalda, que já participou em vários festivais internacionais, interpretará apenas canções portuguesas, entre as quais estão incluídas melodias de Braga Santos com poemas de Francisco Nicholson.

António Rocha: FADISTA-EMPRESÁRIO

António Rocha, que conquistou grande popularidade ao vencer o concurso que o fez detentor do título de «Rei do Fado Menor», é agora um dos proprietários do restaurante típico «O Forcado». Para a «Marfer» (de que é artista exclusivo), gravou agora as composições «Sete saias», «Sou de Portugal», «Jardim à beira-mar» e «Prece a Lisboa». Foi acompanhado por Carlos Gonçalves e António Chaiminho (guitarras) e José Maria Nóbrega (viola).



«BOITES» E «DANCINGS»

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)
Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé 73 * Telef. 530171.

AD LIB

Discos recebidos directamente de Inglaterra * Rua Barata Salgueira, 28-A * Telef. 561717.

ADAGGIO

Discos recebidos directamente de Inglaterra * Rua Carlos Reis, 51-A * Telef. 775695.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto * Avenida Duque de Loulé, 69 * Telef. 534117.

GALERIA 48

Conjunto Hélder Reis * Avenida da Liberdade, 248-B * Telef. 48483.

PORÃO DA NAU

Conjunto «The Beatniks» * R. Pinheiro Chagas, 1-B * Telef. 519501 * Encerra ao domingo.

NINA

Conjunto Rocha Oliveira * Rua Pádua Andrade, 7-13 * Telef. 34059.

TAGIDE

Conjuntos José Pedro e «Os Duques» * cons. min. 100\$00 * Largo da Biblioteca, 18-22 * aberto ao domingo.

A LAREIRA

Discos * Praça das Águas Livres, 8-10 * Telef. 589627.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipa de Vilhena, 6-D * Telef. 49960.

MAXIME

Conjunto 6.ª Reacção e Maximiliano * «Shows» turístico e variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

POP CLUBE

Discos * Avenida Estados Unidos da América, 129-A * Telef. 769903.

MONACO

Rua Direita, 9-A — Caxias — Telef. 2432339.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado — Variedades internacionais — Telef. 260729-260730-260731-262221-262365.

BONDA

Av. Sálvio — Monte Estoril — Telef. 262443-260965.

ESTONES

Discos * Rua do Olival, 1 * Telef. 665651.

POP-FADO

Conjunto Hélder Martins * Rua Ferreira Lapa, 38-D * Telef. 561949.

GALO

Conjunto Eugénio Pepe * Travessa do Salitre, 27 * Telef. 366017.

107

Conjunto Sequência 4, «ballet» de Mário Valejo, parolha espanhola Glória Reis e Alfonso Linares e Mari Barroso * cons. min. 50\$00 * Rua da Madalena, 107 * Telef. 387049.

TOSCO

Conjunto Thó Bandeira e os Stepmars * Rua Conde Redondo 53-A * Telef. 531562.

CACO

Rua Camilo Castelo Branco, 23-A * Telef. 530892.

EL CID

Rua Bernardo Lima, 18-A * Telef. 560538.

COMODORO

Tobé e s/ conjunto * Praça D. João da Câmara, 20 * Telef. 34996.

A CAVE

Conjunto Costa Pinto * Avenida António Augusto Aguiar, 88 cave * Telef. 534433.

BICO DOURADO

Conjunto Fernando Sequeira e Alex * Rua da Misericórdia, 12 * Telef. 362649.

D. QUIXOTE

Conjunto Alino de Sousa * Rua da Trindade, 9 * Telef. 327109.

ESTRIBO CLUBE

Casa St.ª Isabel * Estrada de Birre * Cascais * Telef. 289273.

FORTE VELHO

Paga — S. João do Estoril — Telef. 261337.

SNOBISIMO

R. Luís X. Palmeirim, 12 — Cascais — Telef. 282165.

ESTRIBO CLUB

Casa St.ª Isabel * Est. de Birre — Cascais — Telef. 289273.

ADA DE CASTRO: ÚLTIMO DISCO PARA A «R. R.»

Como noticiámos, Ada de Castro assinou contrato com a Philips para gravar exclusivamente para esta etiqueta. Entretanto, porém, Ada gravou o último disco para a «R. R.», exactamente um «L. P.», onde estão incluídos: «Fado da minha Noite de S. João» (Vieira da Silva), «Por Amor eu vou partir» (José Manuel Cabelreira-António Vasconcelos), «Pobre Lisboa» e «O Matador» (Eugénio Pepe-Francisco Nicholson), «A chave esquecida» (Manuel Viegas-António José), «Se te lembrares de mim» (Francisco Carvalhinho-Lopes Vitor), «Mas não duvides de mim» (Francisco José Marques-Fernando Peres), «Quadras soltas», «De Fado em sonho» e «Pobre Canção Fraternária» (Eugénio Pepe e Francisco Nicholson), «Agora choro a vontade» e «Fol a troca de um olhar» (Eugénio Pepe-Guilherme Pereira da Rosa). Acompanham Ada de Castro a orquestra de Joaquim Luís Gomes, as guitarras de Francisco Carvalhinho e António Chaiminho e a viola de José Maria Nóbrega. O disco será posto à venda ainda este mês.



RESTAURANTES — BARES

VARANDA DO CHANCELER
Largo do Chanceler, 7-A * Telef. 866286 - 871559.

LORD

Rua Victor Cordon, 14-A * Telef. 323098.

BELCANTO

Largo de S. Carlos, 10 * Telef. 320607 - 8.

SNOB

Rua de «O Século», 178 * Telef. 33723.

VIENA

Rua da Conceição da Glória, 5 * Telef. 321474.

REX

Rua Nova da Trindade, 18 * Telef. 30114.

BAIUÇA

R. da Barroca, 86—Telef. 34700.

AMERICANO

Rua Bernardino Costa, 35 * Telef. 370704.

BRISTOL

Rua Jardim do Regedor, 7 * Telef. 35730.

TAVERNA IMPERIAL

Praça dos Restauradores, 16 * Telef. 368491.

BAR Z

Rua de S. Pedro de Alcântara, 57 * Telef. 30760.

CARIOCA

Rua da Trindade, 32 * Telef. 326565.

NICE

Rua da Conceição da Glória, 9-A * Telef. 30068.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 — Campo Grande—Telef. 790177.

ENCERRAM AS 2 HORAS DA MADRUGADA

BOM APETITE

RESTAURANTE CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIARIAS
AOS SABADOS E DOMINGOS
ORQUESTRA PRIVATIVA
DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

NO RESTAURANTE
SALÃO DE CHÁ
NO POSTO SHELL EM
AZEITÃO
ESTRADA LISBOA-SETUBAL
Telef. 22 82 44
LOCAL APRAZIVEL PARA
ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211
JANTARES DANÇANTES AOS SABADOS E DOMINGOS
c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
Maiores de 15 anos
PREMIADO PELO SNI

CERVEJARIA E RESTAURANTE
SERVIÇO REQUINTADO
AMBIENTE SOSSEGADO
AR CONDICIONADO, MÚSICA GRAVADA
ABERTO ATÉ AS 3.30 DA MADRUGADA
RUA DO SALITRE, 9 (junto ao Parque Mayer)
Telef. 42963

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

O FADO EM LISBOA

FOLCLORE

cantam: Arminda Vidal, Lídia Ribeiro, Américo Lima, Fernando Guerra e Fernando Ribeiro; Os 3 de Portugal, António Chaiminho e José Maria Nóbrega, Julieta Brigue, Mariana Rosa e corpo de baile dirigido por António Gonçalves, das 21 às 28 horas * cons. min. 120\$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

LISBOA A NOITE

cantam: Fernando Maria, Alice Maria e Manuel de Almeida. Tocam: Armando Maia e Mortinho da Assunção * Cons. min. 90\$00 * Rua das Gáveas, 69 * Telef. 368557 - 362603 * Encerra ao domingo.

TAVERNA DO EMBUÇADO

cantam: Teresa Silva Carvalhal e Ana Rosmaninho, Vicente da Camara, João Ferreira Rosa e João Braga. Tocam: Fontes Rocha, Carlos Gonçalves e Pedro Leal * cons. min. 90\$00 * Beco das Cortumes, 10 * Telef. 860816.

A KAVERNA

cantam: Beatriz da Conceição, Tristão da Silva, Tina Santos e «Os 3 de Portugal». Tocam: Armando Maia e José Maria Carvalhal * cons. min. 90\$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.

TIMPANAS

cantam: Alcindo de Carvalho, Luis Braga, Benvinda Cruz e Odele Mendes. Tocam: Armando Ferreira e Tarquato Lopes * cons. min. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolz, 24 * Telef. 676655 - 67431.

ADEGA MACHADO

cantam: Ivete Pessoa, Fernando Pinto, Maria Portugal, Suzana, João Queirós, José Vilela e o «Trío Melódico» (José Luís, Jorge Martins e Mário Pinto). Dançam pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Tocam: António Preença e Américo Silva * cons. min. 60\$00 * Rua do Norte, 91 * Telef. 30095 - 328713 * Encerra à segunda-feira.

TODOS OS RESTAURANTES TÍPICOS
ENCERRAM AS 3.30 HORAS DA MADRUGADA

O FAIA

cantam: Lucília do Carmo, Maria Albertina, Maria do Rosário e Maria Lisboa, Carlos do Carmo e Nuno de Aguiar. Tocam: Hildio dos Santos, Fernando Freitas e Orlando Silva * cons. min. 60\$00 * Rua da Barroca, 48 * Telef. 369897 - 321923 * Encerra ao domingo.

A SEVERA

cantam: Maria do Espírito Santo, Florinda Maria, Cândida Ramos, Maria Amorim, Manuel Fernandes e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelos de Portugal» * cons. min. 50\$00 * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra à quinta-feira.

SOLAR DA HERMINIA

cantam: Hermínia Silva, Conceição Tavares, Zélia Maria, Judite Maria, Tristão da Silva Junior e Fernando Ros. Tocam: António Pacheco e Carlos Duarte * cons. min. 50\$00 * Largo Trindade Coelho, 10 * Telef. 320164 * Encerra ao domingo.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Mariana Silva, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * cons. min. 50\$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telef. 868552 * Encerra ao domingo.

VIOLA

cantam: Sérgio Natália dos Anjos, Fernando Manuel, Alfredo Duarte Jr. e Maria José Ramos. Tocam: Domingos Camarinha e Joaquim do Vale * cons. min. 50\$00 * Rua dos Taipas, 14 * Telef. 327256.

A TIPOIA

cantam: Adelina Ramos, Quintina Gomes, Natalina Bizarro, Flora Pereira e Renato Mota. Tocam: Casimiro Ramos e Armando Silva * cons. min. 50\$00 * Rua do Norte, 102 * Telef. 33465.

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Natércia da Conceição, Lina Maria Alves e Conceição Duarte. Tocam: Manuel Mendes e Miguel Ramos * Cons. min. 40\$00 * Beco da Espírito Santo, 1 * Telef. 868209.

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Augusta Emilia, Cecília de Jesus e o conjunto típico «Cantares de Portugal». Tocam: António Bessa, Fernando Reis * cons. min. 50\$00 * Rua da Barroca, 133 * Telef. 369760.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduardo Maria, Artur dos Santos, Ana Madalena, Tina Ferreira, José Teixeira e Rossana Lima. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses * cons. min. 50\$00 * Rua da Vigária, 60 * Alfama * Telef. 866811.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Isabel de Oliveira, Vivência Lima e Miguel Silva. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * cons. min. 40\$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.

MARCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Dina Trindade, Raul Dias, António Reis e Norberto Martinho (convidado). Tocam: António Pessoa e Alberto Vilas * cons. min. 40\$00 * P. da Alegria, 38 * Telef. 367093 * Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Berta Cardoso, Julieta Reis, Filipe Duarte e Julia Vilelas. Tocam: Acácio Rocha e Amadeu Ram * cons. min. 40\$00 * Rua da Adiga, 19 * Telef. 863451.

MIL E UM

cantam: Maisé Campelos, Julieta Santos, Adriano Franco, Rosa de Jesus, José Barros e Nazaré Maria. Tocam: António Valentim e Joaquim Pinto * Cons. min. 40\$00 * Travessa da Espera, 38 * Telef. 35464.

SOLAR DA MADRAGAÇA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Preença, Maria de Lourdes e Lourinda Gonçalves. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * cons. min. 30\$00 (taxas incluídas) * Rua das Trinas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.

JANSEN

cantam: Manuela Silva e José Batalha (como convidados) e o conjunto «Cantares de Portugal». Tocam: Ildefonso Frade e Nicolau Neves * cons. min. 30\$00 * Rua 1.ª de Maio, 2 * Telef. 640613.

O JOGO DA VIDA

Robert Stack é o herói do episódio da série «O Jogo da Vida», a exibir pelas 22 horas. Contracenam com ele Dennis Weaver (da série «O Bom Gigante»), Diane Baker, Larry Storch, Gene Barry, Phyllis Kirk e Mark Miller.

«Dan Farrell está convencido de que Walter Grayson, um angariador de fundos para casas de caridade, é um burlão que fica com a maior parte do dinheiro para si. Tentando evitar que Dan descubra toda a verdade colocam uma bomba em sua casa...»



HOJE PODE VER...

A LENDA DO MEIAS DE COURO

Prosseguem as aventuras dos pioneiros americanos na série «A lenda do Meias de Couro», de produção francesa.

«Desenha-se já o amor impossível da filha do comandante com o índio pele-vermelha «Meias de Couro». Poderá uma jovem filha de família tornar-se numa «squaw»?». Hoje, pelas 19 e 45, é transmitido o 6.º episódio.



Lina Maria interpreta «Rapsódia de motivos portugueses, com o Conjunto Sem Nome»

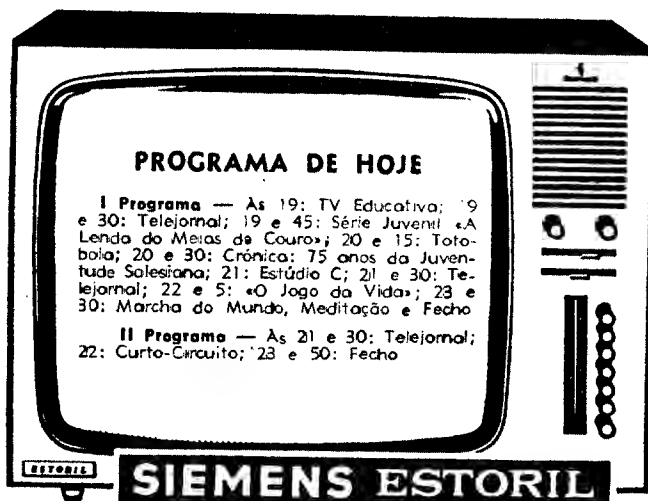
II Programa CURTO-CIRCUITO

A emissão é preenchida com a repetição do 6.º Curto-Circuito realizado no Teatro Monumental e transmitido no passado dia 30 de Março.

ESTÚDIO C COM LINA MARIA

A presença e a voz de Lina Maria preenchem o «Estúdio C», a transmitir cerca das 21 horas.

Com a colaboração do Conjunto Sem Nome, Lina Maria canta «Abertura do Programa», «O Programa está no ar», «Tempo que passou», «Lembranças de Itália», «Rapsódia de motivos portugueses» e «A Gansa»



AMANHÃ — I Programa — As 14 e 40 — Ciclo preparatório TV; 16 e 30: Eurovisão, Apolo-13; 17 e 25: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa — Física Moderna; 19 e 30: Telejornal; 19 e 45: «Os Homens, os Livros e as Coisas»; 20 e 15: Cartaz TV; 20 e 30: Barreira de Sombra; 21 e 30: «Cassei com uma Feiticeira» — «O curto-circuito da tia Clara»; 21 e 30: Telejornal; 22: Bicentário do nascimento de Beethoven — Octeto de Instrumentistas de Sopra interpretado pela banda da Guarda Nacional Republicana; 22 e 30: Dr. Marcus Welby; 23 e 35: Marcha do Mundo; 23 e 45: Meditação e Fecho

II Programa — 21 e 30: Telejornal — Inclui o Boletim Meteorológico (Simultaneamente com o I Programa); 22: Noite de Cinema, «A cidadela»; 23 e 30: Fecho.

canal da crítica

QUANDO O MAIOR INFERNO É NÃO AMAR

Não sei se a palavra que define a pequena teatralidade «As 3 máscaras» de José Régio é a palavra «ultrapassada». Quando se dirá que um processo está «ultrapassado»? Quando se usou em demasia; quando está nas lomas; quando não transporta materiais para a nossa educação estética. Mais ainda, se quisermos: quando a sua utilização não enriquece o cabedal artístico da obra e do autor.

José Régio abusou do maniqueísmo, da confrontação do Bem e do Mal, de Deus e do Diabo, etc. Aquele pecinha — insignificante no espólio literário de Régio — repete gestos, palavras, intenções, repete como um pobre realejo avariado. O próprio pessimismo de Régio, quanto à possibilidade de uma escolha, de uma luta vitoriosa ou de um conhecimento, ali esteve muito vestidinho de literatura nem sempre de bom quilate.

A peça, como espectáculo? — Um completo fracasso. Régio não é para os dentes de um Pedro Martins: este foi impotente (como, aliás, se esperava) para colaborar com o autor de «As três máscaras», no sentido de lhe dar dimensão televisiva. Uma realização de chapa. É evidente que, visto tratar-se de

— processo tão caro a José Régio. Nada disto se fez e a peça, já de si pequena, ainda ficou mais insignificante.

Uma palavra para o trabalho honesto de Manuela de Freitas, João Mota e Perry — três actores, três realidades num panorama teatral de fantasias.

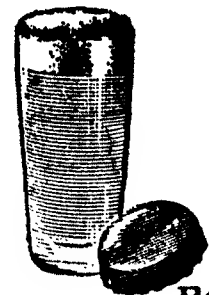
Pois é. Continuamos à espera da homenagem a José Régio que os seus admiradores lhe devem. Quando se aguarda um espectáculo em bom, em grande, aparecem-

nos «as três máscaras» envergonhadinhas. Tudo porquê? Porque admirar é uma coisa e amar é outra.

DEPARTAMENTO S

Reapareceu depois de alguns meses de ausência. Reapareceu e logo de início houve a sugestão de se tratar de uma mais uma maquiavelice espionística. Isso acontece quando Stewart, um dos componentes da trempe policial, fingia de russo, fala eslávico, «tovaritch» e tudo

(Continua na página seguinte)



Bebida sem tempo, tão velha como a própria humanidade, o prazer do seu consumo permanece.

cerveja
SAGRES
a sede que se deseja



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s — As 16: Notícias; 16 e 05: Folha, programa juvenil, por Ana Maria; 16 e 30: Que quer ouvir? 17: Ginástica de pausa, pelo dr. Marques Pereira. Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Portugal missionário, pelo padre Augusto Moiré; 18 e 40: Música e Sonho; 19 e 45: Rádio rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 1.º Episódio do Folhetim «Flor de Nazaré»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 21 e 35: 2.ª parte de um espectáculo de music-hall, realizado no Coliseu e dedicado à Liga dos Combatentes da Grande Guerra; 22 e 30: Noite de Teatro: «O maestro Favilla», de Georges Sand, adaptado pelo dr. Leopoldo de Araújo. Interpretes: Jacinto Ramos, Joaquim Rosa, Canto e Castro, João Mota, Manuel Correia, Cecília Guimarães e Irene Cruz; 24: Fecho

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s — As 16 e 30: 2.º acto da ópera «Siegfried» (Wagner); 17 e 50: Concerto em si bemol maior, para obóe e orquestra (Händel); 18: Música do século XX — Obras de Schostakovich; 19: Crítica literária, pelo dr. Damião Peres; 19 e 10: Folclore português — Música da Beira-Alta, recolhida por Artur Santos (gravações cedidas pelo BBC); 19 e 25: O pianista Sviatoslav Richter — Sonata em sol maior, op. 37 «Grande Sonata» (Tchaikovsky); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Música instrumental — Divertimento de Camara em dó menor (Boccherini). Jean-Pierre Rampol, flauta; Ruggiero Gerlin, cravo; 20 e 30: Concerto pela coral Luisa Todi, de Setúbal, sob a direcção de George Manzoni; 21: A orquestra da Rádio de Berlim — Concerto de Camara (Richard Strauss); 21 e 30: Panoramas da história, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital pelo pianista Eunice Thomaz de Lima; 22 e 12: Música para orquestra; 22 e 20: Poemas sinfónicos; 22 e 58: Fecho

Programa MF 2 — 94,3 mc/s — As 23: Música de piano de Debussy; 23 e 30: Dias musicais de Verão em Hitzacker; 0 e 27: Suite para orquestra (Schonberg). Orquestra Filarmónica Real sob a di-

reção de Norman del Mar — Fecho

Rádio Universidade — 451 m — 665 kc/s — As 19 e 10: Abertura; 19 e 15: Programa especial do XX aniversário de R. U.; 19 e 45: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 20: Rubrica TAP; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: No Mundo acontece; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de Abertura e notícias; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Semana 5; 20 e 45: Rádio Pícaro; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Now; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Música tradicional e palestra religiosa; 23 e 22: Grande rádio; 0 e 02: «P. B. X.» 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talisma.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 2: Programa à «G6-G6»; 0 e 02: Em órbita-dois, 1 e 2: Banda Sonora; 2 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho

Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Motinês teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbiolac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 2: Contrastes musicais; 21 e 15: S6-Rádio; 21 e 45: O arauto da verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Carroce-3; 23 e 04: Clube da Juventude;

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — As 16: Radiorama; 18: Canções a 2 vozes; 18 e 30: Terço e bênção da Basilica dos Mártires; 19 e 05: Esquema-13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Ecos de Espanha; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 73.ª hora e fecho

EMISSIONES ASSOCIADAS DE LISBOA — Onda média — 1188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Península**: das 7 às 8 e das 12 às 14 e 30; **Rádio Voz de Lisboa**: das 10 às 12 e das 19 e 30 às 22; **Clube Radiofónico de Portugal**: das 8 às 10 e das 22 às 2; **Rádio Graça**: das 14 e 30 às 19 e 30.

Temporada popular de ópera no Teatro da Trindade

A temporada de ópera a realizar pela F. N. A. T. no Teatro da Trindade que se inicia no princípio do próximo mês de Maio e destinada especialmente às classes trabalhadoras, tem o seguinte repertório: «Carmen», de Bizet, que inaugura a temporada, «Rondine», de Puccini (estreia absoluta em Portugal), «Cavalleria Rusticana», de Mascagni, «Rita», de Donizetti, «Madame Butterfly», de Puccini, e «Fausto», de Gounod.

A Companhia Portuguesa de Ópera da F. N. A. T. é constituída pelos melhores cantores líricos portugueses

como Zuleica Bequa, Helena Claudio, Elsa Saque, Ana Lagoa, Helena Pina Mantua, Sara Rosa, Armando Guerreiro, Carlos Jorge, Guilherme Kjölner, João Rosa, Hugo Casals, Luís França, Manuel Leitão, João Pessanha, Álvaro Malta, Honorato de Sousa e João Velloso.

Numa renovação sempre desejável e que se vem processando desde 1961, estreiam-se este ano novos artistas em papéis importantes: Teresa Berbiere, Suzete Dias, Isabel Mallaguerre, Maria da Conceição Ramos, Manuela Picarra, António Magalhães e Mendes dos Santos.

MUNDO DA CANÇÃO

Com aspecto gráfico atraente e variada documentação fotográfica, foi posto à venda o n.º 4 da revista mensal «Mundo da Canção», única no seu género no nosso País.

«Mundo da Canção» é um género de publicação especialmente destinada à juventude, sobretudo àquela parcela de jovens que se interessa não só pela actual renovação da música ligeira portuguesa, como também pelos êxitos mundiais da canção.

«Mundo da Canção» está à venda em todo o País, Ilhas e Ultramar.

canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

Não. Rebate falso. Intriga. Rasteira. Desta vez espionice não foi, muito embora o telespectador, ao longo do episódio não deixasse de canalizar a sua atenção para si, até porque entrava no jogo uma instalação nuclear na qual faltava apenas instalar a cápsula. Como os eslavos são indivíduos visceralmente gulosos de instalações nu-

cleares estrangeiras numa evidente preocupação de consumir as suas próprias instalações nucleares à custa dos outros, logo se conclui a que a função dos espões consistia em se apropriarem daquilo tudo.

Como já disse, não. A córdilha era britânica dos pés à cabeça, e mais ainda: dos pés sem cabeça. A organização apodera-se de uma fábrica produtora de xarope

para a tosse, para o que não hesita em sacrificar 43 homens, envenenando-os a todos e atirando um deles ao Tamisa, com despojos de coas viagens. Com os produtos adquiridos na fábrica obtém uma grande quantidade de «água-regia» que e, como todo o mundo sabe, dissolve o ouro e da platina.

Ai esta, eles queriam apoderar-se dos vinte tubos de ouro e platina da fábrica nuclear que valiam o melhor de 32 mil comos. Não se pode dizer que seja tão bom como um vagão-correio, mas enfim, de migalhas também se vive. Pelo menos quando se é parcial.

A história é perfeitamente absurda. Como absurdo atrai absurdo a lógica interna do episódio acaba por esboçar-se: tudo acontece sem que a vontade, ou a inteligência, ou a organização das forças repressivas do crime interfiram de qualquer modo. As soluções tombam-lhes do céu, de mão beijada, o acaso comanda todo o movimento da fita. Não há a mínima razão para que um telespectador se sinta de qualquer modo preso às situações pois ele, sabe de antemão que nada acontecerá.

«O Departamento S» podia dizer como o Mefistófeles de José Régio: «A minha tragédia é não ter tragédia nenhuma.» E talvez não. A tragédia dos «departamentos S» são os telespectadores. (Isto é profundo, não é?).

MARIO CASTRIM

P. S. — A propósito desta série: bodega escreve-se com um O ou um U?

ORFANATO-ESCOLA DE SANTA ISABEL

No dia 2 do próximo mês, Marques Vidal leva a efeito o espectáculo anual cuja receita reverterá integralmente em benefício do Orfanato Escola de Santa Isabel. Além de outros artistas a anunciar oportunamente, está já garantida a presença de Diamantino, Artur Garcia, Dino Rodrigues, Fernanda Maria, Gabriel Cardoso, Gerard Sotto, Marco Paulo, Maria José Valério, Maria Valejo, Tonia, Tristão da Silva, Valério Silva, Xavier de Oliveira e acompanhamento de José Pedro.

Os bilhetes estão à venda apenas na Agência ABEP nos Restauradores, desde 75.00

Visita ao «Diário de Lisboa»

O nosso jornal foi mais uma vez visitado por nossos jovens amigos: desta feita os alunos da 5.ª classe da Escola n.º 53 de Lisboa. Os rapazes visitaram muito interessados todas as secções do «Diário de Lisboa» — e passaram a fazer uma ideia de como é, por dentro, um jornal, e sobre a maneira como ele nasce e cresce, até chegar à mão do público.

Em RIO MAIOR o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na «BACARIA SANTANA» de António Carreira Santana.

Ao entrar na década de 70: boa ocasião para preferir uma técnica mais evoluída



O furgão

Mercedes-Benz L406 D na linha de 3500 kg de peso bruto

Dentro desta linha pode escolher uma vasta gama de modelos, que sempre se evidenciam pela avançada técnica MERCEDES-BENZ:.

Camioneta - 1.600 Kg. de carga útil, 3 lugares na cabine, 3,50 m ou 4,42 m de comprimento de caixa.

Furgão - 1.600 Kg de carga útil, 9 m³ de capacidade, 1,75 de altura interior.

Mista - de carga e de passageiros - 5, 7, 9, 13 e 16 lugares.

Autocarro - de 20 ou 24 lugares.

Ambulância - de 2 ou 4 macas.



C. SANTOS S.A.R.L.

Rua Artilharia Um, 101-A e B - Lisboa
Porto - Coimbra - Braga - Faro - Olhão
Agentes em todo o País

CARTAZ DOS CINEMAS

ESTREIAS DE HOJE
A ÚLTIMA CARTADA—EDEN
A MORTE NÃO TEM SEXO—ROMA
CHOQUE—VOX

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
 As 21.45 — ESTREIA
 Maurice Ronet e Michel Bouquet em
A ÚLTIMA CARTADA
 As 18.30: «Michael Kohlhaas, o rebelde» (M. 17 anos)

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172
 As 15.15, 18.15 e 21.30
 2.ª SEMANA
 A vida e as experiências de uma mulher livre...
 com Michele Mercier e John Hill
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON

ALVALADE

(Adultos) Tel. 763989
 As 15.45 e 21.45
 2.ª SEMANA
 A vida e as experiências de uma mulher livre...
 com Michele Mercier e John Hill
AS NOITES QUENTES DE LADY HAMILTON

HOJE, às 18.30 (M. 6 anos)
 Recital pelo P. Ramon Cui, autor de «Mi-Cristo Roto» e Frei Hermenegildo da Câmara em fados
 a favor do Centro Social da Musgueira «Se Cristo Voltasse Hoje a la Terra»
 3.ª Parte Bilhetes à venda

CHIADO TERRASSE

(M. 17 anos) As 21 horas
MINUTO A MINUTO SEM RESPIRAR
MEU AMOR, MEU AMOR

IMPERIAL

(Adultos) Tel. 45933
 As 21 horas
A MÃO ARMADA
NAO FAÇAS ONDAS

ROYAL

(Adultos) Tel. 865037
 As 21 horas
A PRIMEIRA NOITE
CAMARADA MINI-SALA

ROMA

(Adultos) Tel. 727778
 As 21.45 — ESTREIA
 A vida secreta de uma mulher no mundo proibido da droga!
A MORTE NÃO TEM SEXO
 com John Mills, Luciana Paluzzi e Robert Hoffmann
 EASTMANCOLOR

CONDES

(Adultos) Tel. 727778
 As 14.15—16.30—18.45 e 21.45
 2.ª SEMANA
 Em todas as famílias há um assunto tabu...
A OVELHA RANHOSA
 c/ VITTORIO GASSMAN

ODEON

(Maiores 12 anos) Tel. 326283
 As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30
 3.ª MES DE SENSACÃO
 10.ª SEMANA
DE ENCHENTES
COM O FILME PORTUGUÊS O DESTINO MARCA A HORA
 com Tony de Matos, Isabel de Castro, Anabela, Engélio Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743
 As 18.30 e 21.45
 5.ª E ÚLTIMA SEMANA!
 Paul Newman, Joanne Woodward e Robert Wagner num dos mais românticos e empolgantes filmes da temporada!
A GRANDE COMPETIÇÃO
 (Panavision — Technicolor)
 O grande cartaz da Páscoa de 1970
 METRO: Estação Picoas

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016
 As 15.15 e 21.30
FESTIVAL DOS MAIORES ÉXITOS DA WARNER BROS
 Realização de Delmer Daves com Sandra Dee e Troy Donahue
ESCÂNDALO AO SOL
 Amanhã, ESTREIA, às 21.30
O QUARTO PRIVADO
 (M. 17 anos)

VOX

(Adultos) Tel. 720808
 As 21.45 — ESTREIA
 Joseph Losey apresenta
ELIZABETH TAYLOR e RICHARD BURTON no excepcional filme em panavision e technicolor
CHOQUE (BOOM!)
 Inspirado no famoso romance de Tennessee Williams
 Junto à Av. de Roma

ESTUDIO 444

(M. 17 anos) Tel. 779095
 As 15.30, 18.30 e 21.45
 2.ª SEMANA
 Um estranho encontro entre um homem frustrado e uma rapariga sem ilusões
COM A CORDA NA GARGANTA
 com Jean Louis Trintignant

AVIS

(M. 17 anos) Tel. 47163
 As 15.30 e 21.45
 5.ª SEMANA
 Uma mulher solitariamente atormentada
ENCRUZILHADA PARA UMA FREIRA
 c/ Rosemarie Schaffino John Richardson
 PANAVISION-COLOR
 No programa: ANA MARIA LUCAS «Miss Portugal»
 No complemento: «Modelos»

POLITEAMA

(Adultos) Tel. 326305
 Hoje, às 15.15 (p. r.) e 21.30
 2.ª SEMANA TRIUNFAL
 com o famoso idolo CLINT EASTWOOD
A SOMBRA DA FORÇA
 A história de uma fera que trava o crime e o terror numa cidade bravia do «Far-West» (Colorido de Luxe)
 Hoje, às 18.30 (Adultos)
SESSÃO CLÁSSICA

CASINO ESTORIL

As 17 e 21.30 (M. 12 anos)
LONDRES É DE GRITOS
 com Norman Wisdom, e Diana Dors

IMPÉRIO

(Adultos) Tel. 555134
 As 15.15 e 21.30
 4.ª SEMANA
 — 70 mm —
 BEN (Lee Marvin) e PARDNER (Clint Eastwood)
OS MARIDOS DE ELIZABETH

ESTUDIO

(Adultos) Tel. 555134
 As 15.30, 18.30 e 21.45
 3.ª SEMANA
A AVENTURA
 com Mónica Vitti, Gabriela Ferretti e Lea Mameri

SÃO JORGE

As 15.15, 18.15 e 21 e 30
 (M. 17 anos)
 3.ª SEMANA
 «Oscar» para o melhor filme do ano
 Melhor realizador
 Melhor argumento
O COW-BOY DA MEIA-NOITE
 com Dustin Hoffman

RESTELO

(Adultos) Tel. 610375
 As 21.30
 Um «western» de acção e violência
A MORTE VEM A CAVALO
 com Lee Van Cleef e John Phillip Law

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593
 As 21.30
 Mais do que um simples filme! Uma interpretação impecável de Anthony Quinn e Anna Magnani
O SEGREDO DA SANTA VITÓRIA

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Em Lisboa — Turno G

AJUDA — Moura, Trav. do Memorial, 55 (630944) * Blotifer, Rua D. João de Castro, 27-B (638824)
ALCANTARA — Bairro, R. Prior do Crato, 25 (661321)
ALMIRANTE REIS — Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (42453)
ALVALADE — Zil, Av. da Igreja, 9-D (711780) * Roma, Av. de Roma, 85-B (724666) * S. João de Deus, R. Pedro Ivo 1-A-B (725140)
AMOREIRAS — Britânica, Trav. Lagoa do Póvoa, 5-B (689250)
AREIRO — Garanta, Av. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A e 5-B (727300) * Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (726860)
AVENIDAS NOVAS — Alcantara, Av. da Repub., 74-A (71379)
 * Vale, Av. Marquês de Tomar, 45-49 (773043) * Dávia, Av. Duque de Aveia, 25 (45225) * S. Sebastião, Largo de S. Sebastião do Pedreiro, 1-9 (48642)
BARRIO DA ENCARNACÃO — Ascense, R. 27 N. 41 (311216)
BAIXA — Fernandes, R. de S. José, 167 (326476) * Azevedo, Pl. 1.º, Pr. de D. Pedro IV, 31 (327478)
BENFICA — União, Est. de Benf. 592-594 (700092) * Alegria, Est. de Benf. 60-A-B (780511)
CAMPO DE OURIQUE — Labet, R. de Infante, 16, 98-B (688807) * União, R. Sariva de Convoção, 119 (663843)
CAMPOLIDE — Salutar, Rua B, 75-A-B Bairro da Liberdade (683694) * Pinto, R. de Campolide, 11 (682610)
CONDE REDONDO — Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (559468)
ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (666971)
ESTEFANIA — Mundial, L. D. Estefânia, 9 (45578)
GRACIA — Ziller, R. de S. Tomé, 54-56 (862835)
LUMIAR — Central de Lumiar, R. do Lumiar, 77 (790480) * Deure, Alameda das Linhas de Torres, 93-A-B (791181)
MADRAGAÇA — Eduardo A. César, R. das Trinas, 102 (662631)
OLIVAS — Olivais, R. Alves Gouveia, 19 (311237)
PENHA DE FRANÇA — Central de Penha, Rua Penha de França, 58-60 (849245) * Vitalia, Rua Morais Soares, 66-A (843011)

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
 As 15.15 e 21.30
 Uma missão de socorro a três astronautas que não conseguem regressar à Terra
PERDIDOS NO ESPAÇO
 com Gregory Peck e David Janssen

Amanhã, às 18.30 — (Adultos)
QUINZENA MESTRES DO CINEMA
O CABO DE GUERRA
 com Jean-Pierre Cassel
 Dia 20: «Eslendor na Relva» (Adultos)

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS
 A B C — As 20 e 45 e às 28: «Pega de caras» (17 anos).
 VARIEDADES — As 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17 anos).
 CAPITOLIO — As 21 e 45: «Cecília» (17 anos).
 VILLARET — As 21 e 45: «O vision voador» (17 anos).
 LAURA ALVES — As 21 e 45: «A Força» (17 anos).
 MONUMENTAL — As 21 e 45: «Fábula milionária» (17 anos).
 MARIA VITÓRIA — As 20 e 45 e às 28: «O prato do dia» (17 anos).
 MARIA MATOS — As 21 e 45: «A Relíquia» (17 anos)

CINEMAS
 OLIMPIA — As 21: «O sinal da cruz» (12 anos).
 SALAO LISBOA — As 19: «Corabios inimigos» (12 anos).
 IDEAL — As 21: «Uma hora de amor» (12 anos).
 PROMOTORA — As 21 e 30: «Embarcadou na sombra» (12 anos).
 ARCO IRIS — As 21: «O último desafio» (17 anos).
 ORIENTE — As 21: «Oliver» (12 anos).
 MOSCAVIDE — As 21: «Um muro em Jerusalém» (12 anos).
 COLISEU — As 21 e 30: «O morto gelado» (17 anos).
 PARIS — As 21: «O duelo no Pêlico» (12 anos).
 LUMIAR — As 21: «Gigantes em duelo» (17 anos).
 JARDIM — As 21: «O homem de Kiev» (17 anos).
 S. L. BENFICA — As 21: «Os devotos» (17 anos).
 * Linha de Cascais
 OEIRAS — OEIRAS-CINE — As 21: «A velha raposa» (12 anos).

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
 As 3 e 6.15 de tarde (p. r.) e 9.30 da noite
 4 OSCARES DA ACADEMIA
 Paul Newman, Robert Redford e Katherine Ross em
DOIS HOMENS E UM DESTINO

LIZ

(Adultos) Tel. 48560
 As 21 horas
A LIÇÃO PARTICULAR
7 HOMENS E UMA MULHER

OUTROS ESPECTÁCULOS

ESTORIL — CASINO — As 17 e 21 e 30: «Londres é de gritos» (12 anos).
CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e 30: «Divórcio à italiana» (17 anos)
 * Outra Banda
ALMADA — INCRIVEL — As 21 e 30: «A caçada do megalómano» (17 anos).
COVA DA PIEDADE — UNIAO ARTISTICA — As 21 e 30: Espetáculo de variedades «Beng-Beng» (15 anos)
 * Linha de Sintra
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 21: «A cidade submarina» e «3 chapéus para Lady» (12 anos).
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — As 21 e 15: «Maru» a Rainha das Marés e «Doutor tenha maneiras» (12 anos).
MEM MARTINS — CINE-CHADY — As 21 e 30: «Ritmo de Aventura» (12 anos)

BOITE RESTAURANTE

Preços normais até às 22 h.
BAR 17 às 21 h.
 Rua Ferreira Lapa, 38-D
 Encerrados aos domingos

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

NAVIOS	SAIDAS	PORTOS DE DESTINO
«LEIXÕES»*	20 de Abril	directo a: Lobito, Lourenço Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«P. PERFEITO»	24 de Abril	Funchal, Luanda, Lobito, Durban, L. Marques e Beira.
«MOÇAMEDES»	24 de Abril	Leixões, Cabinda, St. António Zaire, (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçamedes e (se necessário) Porto Alexandre e Cuio.
«ANGOLA»*	26 de Abril	Funchal, S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cabo, Durban, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala e Porto Amélia.

* Com escala por Leixões.

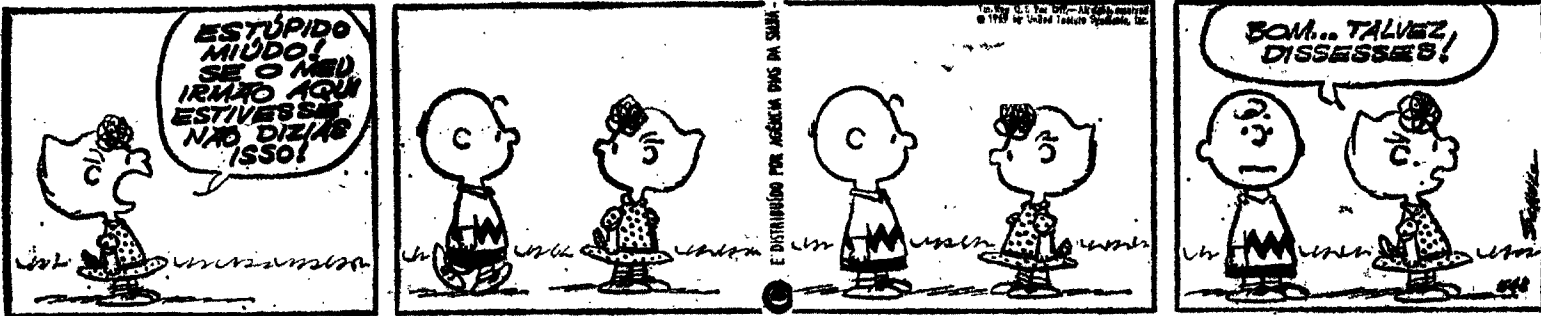
Reserva de Passagens: 34764 - 369172

LISBOA — R. DO COMÉRCIO, 111 TEL. 323021.
 PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63; TEL. 22438

SERVÍCIOS URGENTES

AGUA, GAS, ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 16135 * Companhia das Águas 53701 * Gásclida 538821 * Gásclida 538821 * Gásclida 538821 * Gásclida 538821
SAÚDE — Cruz Vermelha, 66534 * Enfermagem permanente 766161 * Enfermagem de urgência, 43738 * Hospital de Santa Maria 77517 * Hospital de S. José, 860131 * Hospital, exigência e socos, 77116 e 771169 * Transfusões, socos e exigência, 538524 * Centro de Int. e Socos (informação), 76777, 761176 e 763450
POLICIA — G. N. R. — Serviço de emergência, 115 * Segurança Pública, 866141 * Judiciária, 535380 * Marítimo, 326436 * Internacional, 362721 * Visão e Trânsito, 42205 * G.N.R. (área rural), 56865
TRANSPORTES — Aeroporto, 72011 * Caminhos de ferro (C. P.), 849029 * Caminhos de ferro (Estoril), 861121 * Estação Municipal (T. Paço), 325345 * Estação Marítima de Alcântara, 663195 * Estação Marítima do Rocha, 672445 * Estação Municipal (Belém), 638511
BOMBEIROS — Sapadores, 32222, Voluntários, 538524.

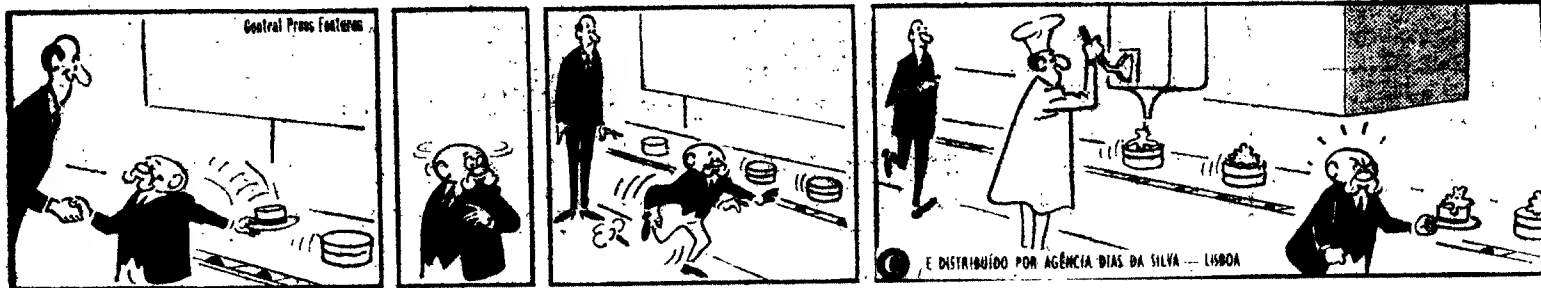
Os Peanuts



Carol Day



Aventuras do Tio Carlos



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 16 de Abril de 1940 publicava:

«LUXEMBURGO, 16 — Foi reforçada a Guarda Civil, que guarda todos os edifícios públicos. A população de Luxemburgo está alarmada com o grande movimento de tropas que se nota desde ontem, à tarde, na fronteira alemã.

«De vários pontos da fronteira luxemburguesa comunicam que os alemães estão a acumular em frente da fronteira do Grão Ducado e na região de Aix-la-Chapelle grandes forças motorizadas e enormes porções de munições.»

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL (1.ª DIVISÃO)

LEIXÕES-SPORTING

DOMINGO, 19 DE ABRIL
A C. P. organiza, em colaboração com o Sporting Club de Portugal, um comboio especial de Lisboa a Leixões, e volta, no dia 19 do corrente, por ocasião do desafio de futebol «Leixões-Sporting», ao preço de 140\$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa (Rego) 6-14
Chegada a Leixões 11-30
Partida de Leixões 19-30
Chegada a Lisboa (Rego) 0-52
Bilhetes à venda na Sede do Sporting Club de Portugal e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

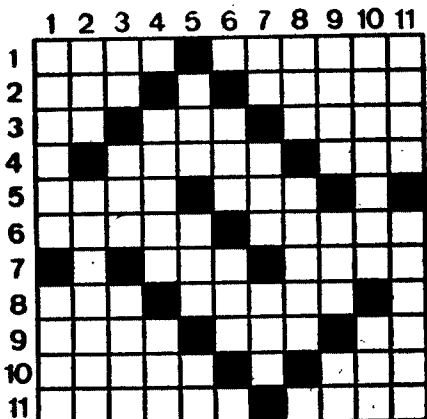
Palavras cruzadas

(COM PROVERBIO)
PROBLEMA N.º 5507

HORIZONTAIS: 1 — Retalho. Correla que prenha o linho à roca. 2 — Lho do estado da Bala. Pegar. 3 — Isotado. Filtro. Soltinho. 4 — Antigo defendo. Homicídio. Milho, tomado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. 5 — Magoar. Suspiros. 6 — Queimas. Ir-mão de Moisés. 7 — Monarca. Palmatada. 8 — Cabelos brancos. Estado de espírito. 9 — Norma de homem. Negativa. Nota musical. 10 — Partida. Palavra galega que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses. 11 — Aguarda Costuro.

VERTICAIS: 1 — Pegado. Emparelhe. 2 — Espago de doze meses. Grande porção de ossos. (Pé). 3 — Gallo (s. q.). Espaço de trinta dias. Dás pios. (Inv.). 4 — Enrubescer. Composição poética. 5 — Tempo do verbo ir. Preposição. Viração. 6 — Letra grega. Cada uma das partes despidas das pela corrente eléctrica. 7 — Antos de Cristo. Chife etíope. 8 — Lista. Rio do estado do Paraná. 9 — Combina. Relação. Pedra de moirinho. 10 — Prelado do sacro colégio. Sadias. 11 — Janro (fantasia). O mesmo que casiano.

Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVERBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5506

HORIZONTAIS: 1 — Botam. Carpa. 2 — Ureia. Asais. 3 — Rum. DAS. Sás. 4 — La. Ro. 5 — Repeles. 6 — Saurá. Onobá. 7 — Remontara. 8 — Pé. Lá. 9 — Uno. DIV. Sir. 10 — Ralva. Essas. 11 — Assam. Messe.

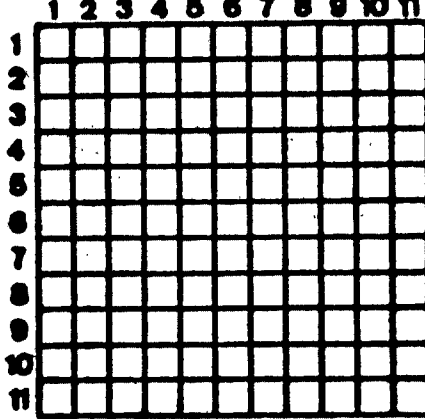
VERTICAIS: 1 — BURLAS. Pura. 2 — Anuá. Arenas. 3 — Tem. Rue. Als. 4 — Al. Tiammo. Vá. 5 — Mad. Pão. Dom. 6 — Ave. Nel. 7 — Cás. Lat. Vém. 8 — AS. VERAS. Se. 9 — Ros. Sor. SSS. 10 — Piar. Bolas. 11 — Assomo. Anse.

Provérbio: DAS IBURLAS VEM AS VERAS.

(NOVA MODALIDADE)
PROBLEMA N.º 9350

HORIZONTAIS: 1 — Estreito entre a Espanha e Marrocos. 2 — Batráquio. Reduzem a farinha. Agora. 3 — Bebida usada nas Índias Orientais. Inunda. 4 — Mexe. Ave de rapina. 5 — Tirco. Viração. 6 — Vás. Patroá. 7 — Prefixo de negação. Definida. 8 — Xalte das mulheres índias e pases Enrubescer. 9 — Destlizem. Chefe etíope. 10 — Cólera. Mulheres de baixa estatura. Reis. 11 — Atrasados.

VERTICAIS: 1 — Estavam. Alilho. Idem (abrev.). 2 — Vão em socorro de alguém. Greda branca. 3 — Pássaros. Ecoam. 4 — Prefixo de negação. Preposição. Oceano. 5 — Bondosa. Imitar. 6 — Taramelas. Espécie de forragem (Bras). 7 — Amansar. Madeira. (abrev.). 8 — Distrito da Índia Portuguesa. Antes de Cristo. Isolado. 9 — Soar. Bolo feito de farinha e sal de que os Romanos se serviam nos sacrifícios. 10 — Apelido. Poisar no mar (o avião). 11 — Rádio (s. q.). Nome de Jogo. Cada uma das partes duras e calcificadas que formam o esqueleto dos animais.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9349

HORIZONTAIS: 1 — Apresentava. 2 — Couro. Areal. 3 — Alara. Tanco. 4 — Arar. Area. 5 — As. Aa. 6 — Rim. Mar. Sol. 7 — Im. Balas. 11. 8 — Mondal. Soara. 9 — Elar. Miar. 10 — los. Com. Aida. 11 — Anapá. Cosam.

VERTICAIS: 1 — Aca. Crimeia. 2 — Póla. Imo. kar. 3 — Ruamam. Rosa. 4 — Ennos. Bar. 5 — Soar. Mal. Cá. 6 — Val. Do. 7 — Nofa. Ros. MC. 8 — Trará. Som. 9 — Aéreas. Aias. 10 — Vara. Alrada. 11 — Aló. Afiamam.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos.
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A.
R. L. - 95, Rua Nova do Almada, 99 - LISBOA

TRES EXCURSÕES COLECTIVAS ESPECIAIS A MADRID DURANTE AS FESTAS DE SANTO ISIDRO

Comunica-nos a C. P. que, dentro do programa das anunciadas excursões a Madrid, durante as Festas de Santo Isidro, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes, vai levar a efeito três excursões especiais colectivas àquela cidade, com partidas de Lisboa (Santa Apolónia), respectivamente nos dias 13, 20 e 27 de Maio, utilizando o comboio Lusitânia-Expresso, à ida, e o Lisboa-Expresso «TER», à volta. Preços desde 1470\$00 a 1750\$00, consoante o estabelecimento hoteleiro a utilizar.

Para melhor elucidação peça folhetos descritivos:

— Nas estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia);

— Na Empresa Geral de Transportes, Rua do Arsenal, 124;

— Nas Agências de Viagens autorizadas;

— Nos Despachos Centrais do Caminho de Ferro.

Onde se encontram à venda os respectivos bilhetes.

CAMISAS P/ MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SNRS. AUTOMOBILISTAS:

O seu automóvel constitui para si um valor que deve manter e valorizar.

Assim não o entregue a uma oficina qualquer, sem especialização.

Procure sempre uma OFICINA ESPECIALIZADA. COTAL prestar-lhe-á um serviço de 1.ª só executado por oficiais. Todo o género de reparações ou correções de defeitos.

Secções de MECÂNICA, BATE-CHAPAS, PINTURA, ESTOFADOR e de ÓRGÃOS AUTOMÁTICOS.

ORÇAMENTOS PRÉVIOS

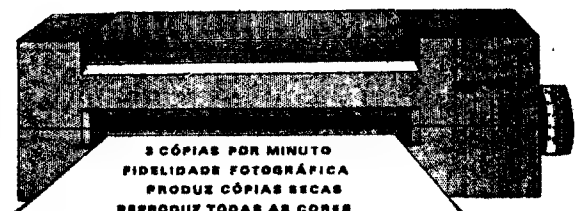
O mais rápido serviço em automóveis Especializados nas marcas de

GENERAL MOTORS — MERCEDES — JAGUAR

Serviço independente

COTAL A RUA DE ARTILHARIA UM, 105 A
COTAL B RUA DOS LUSÍADAS, 112-A
Telef. 631057/8 — LISBOA

aparelhos de fotocópia 3.880\$00



3 CÓPIAS POR MINUTO
FIDELIDADE FOTOGRÁFICA
PRODUZ CÓPIAS SECAS
REPRODUZ TODAS AS CORES

peça-nos uma demonstração sem qualquer compromisso

partiportuguesa
Rua Buenos Aires 7 1711-Lisboa 2-Telef. 647211

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxe protocolares para pessoas de distinta condição social nem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

DINHEIRO

SOBRE
AUTOMOVEIS E
PROPRIEDADES

ROBREL

R. Rodrigues Sampaio, 69
Telefs. 44602 536569

MARIO VARGAS LLOSA,

AQUI

ESTA PÁGINA é hoje muito justamente dedicada a Mario Vargas Llosa («La Ciudad y los Perros», «La Casa Verde», «Conversación en la Catedral»), um dos grandes escritores da «investida latino-americana». Da sua recente passagem por Lisboa quise-mos deixar aqui testemunho. Para tanto, pedimos a José Cardoso Pires e a João Palma-Ferreira, amigos do escritor, depoimentos sobre a sua personalidade literária, ao mesmo tempo que Fernando Assis Pacheco, em jeito de reportagem-entrevista, publica um relato do que foi o encontro do escritor peruano com alguns dos seus camaradas portugueses. Homenejando assim Mario Vargas Llosa, cujo romance «Conversación en la Catedral» está em curso de tradução para a nossa língua, pretendemos simultaneamente chamar a atenção para a pujante vitalidade da literatura latino-americana de hoje, que, embora mal conhecida entre nós (e daí o trabalho de divulgação em que nos empenhamos), só pode constituir, para todos, exemplo, estímulo e lição.

sobre vargas llosa: recuperar a ficção

RECORDO PERFEITAMENTE as circunstâncias em que pela primeira vez contactei com um texto de Mario Vargas Llosa.

Tinha diversas informações sobre os inícios da carreira deste grande escritor por intermédio da leitura ocasional da revista *Casa de las Américas* e do jornal literário *Gazeta de Cuba*. Lera artigos de Retamar, salvo erro, e de José María Castelet, mas as obras não as conseguia obter em Lisboa. Um dia recebi, da agente literária Carmen Balcells, as provas tipográficas, fotocopadas, do romance *La Casa Verde* cuja leitura me empolgou. Nessa data, recordo-me, escrevi a Cabrera Infante a comunicar-lhe do meu entusiasmo e pouco depois passei o volume a José Fernandes Fafe. A partir desses dias de descoberta da literatura latino-americana, completei o conhecimento de Vargas Llosa com a leitura de *La Ciudad y los Perros* (o seu primei-



ro grande livro, aliás) e com a novela *Los Cachorros*. Em Dezembro de 1969 li, em quatro dias, as setecentas páginas de *Conversación en la Catedral*, obra sobre a qual fiz publicar um artigo de saudação no Suplemento Literário do «Diário de Lisboa». O meu entusiasmo por Vargas Llosa, porém, ficara já patente numa das novelas do meu livro *Três Semanas em Maio*, publicado em 1968, e na qual aludia à célebre passagem da roleta russa de *La Casa Verde*.

Entre os grandes escritores da «investida latino-americana», cujas potencialidades já Valéry Larbaud descobria no universo kafkiano de Jorge Luis Borges e no culto de um novo tipo de realismo fantástico sejam eles um García Márquez, um Carlos Fuentes, um Cortázar, um Onetti, um Juan Rulfo, um Ernesto Sábato, um Cabrera Infante, Vargas Llosa distingue-se não só pelo recurso de uma temática que do cosmos privado da América Latina deriva para um universalismo grandioso, como também por processos narrativos pessoais e os mais variados. Sem aproveitar as vantagens do fragmentarismo que conferem a *Três Tristes Tigres*, de Cabrera Infante, uma qualidade muito especial e pactuando, muitas vezes, com as formas mais tradicionais de exposição da intriga, os métodos e ingredien-

Cont. na pág. 6

J. Palma-Ferreira



Convívio: João Palma-Ferreira, José Fernandes Fafe e Urbano Tavares Rodrigues ouvem Vargas Llosa

conversação na editorial

MARIO VARGAS LLOSA, o jovem romancista do Peru que as Publicações Europa-América vão começar a traduzir ainda este ano, acha que não há unidade na moderna literatura latino-americana.

— Pelo contrário — insistiu ele junto de alguns escritores portugueses convidados pelo editor Lyon de Castro para hora e meia de encontro informal —, há uma diversidade enorme por falta de unidade social ou histórica. Mas existe um denominador comum: mais do que nos temas, na atitude frente à criação novelística. O romance latino-americano é um género com a vitalidade e a importância que havia no romance europeu do século dezanove.

Vargas Llosa: 34 anos, um título de doutor, (por extenso) em Filosofia Românica; cinco livros publicados desde 1958 e outros tantos prémios literários. De uma das suas obras, «La ciudad

y los perros», saíram já cerca de 200 mil exemplares. A última, «Conversación en la catedral», data de Dezembro de 1969 e vendeu 45 mil nestes quatro meses. Êxito veloz? Vargas Llosa esboça um sorriso com a dentadura saliente. Dirá, por exemplo, que chegou a Lisboa vindo das Canárias, acompanhado de mulher e filhos, e que «fue un crucero pobre, un crucero modesto, no?». Tem um modo tranquilo de enfrentar dez interlocutores simultâneos. Vamos reter dele, porém, outro rasgo: a extrema vivacidade com que responde atirador consumado, ao fogo das perguntas.

RUBÉN, NERUDA, BORGES

O encontro foi no passado dia 8. Desembarcado do paquete «Aure-

Cont. na pág. 6

F. Assis Pacheco

um admirável «mural»

EM MUITOS ASPECTOS Vargas Llosa e Guimarães Rosa aparecem-me estranhamente associados. Há em ambos um sentido de «gesta» literária, uma pulverização do indivíduo nos espaços desolados e, ponto essencial, uma denúncia dos primitivismos essenciais do homem sul-americano na sua condição de marginal da vida contemporânea. Num e noutro, esse primitivismo assume um tom de virilidade extremamente sóbrio e atinge uma essência poética sublimada a um nível superior. Num e noutro, também, é o esquema do feudalismo contemporâneo que está em jogo. E qualquer destes grandes escritores se movimenta com inacreditável agilidade em deslocações de tempo e de narrativa, trazendo ao romance as novas audiências que marcam o prestígio actual da literatura sul-americana, sob a garantia de nomes como os de Cortázar, de Sábato ou de Carlos Fuentes.

Amplificação dos micromundos, projectá-los — eis também um aspecto típico da ficção de Vargas Llosa. O Colégio Leoncio Prado (*La Ciudad y los Perros*) como, de resto, o cenário paralelo do internato de Musil em *O Aluno Törless* é uma sociedade fechada onde os conflitos da adolescência e os sadismos dos códigos de honra, por exemplo, se consubstanciam numa atmosfera quase alegórica que define toda uma classe, todo um país, até, segundo uma óptica privada e extraordinariamente sensível. Do mesmo modo, *La Casa Verde*, esse oásis sonâmbulo à beira do deserto peruano tem as dimensões imprecisas e estranhamente irreais de um país entre a miséria e o sonho, entre as raízes animais e a evasão individual.

Daqui provém a técnica narrativa inconfundível de Vargas Llosa. Espaço e tempo são coordenadas fluidas, assumem uma expressão mais que todas subjectiva, alargam-se ou contraem-se num discurso aparentemente caótico que, afinal, se revela inteligentemente organizado. Como Godard, no *Week End*, Vargas Llosa procede ao inventário de momentos significativos que transfigura com ágil imaginação e através de contrastes rápidos e sucessivos num entrecruzar de acções, de movimentos, de suspensões. Mas, ao contrário de Godard, ele jamais violenta os seus personagens nem se obstina em lhes impor uma «definição literária» — e o milagre é esse: o de nos dar em cada um dos seus romances um admirável «mural» da tragédia peruana sem ostensivas legendas nem coloridos flagrantes. E atraindo-nos irresistivelmente a uma leitura complexa, permanentemente trabalhada de insinuações e finalmente inesquecível.

José Cardoso Pires



SUPLEMENTO LITERÁRIO



16 • ABRIL • 1970
N.º 607

O ANTI-FILME «ALMADA - UM NOME DE GUERRA»

Ainda não filmei as varinas todas

Esclarecimento de Ernesto de Sousa

A. NUMA DAS PRIMEIRAS SESSÕES de trabalho que tive com mestre Almada, ele disse-me: «Sabe, Ernesto de Sousa, uma das coisas que me aborrece nesta gente de cinema? ... É que estão sempre com muita pressa». Devo ter-lhe respondido que eu não, que não tinha muita pressa. Se Almada está a ler estas minhas palavras e o que imediatamente a seguir se motivou (a nota intitulada «O que é feito do filme de Ernesto de Sousa?»), publicada no último Suplemento Literário do «Diário de Lisboa» e assinada, se é que assim se pode dizer, S. L., estará a ver confirmado aquilo que sobejamente já deve saber: a pressa não é só apanágio da gente de cinema. Qualquer oportunista se pode dar ao luxo de ter pressa. Mas nem todos se podem dar ao luxo de não a ter: esse porém — com licença de todos os S. L. e outros de A a Z — é, o mais possível, um dos meus luxos.

B. Pedir contas e ter pressa são características de todos os comanditários, e sobretudo dos que argumentam com um qualquer investimento financeiro. Ora no caso presente até não há propriamente dessa gente. Há pessoas que apoiaram um intento, um empreendimento, jornalistas que fizeram dele a necessária propaganda, artistas que ofereceram obras, outras ofertas ainda não concretizadas de auxílio e o concurso de todos aqueles que já trabalharam ou virão a trabalhar de graça, ou quase de graça (palavra grave e maravilhosa!), para que a coisa possa, pelo menos, ser tentada. Há uma comissão de apoio, precisamente presidida pelo meu amigo, referido na nota citada, doutor José-Augusto França. Há uma empresa, a Capitula, que — graciosamente — também — administra os dinheiros e dirige a produção. Nenhuma destas pessoas ou entidades exigiu prazos ou o quer que fosse, além do que está implícito numa confiança básica na seriedade do empreendimento. Claro que isto não acontece por acaso... além do mais, é porque eu recusaria de outra maneira qualquer auxílio, viesse de onde viesse. Mas, de resto: não há nenhuma morosidade insólita neste caso. Outros filmes, igualmente respeitáveis, e muitíssimo mais morosos, têm sido diligentemente tratados nas colunas do «Diário de Lisboa».

E. Ainda: Há já algumas semanas que a referida Comissão começou o envio de uma circular, com elementos informativos acerca do que se passa a todas aquelas

pessoas e entidades apoiantes.

C. Num artigo s/ este «filme», publicado no Suplemento «Pintura & Não», de Agosto de 1969, da revista «Arquitectura» (e que funciona como Boletim do A. I. C. A. portuguesa) descrevi o que considero mais um processo, do que um filme (filme-inquérito foi a designação que lhe dei desde o início). Ali, como parte integrante ou marginal do processo referi os leilões, o curso ministrado na S. N. B. A. pelo doutor José-Augusto França; as lições de Jorge de Sena, José Blanc de Portugal e a minha própria, incluídas naquele Curso; as mesas-redondas realizadas na Galeria Alvariz e na «Árvore», no Porto, e na S. N. B. A. em Lisboa, e nas quais intervieram José-Augusto França, Francisco Bronze, Rui Mário Gonçalves, Vítor Silva Tavares, Fernando Pernes, José Pacheco Pereira, Joaquim Vieira, eu próprio, e muitas das pessoas que assistiam. (Agora, deveria acrescentar à lista um magnífico colóquio realizado em Aveiro). Referia também o filme do amigo Macedo e a sua oferta para que venha a ser incluído em uma das nossas futuras sessões de estudo. E acrescentava: «como não podia deixar de ser, neste país de apagada e vil tristeza, toda esta vivacidade iria espantar o sossego remanescente de uma cultura envergonhada e cismenta, e até já apareceram as pequenas tiradas anónimas, de um jornalismo pseudo-humorístico sem ética profissional». Pergunto agora: o escudo do anonimato, mesmo disfarçado, irá transformar-se em norma? Como tenho bons amigos no «D. L.», e nunca me furti à informação, espanta-me que, pelo menos, as perguntas geradas por esta insólita perplexidade de, não tenham sido precedidas por uma procura normal e facilíssima, de informação.

De qualquer maneira, é falso que tenha havido qualquer «longo silêncio»: já citámos a circular que está a ser enviada; o artigo de Agosto, em «Pintura & Não» («Arquitectura»). E nesta matéria, poderia ainda acrescentar: informação aos portugueses no estrangeiro numa entrevista concedida em Dezembro de 1969, à B. B. C. (é certo que não mandei fotografia para os jornais); colóquio em Vigo, em Fevereiro de 1970, no quadro da 3.ª Jornada Galatco-Portuguesa. Escrevi ainda um longo artigo polémico intitulado «Anticinema que já foi recusado em duas publicações, e há meses que espera oportu-

nidade em terceira... Sempre por razões de espaço, é claro... Mas naturalmente, isso também já é outra história.

D. Mas já que os meus vários amigos do dito suplemento e da redacção do «D. L.», em geral, e sobretudo o público que nos lê, podem ser sinceramente interessados, sem qualquer sombra de reticências anónimas ou semia-nónimas, num melhor conhecimento deste Processo, aproveitemos esta oportunidade. Ela cai como sopa no nosso mel de querer e precisar de prestar mais informações, precisões, etc. Vamos a isto sem papas na máquina de escrever.

INFORMAÇÕES OPORTUNAS E O MAIS QUE ADIANTE SE VERA

1. O «filme», o anti-filme, o filme-inquérito, ou o que for, manifestar-se-á oportunamente. Mas vamos esclarecer desde já: não será mais um produto de consumo fácil numa sociedade cada vez mais ávida de consumir e pelintramente digerir. Será uma obra aberta, cuja produção primará sobre a exibição, um processo. Veremos de tudo isto o que será possível. Para já, somos mesmo muito ambiciosos (não de dinheiro, está-se mesmo a ver...).

2. Os leilões, as ofertas e outras iniciativas continuam. Constituem já uma forma real de participação. No entanto informamos: ainda só reunimos cerca de um quarto do orçamento inicialmente previsto. Isto significa que se trabalha sem equipa profissional constituída — e a fazer todas, ou mais, daquelas poupanças e sacrifícios, infelizmente habituais. É certo que tudo assim resulta moroso, mais do que desejariamos. Mas, vá lá!, há qualquer coisa a anunciar neste capítulo. Vá-lhe a realizar mais uma série de trocas (não lhe chamemos leilão), dentro de uma ou duas semanas, no Teatro Experimental de Cascais, coincidindo

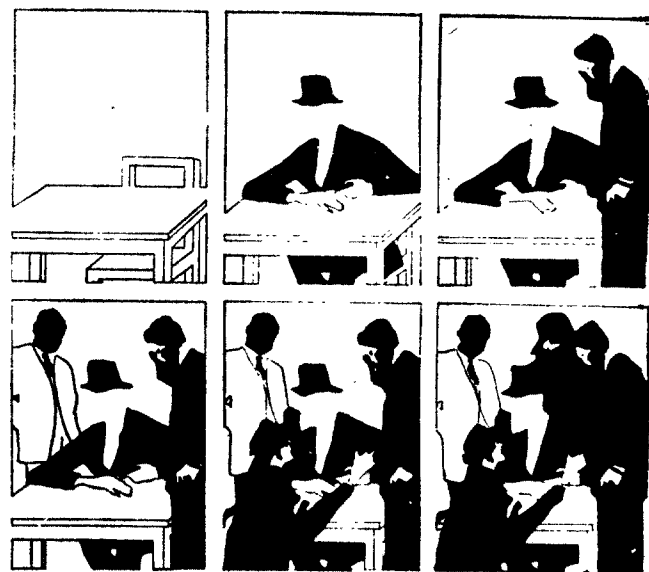
com a próxima estreia do Avilez (o «Chapéu de Palha de Itália») — o que corresponde a outra graciosa oferta, a de um espaço e de um tempo de excepção. Quem quiser participar... trocam-se obras de arte por latas de película (com as mediações habituais, bem entendido). Apareça S. L. e manifeste-se! Em Maio começa a trabalhar-se numa gravura expressamente realizada por Carlos Botelho, e produzida pela cooperativa «A Gravura» — atenção, é outra ocasião a não perder para auxiliar-participar...

(Diga-se de passagem que esta será a segunda gravura produzida graciosamente pela «Gravura»: a primeira, da autoria de um jovem, Carlos Gentilhomem, constitui uma acção-símbolo a oferecer a todos que contribuíram para...) Outras iniciativas estão em estudo e a Comissão de Apoio, aceita mais sugestões

3. Como quase sempre que se trabalha de graça, falta gente para o trabalho. Quem é que tem tempo livre para trabalhar como assistente-estagiário, sem pagamento, pelo menos imediato? Quem se oferece para os inúmeros trabalhos gráficos que ainda têm que ser produzidos? Quem se oferece para um certo número de acções teatrais que estão projectadas? O «Diário de Lisboa» não recusará, certamente, canalizar as boas vontades e competências que se oferecerem. (Já agora não será inútil lembrar que cerca de metade dos actuais críticos ou cineastas ligados ao «novo cinema» começaram em empreendimentos a que esteve ligado: não lembro isto por vaidade, mas porque, nesta altura, é funcional).

Há, de facto, ainda muito que fazer...

4. ...agora por exemplo, ando a filmar varinas. Não são as varinas da «Cena do Ódio», ou a da «Engomadeira», nem as das Gares Marítimas. São as que eu estou a filmar — e que eu



ALMADA

um nome de guerra

Gravura em serigrafia, de Carlos Gentilhomem

não veria como as vejo se não fossem aquelas obras de Almada. Mas ainda não as filmei todas. Perceberão disto os S. L.? Talvez ainda leve algum tempo a filmá-las todas, embora tente que seja o mais breve possível.

5. Mas como não se trata só das perplexidades do sr. S. L. até vou fazer algumas confidências. Este trabalho tem sido, e será, muito difícil para mim. Sobre tudo tendo tido grandes dúvidas em descobrir como realizar aquilo que pretendo (e sobre isto é que já tenho muito menos dúvidas). E porque? Porque é um caso — para mim — de vida ou de morte... Eu explico. Há duas razões fundamentais.

A primeira: O que me tem significado o encontro, com Almada Negreiros. Que ele é talvez o Homem mais extraordinário que me foi dado conhecer, não adianta muito ao caso. Mas que, nomeando-o, descobri um NOME DE GUERRA para tudo ou muito do que mais me interessa fazer, isso é que eu sinto cada vez mais a necessidade de manifestar. Correndo o risco das interpretações literais (e literárias) direi: aquilo que estamos preparando é sobretudo o resultado de uma meditação com

o Almada, nome de guerra de uma modernidade que me interessa, agora e aqui. E uma proposta para outras mediações.

A segunda razão: CO-MEÇAR é a única coisa que me interessa (como Almada Negreiros, precisamente). Comecei alguma coisa com o «Dom Roberto». Alguma coisa de importante para todos nós: e embora isso se tenha tentado esca-motear desde o princípio, e ainda agora lembro com orgulho e bastante divertido que o Gilson nos «Cahiers» aproposito deste filme falou de Bresson e Rossellini, que o Jean d'Yvoire falou num «Bunuel sem a crueldade» e que o Sadoul escreveu: «...c'est tout simplement un événement dans l'histoire du cinema, qu'il nous soit venu un film émouvant, sincère, vrai, d'un pays trop longtemps silencieux et absent». Agora tento começar, e romper outro silêncio, com este NOME DE GUERRA. E começar é terrivelmente difícil.

6. ...mas falemos de dúvidas, de algumas alterações a certas formas inicialmente projectadas, e dos trabalhos, para descobrir as formas justas. Excluir o consumo, puro e simples,

Cont. na pág. 6

Comentário S. L.

Mesmo «fulanizando», a despropósito e nem sempre elegantemente, as questões aqui formuladas na passada semana, vem Ernesto de Sousa fornecer a este Suplemento Literário e a quem não teve acesso a qualquer outra informação sobre a rodagem do filme «Almada — um nome de guerra» (e muitos serão, se não forem até a maioria...) alguns esclarecimentos e confidências, assim procurando corresponder, porque a tal solicitado, à quele movimento público de

curiosidade e à quele apoio (de interesse, trabalho e capital) de não poucas pessoas e instituições, que ultrapassam, de facto, não as desmentindo, as perplexidades de qualquer S. L., seja este embora, e por exemplo, um simples leitor interessado (o que já bastaria) ou o próprio Suplemento Literário (digamos, o seu responsável) que ao filme de Ernesto de Sousa dedicou algumas das suas páginas.

Dos esclarecimentos e

das confidências, bem como do tom em que estão expressos, tomamos boa nota — e aqui os deixamos publicados para mais ampla divulgação e mais fundamentado juízo dos resultados futuros. Sem pressas e muito ambicioso («não de dinheiro, está-se mesmo a ver...»). Ernesto de Sousa reforça, através deste documento, a responsabilidade contraída junto da Cidade ao meter ombros a um trabalho de tão amplas perspectivas socioculturais. A Cidade, pois, de julgar

(de «pedir contas»...) quando for seu tempo. ...Que ele não demore muito (um ano já lá vai e a vida é breve) são os nossos melhores votos! Entretanto, nova perplexidade nos ocorre: será mesmo necessário Ernesto de Sousa filmar todas as varinas?... E por aqui nos ficamos, congratulando-nos pelo esclarecimento público do realizador, agora (e de novo) em foco graças às (pelos vistos, áteis e oportunas) inter-rogações do

S. L.

NIKIAS, CALHAU, TRINDADE

por Rocha de Sousa



NIKIAS SKAPINAKIS
Galeria 111

NIKIAS SKAPINAKIS voltou a expor na Galeria 111, desta vez com algumas pinturas que suportam o título genérico de «Os Caminhos da Liberdade» e que se inspiram no mesmo tempo irónica e polémica. Essas pintu-

rais, perante as aplicações diversas da pintura, restam, cada vez mais, meios privilegiados de *invocação pictórica*; mas, não se trata de uma aposta (de antemão perdida) com o académico. Antes, de uma espécie de reabsorção pelo passado, isto é, pelo poder da linguagem da pintura através do tempo.

O que esta exposição pretende mostrar é a dualidade da pintura e da não pintura; ou como uma experiência tradicional pode determinar

se nenhum compromisso público através das exposições colectivas que habitualmente se registam entre nós. António Trindade aparece agora a responsabilizar-se com uma exposição individual nas salas da Sociedade Nacional de Belas-Artes.

O autor mostra-se fundamentalmente vinculado a uma estética da figuração, procurando desviar o mundo escultórico tradicional para certas experiências em que a forma se limita ao essencial por um lado, ou se acentua e mitifica, por outro. As peças apresentadas, reveladoras de um apuramento tecnológico ora do comum, quer na madeira quer na pe-

da utilização de uma estrutura elementar em conjugação com o plano. O plano tem inicialmente uma superfície quadrada e nele se inscreve, por confronto do preto e do branco, um quadrado aparente. É esse módulo que, quase se ocultando na superfície, vai gerar

outras formas mais complexas que simulam, segundo um tratamento por *sopragem*, a realização volumétrica de espaços. Temos assim o aparecimento de facto sugerido de um paralelepípedo que a breve trecho se *irrealiza* ou desmonta, enquanto o espectador é

reconduzido à evidência do plano vazio: uma tela quadrada em branco, disponível para nova aventura. A aventura foi breve, mas continha todo o mecanismo básico através do qual as formas se podem gerar. Dizer mais do que isto é inventar a segunda aventura.



Pintura de Nikias: «As Três Graças»

ras decidem-se efectivamente pela apropriação de certas imagens que se sobrecarregam de um erotismo de cartaz, encadernado de forma «bonita» ao sabor de técnicas que massificam o gosto dentro dos habituais esquemas competitivos da venda e do consumo das mais variadas produções. A mulher é o objecto central, decisivo e fotográfico; desta galeria de mitos que se destacam da profusão de tipos largamente explorados e institucionalizados no horizonte das sociedades da contemporaneidade. A objectividade sofisticada, que pressupõe a breve trecho uma aplicação à técnica do «offset», logra-se ao nível de uma oficina assumida com visível prazer, legando à pintura propriamente dita os duros limites da representação.

Nikias Skapinakis apresenta a sua própria pintura: nada de mais salutar, ao fim e ao cabo, na medida em que é mais precioso aquilo que o artista diz sobre o seu compromisso, ou sobre o acto criador em geral, do que a lenta mastigação doutrinária muitas vezes tecida em torno da sua obra por circunstâncias de passagem.

A última fase da qual se restabelecerá com evidência a ligação entre o espírito de invenção moderna e a tradição será, talvez talvez, a recuperação do bonito.

Bonitos são, em geral, os quadros de cavalete os

uma expressão e uma técnica que irónicamente se motivam no presente; ou como um quadro pode, dualmente, ser pintura e não pintura, bonito ou não.



ANTÓNIO TRINDADE
S. N. B. A.

O RARO APARECIMENTO dos escultores no plano de uma actividade pública independente, faz de cada exposição de escultura uma manifestação de facto singular e quase bizarra. António Trindade escultor diplomado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa e que tem prestado assistência no atelier do professor António Duarte, corresponde a um desses casos esporádicos que desdobram a escultura actual portuguesa. Com uma actividade ainda breve e qua-



Escultura de Trindade

dra, não pertencem todas a uma opção plástica continua do ponto de vista da orientação formal e das coordenadas estéticas. Ficam assinaladas duas ou três direcções possíveis num conjunto que se exprime heterogéneo e até contraditório, embora qualificado no limite oficial. António Trindade hesita na definição de uma problemática e assenta o seu trabalho sobretudo numa poética que decorre do tratamento sensual da realidade antropomórfica, em paralelo com um certo sentido do humor quase sempre misturado à evocação de um espírito arcaizante, e mitológico. O respeito pelos materiais é evidente, quase aristocrático, longe da irreverência e próximo do academismo. Toma-se, no entanto, a conta da virtude, em particular quando deixa pressentir o desenvolvimento próximo de um programa, admissível e desejável a partir de tão exacta consciência do ofício.

FERNANDO CALHAU
Galeria Quadrante

Reassumindo o expediente tecnológico apresentado em dois trabalhos da última exposição em que participou, Fernando Calhau desenvolve agora uma série de objectos muito simples e muito imediatos em que parece contar a história

NASCEU em Lisboa em 1931.

1948-54: participação na III Exposição Geral de Artes Plásticas e na Jovem Pintura — Galeria de Março. 1955: exposição individual na S. N. B. A. e participação na representação portuguesa à IV Bienal de S. Paulo. 1958: exposição individual na S. N. B. A., natureza morta, evocação do cubismo. Artistas Independentes, S. N. B. A. 1961: II Exposição individual na Galeria Diário de Notícias. 1962: salão da Primavera, S. N. B. A. 1964: exposição individual na Galeria Divulgação. 1965: exposição individual na S. N. B. A. 1966: exposição individual na Galeria 111. 1967: salão de Maio da S. N. B. A. 1968: exposição na Galeria 111, participação na Exposição do Banco Português do Atlântico. 1970: volta a expor na Galeria 111.

Para além desta actividade, que é resumo de uma vasta participação na vida artística portuguesa, Nikias Skapinakis dedicou-se durante alguns anos a acção pedagógica e tem tido oportunidade de fazer algumas intervenções públicas em defesa de princípios estéticos que definem



N. Skapinakis

uma visão própria do mundo da pintura. Em 1958, por exemplo, através de uma conferência proferida na S. N. B. A. sobre a «inactualidade da arte moderna», desenvolveu uma defesa polémica de uma figuração futura susceptível de comunicar com um público vasto.

A sua obra, que se situa nuclearmente numa linha realista de implicações sociais e que acusa um minucioso e dramático tratamento poético, sofreu inicialmente a influência de Chagall e orientou-se depois para uma tendência expressionista, de raiz populista. Mais tarde, já nu-

ma definição realista, a cor assumia uma característica abstracta e as figuras representadas na paisagem acusavam um sentido de ausência. Só em 1966, Nikias Skapinakis enveredou por uma pintura de intenção não descritiva mantendo as características da matéria e cor anteriores, simulando a colagem e continuando a investigação figurativa. Ultimamente, a sua pintura tem prolongado essa investigação num sentido irónico, sempre vinculada a uma experiência da realidade local e presa ao valor da imagem significante.



GUIA DAS EXPOSIÇÕES

GALERIA S. MAMEDE
R. da Escola Politécnica

MANUEL CARGALEIRO, com painéis de cerâmica, na recuperação para a modernidade da estética do azulejo.

GALERIA QUADRANTE
Av. Luís Bivar

FERNANDO CALHAU, evolução de formas geométricas simples ao serviço de uma linguagem clarificada e imediata.

GALERIA INTERIOR
Rua Camilo C. Branco

SA NOGUEIRA, «um manifesto violento contra o erotismo mercantil, e lúcido contra a provocação hedonista».

GALERIA 111
Campo Grande

CRUZ FILIPE, «continuidade poética de um espírito barroco ecoante para outra estética de redundância figurativa».

GALERIA BUCHHOLZ
Rua Duque de Palmela

ANTÓNIO PEDRO, evocação de uma obra pela apresentação discutível de algumas pinturas.

GALERIA INTERFORMA
Av. Casal Ribeiro

CARLOS LANÇA, uma poética esgotada que procura a urgência de uma afirmação.

GALERIA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS
Fundação C. Gulbenkian
Av. de Berna

ESCUPTORES ITALIANOS, com pequenos bronzes, numa exposição heterogénea mas actual e significativa.



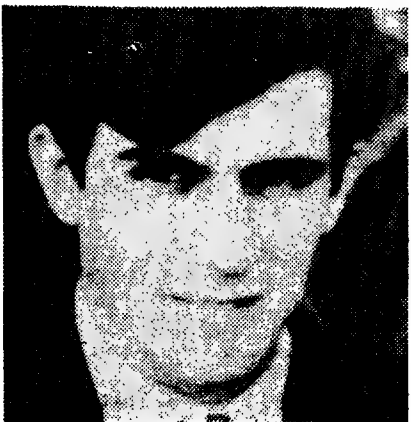
PRONTUÁRIO DAS LETRAS

Uma semana de edição: Viva Bocage!

Uma semana de edição para dar conta do importante, do interessante e do que nem isso nem coisa nenhuma, antes pelo contrário. Começamos pelas «Opera omnia» de Bocage, de que acaba de sair o primeiro volume com a chancela da Bertrand. Um voto apenas: que sejam «omnia», isto é, tudo o que Bocage escreveu. Quanto a este volume, não nos parece exagerado o preço (45\$00) — embora Bocage completo por essa quantia é que talvez estivesse bem se não fosse (paciência...) uma utopia. Demos a deixa só porque se trata de um clássico.

De registar também são «Le Morgado de Mateus, éditeur des Lusitadas», de Anne Gallut, obra integrada na Collection Portugaise (sous le patronage de l'Institut Français au Portugal) e que traz uma dupla identificação: editorial: Klincksieck (Paris) e Bertrand (Lisboa); a colectânea de estudos vários «Sob os plátanos de Cós» (Ática), ensaios de cultura e de crítica do prof. Eduardo Coelho, que era em 7-9-1968 o médico assistente do dr. Oliveira Salazar e anuncia precisamente como estando em preparação o volume «Salazar visto pelo seu médico»; e a versão portuguesa do Grande Prémio da Literatura Juvenil Escandinava de 1963, «Eu sou o David», de Anne Holm (Livros Civilição).

Para além de Julio Verne («A esfinge dos gelos», II vol., na Bertrand), para além de Somerset Maugham e outros («Antologia de contos famosos», I vol., nas Publicações Novo Mundo), para além da reedição — salvo erro — de «Os amantes do Tejo», de Kessel (ainda na Bertrand), uma curiosidade: Guimarães Editores lançaram os «Antepassados, vendem-se», de Joaquim Paço d'Arcos. Custam 40\$00.



Gastão Cruz: entrevistado

«O que interessa é estar à frente»

No «Comércio do Funchal» do passado domingo veio entreter-nos publicando uma entrevista com Gastão Cruz. Tema: «A poesia portuguesa — em dia». É inútil transcrevê-la nesta secção, que não foi pensada para isso, mas algumas passagens merecem simultaneamente a meditação, e o registo. Vamos então propor:

«Não existe (...) uma equipa de críticos bem informados, e actualizados, e inteligentes, e exigentes, capaz de pôr as coisas nos seus lugares. Isso dificulta, naturalmente, a afirmação dos autores jovens com qualidades, que não encontram um conjunto de vozes competentes a chamar a atenção para eles.»

«Há mais poetas em Portugal do que ficcionistas, por exemplo — é um facto. E não é só isso: há talvez mais poetas de qualidade do que ficcionistas de qualidade.»

«Quanto a mim, a poesia portuguesa de hoje nasceu com a década de 40.»

«Todavia, em todos os domínios da actividade humana o que interessa é estar à frente e não repetir passivamente experiências já feitas e refeitas. Muita poesia de intenção realista socobrou devido a um falso entendimento do realismo, isto é, a ter-se suposto que era possível criar uma arte realista que não fosse, simultaneamente, arte de vanguarda.»

«Quer queira, quer não, o artista, nomeadamente o poeta, não poderá (...) enraizar a sua linguagem senão no mundo em que vive — e isto é, parece-me, comprometer-se com ele.»

A poesia com e sem (homenagem)

A poesia sem: «dois braços abertos», de Orlando César (colecção Janela Aberta, n.º 1, Amadora, 1970), e «A cidade no mar», de Eduardo Camara (edição do autor, Lisboa, 1970), poetas ambos no início mas cada qual já provido de um tom que nos deixa na expectativa. A poesia com: Santos Cravina, a homenagear esta noite na Casa do Algarve por iniciativa do Cénaculo Poético Marquesa de Valverde. Santos Cravina — este é o motivo — vai fixar residência em Espanha. «Ay pena, penita pena!»

De alguns motivos heróicos

Saiu o n.º 314 da revista Coimbra «Vértice», correspondente ao mês de Março. No índice, entre outros, os nomes de João Amaral Nogueira, Rui Namorado, Jacques Alibert, Soveral Martins e António Luís Landeira. De Torres Vedras veio «Oeste-Cultura», suplemento cultural do jornal «Badalada», dirigido por D'Andrada Santos, e no qual se fala de Redol, Sérgio, Palma-Ferreira, Maria Judite de Carvalho, Romão Correia e Novo Cinema Brasileiro. De Castelo Branco, pertina (desde o começo), chegou-me um «Ao km — Zero», que o poeta José Correia Tavares insere regularmente no jornal «Reconquista».

O albanês e outros

Lá de fora, enfim, algumas notícias: na casa Albin Michel saiu o primeiro romance albanês já traduzido em França, «Le général de l'armée noire», de Ismail Kadare; e Gallimard lançou, também em território(s) de língua francesa «Les écrits de Sartre», importante recolha bibliográfica de Michel Contat e Michel Rybalka; as Ediciones Losada, de Buenos Aires, publicaram (e esgotaram em 15 dias) o novo romance de Miguel Angel Asturias (Maladrón); enfim a editora italiana Einaudi propôs um novo Gad-da (Carlo Emilio), «La disarmonia prestabilita».

Balanco da semana: Bocage (*), Gastão Cruz (*), «Vértice»; um albanês; Asturias, Sartre (*), Gadda.

Leia o NEO-ROMANTISMO movimento literário de SANTOS CRAVINA

CAMUS

a nostalgia do Paraíso Perdido

por João Perestrelo

NA FACULDADE DE LETRAS da Universidade de Lisboa, falou o professor Paul Viallaneix, de Clermont-Ferrand, sobre «La Genese de l'Oeuvre de Camus». Primeiro estudioso das letras que teve acesso aos papéis pessoais de Albert Camus, prepara uma publicação dedicada ao «Premier Camus». Conhece toda uma série de escritos inéditos do célebre escritor francês, desde ensaios e tentativas de juventude até ao último romance que a morte veio interromper nas mãos do escritor.

Na sua conferência, ouvida por uma dezena de docentes e mais de 250 alunos no anfiteatro II da Faculdade de Letras, começou Viallaneix por sublinhar a característica fundamental de Camus: a fidelidade. Onde, a sua queixa pela ausência de amigos. Tornou-se figura célebre sentindo-se rodeado de admiradores, cada um querendo arrancar-lhe a sua parte;

não notava amigos, que fiel e desinteressadamente o amassem. Em contraste com um Gide, a quem interessa a novidade de cada momento que passa, em como que oposição à esperança cristã, projectada no futuro, Camus procura ser fiel a si mesmo, é nostálgico, saudosista do passado: procura, em fidelidade, o paraíso perdido.

O fundo enraizamento de toda a sua obra na Argélia da sua origem, a saudade pelo seu país natal, sempre patente na sua obra, são prova bastante.

Mas a sua nostalgia saudosista não é uma atitude puramente sentimental, é algo de verdadeiramente espiritual, é fidelidade numa inspiração platónica ou mais exactamente, plotínica.

O próprio Camus teve disto perfeita consciência, como se pode ler no prefácio à reedição a «L'Envers et l'Endroit» (1958), quando observa,

ao reler o seu livro, que nele se encontra o modelo (em sentido platónico), de toda a sua obra. É esta atitude espiritual que o leva ainda a afirmar «mon œuvre n'est pas encore commencée».

Sintomático, nesta linha, o romance que Camus escrevia no momento da morte — e que deverá ser publicado dentro de um ou dois anos: «Le Premier Homme».

O PRIMEIRO CAMUS

A palavra que a todo o momento surge no jovem Camus é «classitude». Cansado de si mesmo, das suas lutas, das doenças e, especialmente, daquela «recherche gémiste» (Pascal) de um Deus que nunca encontra.

Por volta de 1932, proclamando-se artista e não escritor, vê na arte a evasão à dureza da vida: o sonho alienante... É o sonho que esconde todos os horrores da vida; é o sonho do poeta que



CRÍTICA

por Ca

ria em entender o espectáculo posto noutros termos e no consequente desinteresse que manifesta por esses termos. Ora, é precisamente esse ponto de vista que nos obriga a ser, dentro de certas medidas e de certos pesos, relativamente implacável em relação a uma actividade que tende a manter e a explorar as coisas tal como estão (se admitirmos que o raciocínio está certo), não procurando lutar contra elas, como lhe compete, em função das atribuições e das responsabilidades que lhe são inerentes. O público português é vítima involuntária e inconsciente duma situação que o impede de assumir uma personalidade actuante. Desprovido de informação estética desde os bancos da escola, onde poderá encontrar quem procure lutar contra essa situação? Nos artistas e nos críticos, cremos nós. Se os artistas abdicaem (por razões que podem ser perfeitamente respeitáveis) dessa missão de esclarecimento e de consciencialização, compete aos críticos (ou aqueles que os substituem) alertar, ao mesmo tempo esses artistas e os seus existentes ou potenciais consumidores.» (3)

O teatro é uma realidade que como tal existe e como tal tem que ser analisada, embora não possa deixar de ser perspectivada na sua totalidade. Ao aceitar (e,

FAZER CRÍTICA de teatro nas condições em que entre nós é feita implica inevitavelmente a aceitação de determinadas regras de jogo. Posição incómoda e arriscada porque essas regras são impostas por um conjunto de circunstâncias que ultrapassam o âmbito em que se circunscreve a acção da crítica. Pode dizer-se que essa posição está entre a pura contestação dos que patelam até uma «Reliquia» (por exemplo) (1) e o conformismo expresso pelo dr. Luiz Francisco Rebelo em artigo neste mesmo jornal publicado (2) (conformismo no sentido de repúdio das formas violentas e indiscriminadas assumidas por essa contestação e daquela parte da crítica que as apoia).

Este artigo, que agora especialmente me interessa, dá, a meu ver, uma imagem falsa da nossa crítica de teatro por não ter em conta as diferenças que definem aqueles que, bem ou mal, a praticam. Santo-me autoriza a levar o problema, apesar da minha participação nessa prática, porque o articulista não equaciona a problemática crítica de teatro em Portugal em termos de qualidade mas em termos de deontologia e de eficácia, insurgindo-se contra aquilo a que chama «fúria demolidora de alguns jovens críticos».

Pela minha parte, devo confessar que quando uso essa «fúria demolidora» o faço em nome de convicções que me parecem ao mesmo tempo pertinentes e respeitáveis, e que resumirei nestes termos (lamentando ser obrigado a repetir o que noutras circunstâncias escrevi):

«A justificação que, normalmente, se apresenta por o mau teatro que por cá se faz, reside na incapacidade que o nosso público manifesta-

res
ria
N
cor
fes
sor
ali
gin
ex
ten
um
fad
sus
mu
tór
rea
par
ca»
é
Am

por
mo
as
aci
mo
em
tá-
do-
pos
do-
côe
do
fel
taç
coi
del
me
vin
rec
me
jos

(
co
do
re
se
jô
aô
qu
lin
n
(p
co
coi
ris
m



Albert Camus: um testemunho universal

resgata todas as misérias do pobre.

No entanto, o Camus conhecido, tem que confessar-se, é a antítese do sonhador. Para isso aliás, faltar-lhe-ia a imaginação, cuja ausência explica o fracasso da sua tentativa de escrever uma série de contos de fadas, em 1934, para a sua mulher, a quem muito agradavam as histórias feéricas. Camus, realmente, não nascera para a «evasão fantástica».

É a leitura da obra de André Richaut, «La dou-

leur», que o revelou a si mesmo. Neste romance se conta o amor de um oficial alemão por uma francesa, viúva de oficial francês, morto no começo da guerra, e mãe de uma criança; é ao lê-lo que Camus se encontra situado e personificado, ao mesmo tempo que se lhe torna claro que a literatura é muito mais capaz de libertar, conjugada com o testemunho, do que a simples evasão do sonho.

É assim que o primeiro Camus, em vez de sonhador, se revela uma

testemunha. «L'oeuvre est un avent. Il me faut témoigner» (1935).

O primeiro tema do seu testemunho é a pobreza. Em «Les voix du quartier pauvre» recolhe vozes. Não reconstitui ambientes, não protesta formalmente (isso fá-lo-á como jornalista, p. ex., na «Alger républicaine»).

Esta voz literária, que não é «um cri du coeur», mas literatura autêntica, não é conquistada por Camus do dia para a noite. Três anos de trabalho

Cont. na pág. 7

UMA HISTÓRIA DA (LOCAL) ARQUITECTURA MODERNA

Folhetim artístico de José-Augusto França

...NÃO propriamente uma História, antes uma história. Não temos, como os ingleses, a «history» e a «story» para resolver o caso, e receio bem que o leitor esteja a ser induzido em erro. Involuntariamente, de certo — mas, também, que crença a dele, em ser possível haver uma História quando não há historiadores! E andando a sabedoria que temos, da arquitectura de outrora, em bolandas, como supor que, de repente, aparecesse um conhecimento da mais recente? Se o leitor se enganou ao ver o título deste folhetim — a culpa não será inteiramente minha, tão-pouco da nossa Língua. Por mim, dou-lhe o que tenho à mão, e com a mão na consciência, creio que esta história (que dedico ao Arquitecto em questão), pode convir à História que algum dia se faça. Tem valor semântico e explica muita coisa. Como passamos a ver.

ERA uma senhora muito simpática. Viúva e sem filhos, tinha só sobrinhas, e bem casadas. Chamemos-lhe D. Irene; entre cinquenta e cinco e sessenta anos, bem tratados, sem cuidados de «coquetterie», mas com benefícios de boa vida, farta e sem imaginação. Fora capitalista do marido (um enfarto, coitado!) e deixara-lhe quotas em lojas da Baixa, camisarias e coisas assim. Muitas acções, também, e alguns prédios com rendas antigas. Uma economia doméstica organizada, com surpresas bem calculadas ao fim de cada exercício.

Não tinha a D. Irene a inspiração do marido para reempregar os lucros anuais em novas fontes de felicidade. Era uma boa senhora, só com sobrinhas (e da parte dela) como já disse. Aos cinquenta e cinco para sessenta anos resolveu construir uma vivenda. Chamava-lhe ainda «vivenda», algumas vezes moradia; jamais lhe passaria pela cabeça dizer «villita». Quanto a palacete, não se tratava disso.

Vivenda, ou moradia, fora coisa que nunca o marido quisera. Viviam, e bem, num terceiro andar da Avenida da República, num prédio que recebera um prêmio Valmor e lhes não pertencia. A renda antiga que pagavam não era envenenada com reclamações de inquilinos vizinhos — e era essa, quanto ao marido da D. Irene, a melhor solução. D. Irene não concordava mas calava, ou esquecia mesmo, boa senhora como era. Só às vezes a ideia da vivenda lhe vinha ao espírito. E agora mais, que estava sózinha no 3.º andar da Avenida da República.

Uma vivenda, e na linha. De resto, tinha um terreno que estava há anos a medrar, perto de Carcavelos, a dois passos da estação.

UMA vivenda, pois. D. Irene, paz-de-álma, cordata e de bom viver, tinha mais personalidade do que se poderia supor, até olhando para a tranquilidade expressa dos seus cinquenta e cinco para sessenta anos. Personalidade — e metendo-se-lhe uma coisa na cabeça, era assim.

O falecimento do marido dera-lhe, de resto e necessariamente, uma certa força ao seu bom senso, e vira-se capaz de decidir coisas de cuja existência nem suspeitava, ainda há pouco. Agora o caso era de uma vivenda ou moradia — e D. Irene lá resolvê-lo, decididamente.

Por exemplo, nada de «antiga portuguesa». Apesar da sua idade e da sua formação de boa senhora, D. Irene não gostava desse gosto. Não que o detestasse ou que tivesse algo de esteticamente definido contra ele; mas achava tranquilamente que eram precisas coi-

sas novas. Dizia «coisas» e não «formas», é claro, mas mesmo assim era de bomvar.

Foi isso que a levou a encomendar a moradia a um jovem arquitecto. Conheceu-o em casa dos sogros da sobrinha mais nova, perfeitamente por acaso, o conhecê-lo e o ele lá estar naquela tarde. Mas simpatizou com o moço, que lhe pareceu modesto e acertado.

— O senhor Arquitecto faça tudo a seu gosto. Dê-me só um orçamento de «x» (e disse os contos), e, por amor de Deus, não vá mais além. Que nestas coisas, o senhor Arquitecto bem sabe, uma senhora só tem que ter cuidado. O que eu não quero é intervir na obra...

O Arquitecto sabia e era rapaz sério. Fazer uma obra a seu gosto, sem intervenção do proprietário, era coisa que nunca lhe acontecera nem esperava poder algum dia suceder-lhe. Empenhou-se pois no projecto (que levou à D. Irene e que ela devolveu com um sorriso — que destas coisas não percebia nada. Só quis saber onde ficava o quarto dos hóspedes — e insistiu que tudo fosse a seu gosto, que o senhor Arquitecto é que sabia) — e logo na construção correu bem, sem atropelos nem emendas. Casa seria, o Costa & Santos.



E a casa fez-se; a «vivenda». Um edifício moderno, discreto, com volumes bem planeados, jogando no espaço em redor, criando zonas de estada e de circulação, com uma lenta mobilidade nas fachadas, como convinha ao género da propriedade. Tudo isso fez a satisfação do arquitecto — milagre que caíra do céu, nesta casa que podia apresentar como sua e fazer reproduzir na revista «Arquitectura» com o pequeno estudo analítico que merecia.

PRONTA a vivenda, D. Irene, que só fora ao local quando os caboucos começaram a ser abertos e a colocação do pau de fierra (mas era no Inverno e começara a chover, com desespero do jovem arquitecto que levava também a noiva, precisamente uma cunhada da sobrinha de D. Irene, história que entretanto se organizara, à margem da nossa) — pronta a vivenda. D. Irene foi vê-la. E gostou.

Gostou sinceramente. Estava bonita, dentro daquilo que era ou podia ser o seu gosto. Tinha a sua «vivenda», e isso lhe importava e dava a maior satisfação à sua vida de boa senhora.

Branco, edifício recortava-se bem na paisagem. Branca, a vivenda. E só então a D. Irene interveio.

O senhor Arquitecto, agora, vai-me fazer uma vontade. Uma só vontade.

— Oh, senhora D. Irene...

— Bem viu que lhe deixei fazer tudo a seu gosto...

— Pois, Senhora D. Irene...

— Então o senhor Arquitecto vai-me fazer um favor...

— Com certeza, por quem é (não, o arquitecto não disse «por quem é»; não tinha idade para isso) — por quem é, senhora D. Irene...

— É que eu gostava da vivenda toda pintada de azul, que é a cor do manto de Nossa Senhora!

(A) - CRÍTICA

por Carlos Porto

por condição, não podemos deixar de o fazer) as regras de jogo a que acima me referi, estamos a aceitar o contexto em que se insere. A aceitá-lo, embora discutindo-o, dentro do que é possível, embora negando-o nas suas implicações. Contudo, a análise do teatro que se vê é feita a partir dessa aceitação de princípio que, como vimos, não pode deixar de conter (peço menos para mim) o movimento dialéctico da sua recusa. A isso, exactamente, chamel regras de jogo.



O que nós não podemos (creio) é deixar de compreender a atitude dos que não aceitam as regras de jogo (porque se recusam a aceitar o jogo, ou por outras razões), dos que se negam aos compromissos, dos que só admitem o jogo limpo: um outro teatro numa outra sociedade (portanto, regido por outras regras). Sem essa compreensão, corremos o risco de não entender os movimentos contestatários.

rios nem medir o seu alcance nem atingir os seus objectivos. E sem esse entendimento como poderemos criticá-los?

Quando se contesta um mau espectáculo (seja uma comédia de «boulevard» seja um Paço d'Arcos, para aceitar os exemplos utilizados pelo dr. Luiz Francisco Rebelo) contesta-se sobretudo um espectáculo. Quando se pateta um bom espectáculo (vamos admitir que «A Relíquia» é um bom espectáculo, o que é pelo menos discutível) contesta-se o espectáculo. Contesta-se o teatro não apenas como manifestação de criatividade mas no seu contexto sociocultural (escolha de peças, preços de bilhetes, publicidade, organização dos meios produtores), no seu significado político (relações com o sistema, formas com que o nega ou combate, a sua recuperabilidade) na sua função de produto de consumo e, portanto, inevitavelmente, consumível, como muito bem diz o autor do artigo (públicos que atinge, sua participação possível, públicos que poderia atingir, regras de coerência que respeita ou não).

Sem se compreender, repito, que a recusa da aceitação de um espectáculo de (possível) qualidade representa, antes de tudo, a recusa em aceitar as estruturas em que aquele assenta, não

Cont. na pág. 7

NOVIDADES LITERÁRIAS

Stéphane Groueff

Dominique Lapierre.
OS MINISTROS DO CRIME

O poder terrível de homens que são a vergonha e a angústia da América de Hoje
Coleção Documentos de Todos os Tempos
Ilustrado
— 60\$00 —

Joseph Kessel

OS AMANTES DO TEJO
Um drama violento e duro tendo como cenário a cidade do Tejo
Coleção Antologia Universal
— 40\$00 —

Everard M. Upjohn, Paul S. Wingert e Jane Gaston Mahler

HISTÓRIA MUNDIAL DA ARTE

VI volume — Ilustrado
Síntese da arte de todo o mundo
Coleção Enciclopédia de Bolso

Bertrand
— 4\$500 —

Júlio Verne

A ESFINGE DOS GELOS
II volume — Ilustrado

O espírito aventureiro dos homens desvenda o segredo da insólita natureza dos gelos antárticos
Coleção Júlio Verne
— 2\$500 —

Manuel Maria Barbosa du Bocage

ÓPERA OMNIA

I volume

O mais valioso subsídio para a compreensão do grande poeta
Normal: 4\$500
Especial: 10\$000

LIVRARIA BERTRAND

Conversação na editorial

Cont. da pág. 1

lla», Vargas Llosa almoçou com Lyon de Castro, José Cardoso Pires (seu colega no King's College londrino) e João-Palma Ferreira (seu divulgador e, creio, tradutor), para estar pouco depois nas instalações da editora à Rua das Flores, onde o esperavam Mário Dionísio, Vergílio Ferreira, Urbano Tavares Rodrigues, José Fernandes Fafe, Maria Teresa Horta, Rogério de Freitas e Fernando Moreira Ferreira.

Sabia-se que a «conversação na editorial» iria durar, se tanto, vinte minutos. Ficámos por sessenta: o barco tinha chegado muito tarde e havia problemas editoriais a resolver. Dai um tiroto cruzado, embora amável.

— Está radicado em Inglaterra, não é verdade?

— Estou no King's College. Com Cardoso Pires.

— Os ingleses apreciam a moderna literatura latino-americana?

— Os ingleses descobriram a América Latina há pouco tempo: quatro ou cinco anos. Nas Universidades Inglesas os cursos latino-americanos eram, até então, simples apêndices, dos cursos espanhóis. Agora é diferente. O interesse está a começar, embora seja menor do que na França ou na Alemanha.

— Você doutorou-se em Espanha com que tema?

— Fiz uma dissertação sobre Rubén Darío. Hoje Darío é uma figura arqueológica: «se burlam de él». Mas eu tenho muita admiração por Darío, acho que poetas como Neruda ou César Vallejo não teriam sido possíveis sem ele.

— Há uma certa unidade na literatura latino-americana, não há?

— Pelo contrário, há uma diversidade enorme... (vidé segundo parágrafo).

— E Jorge Luis Borges: não acha que tem o seu quê de europeu?

— Na Argentina acusam-no disso, de ser um europeizante, um expatriado intelectual. Mas para os meus colegas do King's College ele é tão exótico, digamos, como Ricardo Güiraldes!

— Os franceses adoptaram-no...

— Adoptam tudo o que é bom, «no»?

ESPAÑHÓIS A DEFESA

Aos 16 anos Mario Vargas Llosa estreia um original dramático na cidade de Piura: é o começo da (fulgurante) carreira, (continuada em 1958 com «Los Jefes» (Prémio Leopoldo Alas, do nome do autor de «Adiós, cordera!») e mais tarde com «La ciudad y los perros» (1962. Prémio Biblioteca Breve do mesmo ano e Prémio da Crítica do ano seguinte) «La casa verde» (1965, Prémio da Crítica e Prémio Internacional de Literatura Rómulo Gallegos de 1966), «Los cachorros» (1988) e «Conversación en la Catedral» (1989), de que as P. E. A. vão traduzir os dois compactos volumes.

Estudante pós-graduado em Espanha, Vargas Llosa é ali que fundamenteiramente publica (na casa Seix Barral, de Barcelona) Porquê? «Por motivos editoriais», responde: o livro espanhol tem uma difusão bastante grande, chega a todos os países da América Latina. Aliás, o fenómeno repete-se com outros autores. Gabriel García Márquez («Cien años de soledad») é um



Llosa: «Qué bárbaro!»

exemplo também flagrante.

Sucedem, entretanto, que os romancistas espanhóis começam a ter os seus colegas latino-americanos «até aqui».

— A sério?

— Ah, sim! — replsa Vargas Llosa. — Desde há uns meses que está em curso uma campanha contra os latino-americanos. Chegou a dizer-se isto: «han venido a quitarnos el pan»!

Aparte de Lyon de Castro:

— Para os portugueses não há uma audiência paralela no Brasil.

Vargas Llosa: — Vocês aqui lêem muito os brasileiros?

Lyon de Castro: — Aqui lêem-se só três autores brasileiros—Lins do Rêgo, Erico Veríssimo e Jorge Amado.

— O quê, e Guimarães (Rosa) nada?

— E lido por uma minoria.

Falou-se ainda de outros temas, como o da possível marca que a estadia do peruano em Inglaterra pode («qué sabemos?»), respondeu) deixar na sua obra. Mas o mais curioso de todos surgiu quando Vargas Llosa abriu esta brasa para a discussão:

— Para mim estar em

Inglaterra não cria qualquer problema de desperuanização (dito por outras palavras, claro). A distância é até estimulante. Depois, tenho só cinco ou seis horas de aulas por semana...

Estupefacção geral. Um dos presentes falou então em vinte, vinte e duas, vinte e quatro. Foi a vez de Vargas Llosa abrir a boca toda:

— «Qué bárbaro!»

E sem mais, mesmo com o risco de as pessoas não me acreditarem, quatro e meio da tarde: o pano corria sobre a conversa e os cálices de Porto, dando origem a esta crónica (1) que vai devidamente assinada por um leitor de Vargas («Los cachorros») Llosa

FERNANDO ASSIS PACHECO

(1) — «Inglaterra/ se funda en los niños y errantes/ Los juristas/ y los ocultos usureros/ los buenos ciudadanos/ y el impaciente suicida/ construyen/ la seguridad del Imperio» (Heberto Padilla, «Londres»).

Esclarecimento de Ernesto de Sousa

Cont. da pág. 2

em matéria de cinema não é uma tarefa fácil. Ao longo deste ano que aflige o S. L., del algumas voltas que se incluem no tal Processo, mas também num processo de aprender, uma espécie de meta-processo:

a) Preocupado com o problema da comunicação filmica com um espectador activo, logo não espectador mas participante, desloquei-me a um Festival de Arte Colectiva em Itália, organizado pela Sincron, em Peio. Ai contactei com Bruno Munari, que é um grande investigador estético. (Liam-se as excelentes reportagens da Maria Antónia Palla, que também esteve em Peio, publicadas no «Século Ilustrado»). Claro, fiz esta viagem de estudo à minha exclusiva custa.

b) Em Dezembro passado organizei com o Jorge Peixinho e um abnegado grupo de profissionais e amadores — operadores estéticos



—, no Clube de Teatro de Alges, Primeiro Acto, um exercício de comunicação poética. Esse exercício foi colocado sob a égide da poesia de Almada, e chamava-se precisamente NÓS NÃO ESTAMOS ALGURES — NÃO FALEMOS SEM ALICERCES, frases da «Invenção do Dia Claro» e que deviam ser meditadas por muita gente. Esta produção foi autofinanciada, além da ajuda do Primeiro Acto.

c) Fui a Londres e a Paris, onde contactei com diversos grupos de cinema e de teatro de vanguarda entre outras coisas para estudar um processo de comunicação que, obviamente, condiciona o trabalho de origem. Tudo à minha custa.

7. Vale a pena demonstrarmos um pouco sobre o exercício realizado no Primeiro Acto. Foi uma das mais apaixonantes experiências que tenho orientado nos últimos tempos. Os ensaios de expressão corporal duraram cerca de seis meses. Ai experimentámos alguns meios, processos e formas decisivas para o nosso trabalho: projecções simultaneas, associação de aconteci-

mentos teatrais a acontecimentos musicais, envolvimento (com um poema de Almada). Hiberdade relativa de participação do espectador e toda a sua difícil problemática, autofinanciamento (com a venda de um cartaz do Calhau, baseado numa frase da «Invenção», e sortido de exemplares fotocopiados desta obra esgotada), convívio (as sessões terminavam em ceia) e debate não dirigido. Houve efectivamente muita discussão, e além de aberta esta «obra» foi mesmo obra polémica... Pois muito bem, além da «Flama», de uma pequena nota na «Capital», houve um magnifico silêncio na imprensa. Dois jornalistas sabemos nós que saíram a meio. Não gostaram, legitimamente, e não foram os únicos. Mas era discutível ou não, algo de novo, e pelo menos por aí apaixonante. Para que se não pense que sou o unico a pensar assim, citarei certos de duas opiniões, das muitas que se gravaram:

Escultor José Rodrigues, professor da E. S. B. A. P.: «Nós somos um país em que criticamos muito e não fazemos nada... não temos a tradição da experiência, somos um país de académicos... adiro a tudo o que fizeram e apaixonome...»

Escritor Oscar Lopes: «É o primeiro acontecimento deste género em que participe... sinto a presença de um problema, sinto a presença de uma necessidade. Isto criou-me a necessidade de outras experiências deste género...»

Foi portanto um trabalho novo que faz parte do processo que temos referido, e que foi realizado para melhor nos consciencializar acerca daquilo em que estamos a trabalhar.

8. Agora só falta acrescentar um pedido: ajudem-nos a trabalhar bem e a vontade. A trabalhar bem — com o vosso apoio, o apoio que nunca reeamos e é nossa norma pedir à Cidade. A vontade — isto é, sem as vossas reticências. E até breve a todas as letras do alfabeto, com um abraço.

ERNESTO DE SOUSA

P. S. — Quanto ao projecto editorial, continua como projecto, se dão licença. Entretanto alguma água correu por baixo das pontes do Tejo, e em breve sairá — segundo fulgo — o livro que o José-Augusto França está escrevendo sobre Almada.

Recuperar a ficção

Cont. da pág. 1

tes utilizados, «o ensaio de forma», digamos, eleva os romances de Vargas Llosa a uma posição excepcional e permite-lhe que se oponham à saturação e falta de vivacidade da ficção europeia posterior ao *nouveau roman*. Evocação, monólogo interior, narração simultânea em 1.ª, 2.ª e 3.ª pessoas, intercepção do passado no presente, fugas para um descriptivismo castilista e, por vezes, «irrealmente» borgiano, aproveitamento de diversas personagens que se cruzam nos destinos da obra numa tela de situações desesperadas, coloquialismos peruanos, digressões até um miserabilismo local mas raramente exótico, eis alguns desses ingredientes. Mas o mais importante é talvez o mais decisivo é a linguagem, essa espessa, vasta, ondulante linguagem que se torna difficilimo transpor para o português. De uma subtilidade agudissima que nos deixa atónitos, a «facilidade» de Vargas Llosa no plano linguístico permite-lhe uma manobrabilidade total na recupera-

ção da ficção. Num simples diálogo, as alusões marginais enriquecem-se de tal modo que a simultaneidade das acções deixa de ser um problema e quase atinge o plano do virtuosismo. Por esse mesmo processo a acção joga-se sempre numa verdadeira corrida alucinante, numa derivação quase labirintica, embora lógica, verosimil e convenientemente ocasional.

Em vinte ou trinta páginas de *Conversación en La Catedral* somos introduzidos, salvo erro, em cerca de dez a quinze ambientes diferentes que vão desde a cena de rua a um parque sanitário, do «café», à casa doméstica, do lar paterno à taberna de camionistas...

A crueza das situações a violência fantástica das descrições, a virilidade rompante das personagens são obtidas por uma linguagem que vibra como uma corda tensa, plasma compacto que é a quinta-essência desta grande «recuperação» da literatura de ficção.

JOAO PALMA-FERREIRA

TEILHARD DE CHARDIN

ESCRITOS DO TEMPO DA GUERRA

É assombroso ver um homem, que serviu como maqueiro em terríveis combates e vivia a maior parte do seu tempo na lama das trincheiras, aproveitar brevíssimos períodos de repouso para lançar ao papel notas e planos e redigir ensaios versando os mais altos problemas.

(do Prefácio)

DO ÍNDICE

A Vida Cósmica ☐ A Luta Contra a Multitude ☐
O Eterno Feminino ☐ O Padre ☐ Os Nomes da Matéria

COLEÇÃO DOCUMENTOS HUMANOS
VOL. DE 308 PÁGS. — 70\$00

PORTUGÁLIA EDITORA

A FILOSOFIA NO SÉCULO DA CIÊNCIA

REFLEXÕES FILOSÓFICAS SOBRE O EXISTENCIALISMO, O MATERIALISMO DIALECTICO E A CIÊNCIA

PELO
PROF. F. PINHO DE ALMEIDA

ATLÂNTIDA EDITORA
EM TODAS AS LIVRARIAS — 40\$00



O TEATRO DE Oa5

	AB	CP	FM	JB	JSM	MM	MA	MHDM	ON	UTR
A Celestina (Fernando de Rojas) ... TEATRO CAPITÓLIO	2	1	2	—	0	—	3	3	2	3
A Relíquia (Eça de Queiroz) TEATRO MARIA MATOS	3	3	3	—	3	4	4	4	3	3
A Forja (Alves Redol) TEATRO LAURA ALVES	2	2	—	1	0	2	3	3	2	3
Pobre Milionária (Marcel Mithois) ... TEATRO MONUMENTAL	—	1	2	0	—	2	2	1	1	—
O Vison Voador (R. Connby Chapman) TEATRO VILLARET	1	—	—	1	—	1	—	1	0	1
Quando ela se despiu (C. Magalhães) TEATRO VARIEDADES	1	0	—	0	—	1	—	0	0	0
Prato do dia (A. Nazaré-J. Viana) ... TEATRO MARIA VITÓRIA	—	1	1	3	—	3	—	3	2	2
Pega de Caras (P. Fonseca, C. Oliveira, R. Bracinha) TEATRO ABC	—	0	0	0	—	0	0	0	0	0

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AB (Alexandre Babo, Jornal de Notícias); CP (Carlos Porto, Diário de Lisboa e Notícias); FM (Fernando Mideis, Rádio G Televisão); JB (Joaquim Benite); JSM (Jorge de Silva Melo, Jornal de Letras e Artes); MM (Manuel Magro, Diário Popular); MA (Manuela de Azevedo, Diário de Notícias); MHDM (Maria Helena de Mesquita, A Capital); ON (Orlando Neves, República); UTR (Urbano Tavares Rodrigues, O Século e Seara Nova).

Crític(a)-Crítica

Cont. da pág. 5

se poderá aceitar (nem entender a atitude (aparentemente inconsequente e contraditória) dos que contestam. Correr-se-á o risco de serem cometidas injustiças, de lançar a confusão, de destruir o que até possa ser útil, de afinal, meter no mesmo saco o que se contesta e o que contesta? Há sempre um risco a correr e, nestas circunstâncias, mais vale pecar por excesso do que por carência. Ou, para repetir a terminologia do



dr. Luiz Francisco Rebelo, mais vale ultrapassar o alvo do que não o atingir porque o alvo deve ser colocado sempre

mais longe, cada vez mais longe.

Sem pretender puxar a brasa para a minha sardinha, não quero, pois, deixar de sublinhar a importância de que se reveste a atitude puramente contestatária dos espectadores que começam por recusar as estruturas em que assenta o nosso teatro, nem quero deixar de reivindicar o direito de como crítico apoiar e defender essa atitude.

Por tudo isto, não vejo razão para nos sentirmos melancólicos com ela. Trata-se de um assunto de vitalidade que faz com que seja possível acreditar de novo na possibilidade de em Portugal o teatro ser mais do que o exercício (quase sempre débil) que actualmente é.

CARLOS PORTO

- (1) V. «SL» de 26-2-70.
- (2) V. «DL» de 7-4-70.
- (3) V. «Vida Mundial» de 26-9-69.

Albert Camus

Cont. da pág. 5

separam a «Vieille femme malade qu'on abandonne pour aller au cinéma», ensaio que faz parte das «voix du quartier pauvre» e a «ironia», primeiro capítulo de «l'Envers et l'endroit». O despojamento descritivo, notável no ensaio, torna-se austeridade. Desaparecem os pormenores, desaparece a própria identificação dos sujeitos pela vida interior, pessoal, falam apenas os factos, situações e comportamentos.

Em Camus, o testemunho definitivo é tudo quanto há de menos romanesco e, por isso mesmo, é justa — em certa medida — a afirmação de que Camus não é um romancista. A preocupação da sua obra é de testemunhar, e é tudo. Até por isso o seu testemunho é universalista. A pobreza, tal como surge em «l'ironie» é a pobreza universal e não a da Argélia, menos ainda a de determinado bairro em Mondovi.

O pobre, que é um homem como outro qual-

quer, é aquele que não pode «fazer batota» no jogo da vida.

A pobreza, em Camus, torna-se assim no laço secreto que une o sim e o não do seu testemunho. Pobreza radical, comum a todos os homens que, finalmente «rèstent seuls devant la mort» (Pascal).

Este ponto de partida explica a austeridade literária do estilo de Camus, que renuncia a todo o patético, ao falar da pobreza, tal como se abstém de qualquer pitoresco para apresentar o esplendor da vida. A sua fidelidade é luta contra a facilidade do exotismo, em contraste com Gide, com a moda argelina, com a literatura mediterrânea.

Mas este seu enraizamento na pobreza, não o leva à negação do esplendor da vida. Muito pelo contrário, a vida vale a pena ser vivida. E é daí que resulta a «ambiguidade» estrutural do testemunho de Camus. Ambiguidade que não nega a fidelidade, porquanto não é motivada pela

«prudência» fácil, mas resultante do dramatismo da vida real. A vida que é «um déchirement entre l'oui et le non» como presente já em 1933.

A sua obra processa-se em ritmo binário, reconhece que o homem não pode sucumbir à tentação fácil de cair em «heresia», a heresia pascaliana, resultado da má escolha entre o sim e o não. A verdadeira opção será dialéctica, pois é preciso guardar, do sim e do não, aquilo que eles apresentam para guardar. Camus sempre se recusou a pronunciar uma escolha contraditória, sempre se recusou a cair em heresia.

É isto que se encontra em «l'Envers et l'endroit» (1937), é isto que se encontra na sua dramática divisão interior durante a guerra da Argélia. Camus nunca foi um radical. E, também por isso, o testemunho de Camus é universal, no seu despojamento literário quase total e também na sua radical ambiguidade.

JOAO PERESTRELO

Kubelka em Lisboa

CONFORME já aqui anunciámos, o austriaco Peter Kubelka, fundador do «New American Cinema», pronunciará amanhã, 17, pelas 18 e 30 horas, no Instituto Alemão (Av. da Liberdade 222-2, entrada livre), uma conferência sobre o Novo Filme Experimental ilustrada pelos seguintes filmes de sua autoria:

Mosaico confidencialmente

Adebar
De Schwechat
Arnulf Rainer
A nossa viagem a África

Kubelka considera que o cinema actual é quase exclusivamente utilizado para representar conceitos e temas extracineamatográficos e que, por consequência, o cinema como meio de expressão

não pôde ainda realizar-se a si próprio; por isso os temas que intrinsecamente contém, não puderam ainda ser expressos.

Para Kubelka, o meio expressivo não é definido pela película mas pelo feixe de luz que, gerado no projector em movimento e interrompido 24 vezes por segundo, se concentra na tela. Não é a comunicação do movimento, mas sim a da luz e da obscuridade o que, simultaneamente, constitui verdadeiro conteúdo e materialização. O mesmo conceito se aplica ao «tom da luz» que se emprega em cinematografia.

Kubelka concorda com o aplaudido e contestado teórico de informação, o canadense Marshall Mc

Luhan, que afirma categoricamente: «O meio é a Mensagem».

Desta afirmação Kubelka tira consequências radicais. De que espécie elas são, demonstramos o seu filme datado de 1960 e dedicado ao pintor Arnulf Rainer. O título da obra é, precisamente, «Arnulf Rainer» e o filme consiste apenas em gradações de branco e negro que devem entender-se como um murmúrio de claro e escuro. Durante seis minutos e meio este material é submetido a variações em conjugação com o ritmo-base de 24, segundo uma «Partitura» em que está determinada com precisão a função da mínima imagem individual, da mais minúscula unidade do filme.

VENÇA NA VIDA POR SI PRÓPRIO

DESPENDENDO APENAS MENSALMENTE 163\$30

SEM FIADOR ENTRADA INICIAL

A Philips, sempre na vanguarda do Progresso, proporciona-lhe a aprendizagem de uma nova língua, em novos moldes. Em sua casa, nas horas vagas, pode aprender ou aperfeiçoar, com um mínimo de esforço, a língua que deseje pelo moderno



MÉTODO AUDIO ACTIVO COMPARATIVO

DOS CURSOS DE LÍNGUAS

PHILIPS
E
VISAPHONE



- Cursos individuais com características de laboratório de línguas — o aluno conversa com o professor e corrige a pronúncia.
- Seis línguas à sua escolha — Inglês, Francês, Alemão, Italiano, Espanhol e Russo.
- Gravador LCH 1000 que, além de servir para o curso, pode ser utilizado como qualquer outro.



PARA QUAISQUER ESCLARECIMENTOS, DIRIJA-SE A UMA DAS DUAS LOJAS

VAPEDRONE

54 — Rua da Vitória — 56 Tel. — 35613
17 — R. dos Fanqueiros — 19 Tel. — 35614

e brevemente
Av. Almirante Reis — 82 - A
LISBOA

dois livros que deve ler...



AS REVOLTAS DOS JOVENS — J. Joussetin — Col. JUSTIÇA E PAZ — Preço: 45\$00

Se queremos continuar senhores dos nossos destinos, temos de afrontar a realidade — qualquer que ela seja — com lucidez e vontade. Um número crescente de homens já nos chama a essa vigilância. As reacções e as revoltas dos jovens não serão essa, por excelência, dessa necessária advertência? Não nos sublinham os jovens com uma particular acuidade a urgência de encontrar efectivamente a realidade?

NA SENDA DA POESIA — RUY BELO — Col. ENSAISTAS CONTEMPORÂNEOS Preço 50\$00

Ruy Belo não tem limitado a sua actividade literária à prática da poesia, traduzida já na publicação de quatro livros. Ao longo de mais de dez anos, tem colaborado na imprensa com ensaios e artigos, dos quais neste livro se reúnem os que mais significativamente versam sobre a poesia. São ensaios teóricos uns, de aplicação outros, todos eles alimentados por uma reflexão sobre a poesia em que o autor mostra consciência dos problemas humanos ao nível da expressão literária particularmente contemporânea.



No caso de não encontrar estes livros no seu livreiro, envie o seu pedido para UNIAO GRAFICA — Rua Santa Marta, 48 — Lisboa — Telef. 44 19 1, e receberá, à cobrança, os exemplares que desejar.

O CINEMA

segundo

Polonsky

No próximo domingo, dia 19, pelas 11 horas, no cinema Vox, com o patrocínio do ABC Cineclube de Lisboa, antestreia-se em Portugal «O Vale do Fugitivo» (Tell Them Willie Boy Is Here), segundo filme de Abraham Polonsky em vinte anos de carreira, e maior parte da qual involuntariamente silenciada.

Cineasta profundamente ligado ao cinema tradicional americano e à sua lição de sobriedade formal e linearidade expositiva, Polonsky é um realizador da acção que admira John Ford, Allan Dwan, Samuel Fuller ou Raoul Walsh. Acrescente-se a isto a sua visão lúcida do mundo e dos conflitos que nele explodem e em que Polonsky generosamente procura intervir, oferecendo o contributo do seu pensamento. «Willie Boy» é, neste aspecto, um filme transparente, para além da complexidade do seu «script».

Tentando familiarizar o público português com as ideias e a obra de Abraham Polonsky, transcrevemos seguidamente alguns excertos de uma longa (e admirável) entrevista que o autor concedeu à revista francesa «Positif».

LAURO ANTÓNIO

VER O ÍNDIO como um animal selvagem ou como um nobre selvagem é, nos dois casos, uma atitude racista. Houve quem me dissesse que Katharine Ross não parecia uma índia. Ora isto é racismo. Já seria uma pergunta válida se

o que quisessem saber fosse porque é que não escolhi uma índia para este papel. Mas o que é que sabem as pessoas sobre os índios de 1909? A mestiçagem era grande. Alguns assemelhavam-se a brancos, tinham até olhos azuis. Aconte-

ce que as pessoas esperam uma imagem que corresponda às suas ideias preconcebidas: pequena, entroncada, nariz achatado, pele escura. Mas, se se pegam nas fotografias das índias da High School e se se puserem ao lado da de Katharine Ross não se pode distinguir quem é índia e quem não é. Há uma enorme variedade de rostos.

Aos cineastas de hoje que com extrema simpatia pelos índios os representam sempre nobres e torturados, eu prefiro John Ford. É que na realidade eles não são nada disso. São como nós. Tem, sim, um problema muito grave: nós tirá-los das terras e as fontes de subsistência e agora que gostamos um pouco mais deles queremos dar-lhes uma educação de homens brancos que eles não querem aceitar porque o que lhes interessa não é serem integrados, mas voltar a ser índios.

UMA FORMA DE ACÇÃO

Actualmente há uma recusa da acção no cinema porque muitas pessoas que estão familiarizadas com a arte moderna exigem que o cinema a imite e passe pelas mesmas fases evolutivas: a destruição da história no teatro, do objecto na pintura. Também se destrói a história quando se cria alguma coisa simbólica, porque nada se passa mas cada acontecimento representa outra coisa. Quando se mata simbolicamente alguém, ninguém morre. Não tenho objecções a pôr a este género de filmes, não defendo sistematicamente a arte tradicional, gosto mesmo de pesquisas complexas. Mas sigo o meu próprio caminho. Gostava só que as pessoas soubessem que eu me aper-



Polonsky



«Willie Boy», de Polonsky: fuga quase bíblica

cebo também que nem tudo é simples. Para mim a simplicidade é um meio, como é um meio para elas a complexidade. É eficaz? Aqui reside o problema. Se a obscuridade é suficientemente clara, que se utilize a obscuridade! É simplesmente um meio, não é uma solução para o problema do universo. Interesse-me pouco pela angústia metafísica.

ARGUMENTO/REALIZAÇÃO

Já vi o argumento como uma forma literária independente. Seria, então, um poema (o que não pode acontecer, claro, quando se limita a uma série de conselhos sobre a rodagem do filme). Deve existir por si próprio. Não é o filme que deve ser um poema, mas a planificação, a partir da qual devem poder fazer trinta filmes segundo as interpretações diferentes que lhe der o cineasta. Podem tratar-se os diferentes elementos de um filme como, em matemática, os conjuntos que existem por si e não têm re-

lações com os outros conjuntos, a menos que estejam colocados num sistema único. Pode ter-se um conjunto de diálogos, um conjunto de movimentos de actores, cada um tratado independentemente. Foi isso que tentei fazer em «Force of Evil», enquanto que em «Willie Boy» tentei ocupar-me do todo.

Rejeito o símbolo e a alegoria. Muitas vezes os símbolos estão presentes na nossa obra sem que nos apercebamos disso porque o pensamento é abstracto e simbólico, como se aprende na lógica. A análise do pensamento moderno chama-se lógica simbólica.

REJEITO O SÍMBOLO

Por mim tentei ter no meu filme (Willie Boy) o menor número possível de símbolos. Nenhuma coisa representa outra. Mas nesta história há muitas coisas. É um «western» autêntico que pertence a um género de que eu gosto particularmente porque sou ameri-

cano. Estão nele os mitos do Oeste, mas também os anti-mitos. Tem na realidade mais mitos do Oeste que um filme de John Ford. É isto porque Ford está no interior destes mitos, ao passo que eu estou de fora. John Ford sente o Oeste de uma maneira profunda, diz a verdade na medida em que a conhece, mas a sua verdade — deixando de lado o seu estilo, que é admirável — é limitada ao mundo em que ele vive, o Oeste que ele criou e cujo mito ele ajudou a perpetuar, mito que todo o mundo adoptou. Há um mito do Oeste. Para os americanos, é o paraíso perdido. Para os índios, é o genocídio. Logo que um americano aceita a ideia de que este paraíso perdido não foi senão o massacre dos índios, o mito começa a desaparecer, dando-lhe possibilidades de vislumbrar o verdadeiro Oeste: a conquista de uma terra por estrangeiros que se apoderaram de tudo o que encontraram não deixando sequer aos habitantes a sua identidade.

Biofilmografia

ABRAHAM POLONSKY nasceu em Nova Iorque a 5 de Dezembro de 1910. O pai era um judeu de origem russa, membro da «Internacional», homem que acreditava na Razão, na Civilização e no Socialismo. «Admirava Puchkine e Lord Byron», diz Polonsky, «ouvia falar com interesse de Rimbaud e morreu cínico».

Polonsky frequentou a Escola de Direito de Columbia e entre 1932 e o início da guerra, leccionou no City College de Nova Iorque. Paralelamente a esta actividade, colaborou como «story assistant» em duas séries de rádio, escreveu emissões para Orson Welles e a C.B.S. Escreveu ainda um romance — «The Discoverers».

Depois de 1941, Polonsky passa o conflito mundial na frente e trabalha na O.S.S. Após a desmobilização, torna-se o único representante dos argumentistas de cinema na Paramount e publica várias novelas, entre as quais «A Little Fire», sobre a bomba atómica.

Em 1948, depois do sucesso de um argumento seu — «Body and Soul», Polonsky foi convidado por John Garfield a realizar «Force of Evil», obra que trás várias consequências: falhanço comercial, em virtude da ruína da casa produtora e convocação do seu autor perante a House Unamerican Activities Committee.

Polonsky viu um projecto logo ali abortar (uma película para Sol C. Siegel) e daí em diante, durante 20 anos, nunca mais conseguiu assinar qualquer obra. Percorreu a França e a Inglaterra, terminou dois romances — «The World Above» e «A Season of Fear», que se ligam directamente à caça às feitiçarias — e trabalhou no Canadá e na América anónimamente, em TV.

«Willie Boy» que estreou, em 1969, é o seu segundo filme. Tal como Albert Maltz, Dalton Trumbo e Michael Wilson, também Polonsky pode, finalmente, na América que é a sua terra, assinar com o seu nome um filme a que os produtores lhe deram, no seu próprio dizer, inteira liberdade de acção.

● ARGUMENTOS QUE ESCRVEU:

1947 — «Golden Earrings», de Mitchell Leisen, com Ray Milland e Marlene Dietrich;
1948 — «Body and Soul», de Robert Rossen, com John Garfield e Lili Palmer;

1951 — «I Can Get it for you Wholesale», de Michael Gordon, com Susan Hayward e Dan Dailey;

1967 — «Madigan», de Donald Siegel, com Richard Widmark e Henry Fonda (argumento profundamente alterado pelos produtores);

● FILMES QUE ESCRVEU E REALIZOU

1949 — «Force of Evil», com John Garfield e Beatrice Pearson;

1969 — «Tell Them Willie Boy is Here» («O Vale do Fugitivo») com Robert Redford, Katharine Ross, Robert Blake e Susan Clark.



O CINEMA QUE VEMOS

	AC	APV	DL	EG	JCM	JVP	LA	MML	SS	VST
Michael Kohlhaas, o Rebelde (V.Shlon-dorff)	3	0	3	3	0	3	4	—	0	2
A Aventura (Michelangelo Antonioni)	—	2	5	3	1	4	4	5	2	—
Os Maridos de Elisabeth (Joshua Logan)	3	4	2	2	3	3	3	2	3	—
O Cow-Boy da Meia Noite (Schlesinger)	0	0	2	2	0	4	3	2	0	0
Com a Corda na Garganta (Tinto Brass)	—	—	—	0	0	—	—	0	0	—
A Ovelha Ranhosa (L. Salce)	—	—	—	0	—	0	0	—	—	—
As Noites Quentes de Lady Hamilton (C. Jacques)	—	—	—	0	—	—	0	0	—	0
Justine (George Cukor)	—	0	—	1	1	0	1	2	—	0
Como Casar a Nossa Filha (A. Sordi)	—	—	—	1	0	0	0	0	—	—
A Grande Competição (James Goldstone)	2	2	2	3	—	3	3	2	—	2
A Rapariga do Auto-Stop (Peter Hall)	2	—	2	2	2	—	3	2	2	—
Encruzilhada para uma Freira (J. Buch)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
O Destino Marca a Hora (H. Campos)	0	0	—	0	0	—	0	0	0	0
Jules et Jim (François Truffaut) (1)	4	5	—	—	4	—	5	—	4	—
Willie Boy (Abraham Polonsky) (2)	—	3	—	3	3	3	4	—	3	—

Os números: 0 (Abominável); 1 (Banal); 2 (Com certo interesse); 3 (Bom); 4 (Mesmo bom); 5 (Excepcional).

OS VOTANTES: AC (Adelino Cardoso, Rádio e Televisão e Diário Popular); APV (António Pedro Vasconcelos, Jornal de Letras e Artes); DL (David Lopes, ABC Cine Clube de Lisboa); EG (Eduardo Geada, A Capital e Vértice); JCM (João César Monteiro, O Tempo e o Modo e O L.); JVP (José Vaz Pereira, Diário Popular, Seara Nova e D. L.); LA (Lauro António, D. L. e programa «PBX»); MML (Manuel Machado da Luz, Seara Nova e D. L.); SS (Seixas Santos, Diário Popular) e VST (Vitor Silva Tavares, D. L.).

(1) A exibir dia 20, na S. N. B. A., pelo ABC Cineclube (21.45 h.).

(2) A exibir, em ante-estreia, no Vox, dia 19, pelo ABC Cineclube (11 da manhã).